



Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
Programa de Pós-Graduação em Economia
Mestrado Profissional em Economia

RAFAEL NUNES RODRIGUES

**UNIVERSIDADE PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: uma percepção por
meio da dispersão geográfica dos ingressantes à UnB**

Brasília - DF
2017

RAFAEL NUNES RODRIGUES

UNIVERSIDADE PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: uma percepção por meio da dispersão geográfica dos ingressantes à UnB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Economia, Departamento de Economia da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Economia, área de concentração: Gestão Econômica de Finanças Públicas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Andrea Felipe Cabello

Brasília - DF

2017

RAFAEL NUNES RODRIGUES

UNIVERSIDADE PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: uma percepção por meio da dispersão geográfica dos ingressantes à UnB

Dissertação apresentada ao Departamento de Economia da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Economia, área de concentração: Gestão Econômica de Finanças Públicas.

Comissão Examinadora formada pelos professores:

Profª Drª Andrea Felipe Cabello
Professora-Orientadora

Profª Drª Carolina Lopes Araújo
Professora Examinadora

Prof. Dr Luis Antônio Pasquetti
Professor Examinador

Brasília, 22 de junho de 2017

Tudo posso Naquele que me fortalece.

AGRADECIMENTOS

Ninguém se torna Mestre sozinho. E comigo não foi diferente. Serei eternamente grato a todos aqueles que colaboraram para que esse meu sonho profissional se tornasse realidade. À Universidade de Brasília, em especial à FUP, meu adorável local de trabalho e que me proporcionou realizar esse mestrado. Agradeço a Deus, sempre, pois sem Ele não sou nada e não posso nada e por ter colocado em minha vida todas as pessoas que citarei aqui. Agradeço aos meus pais pelo dom da vida, por todo carinho e amor dedicados a mim durante esses 31 anos e por toda dedicação a minha educação. Às minhas irmãs Valéria e Andreia, por minha alfabetização e por esta ser minha revisora oficial de textos. Aos meus grandes amigos Assis Castro, Lucas Lima e Caio Felipe, por toda atenção e disponibilidade quando precisei. A Ivone, por todo carinho e cuidado com meus filhos em momentos que mais precisamos. A minha sogra Tereza Abud e ao meu cunhado Alex Abud por toda atenção e incentivo. Aos meus colegas de turma Newton, Alice, Renato e Fred pelo companheirismo. Ao Prof. Dr Luis Antônio Pasquetti, pelo apoio ao início desse projeto. Ao meu chefe Professor Dr Marcelo Bizerril por ter me disponibilizado condições para a realização desse trabalho. A Professora Dr^a Carolina Lopes Araújo, pela honra de compor a banca. A minha querida Professora Andrea Felipe Cabello, pelo constante apoio, disponibilidade, atenção e colaboração, tornando esse trabalho possível. E àqueles aos quais dedico essa tão suada vitória, que dão o verdadeiro sentido a minha vida e que estão sempre comigo: meus lindos filhos Davi Abud Rodrigues e Theo Abud Rodrigues. Pedacos de mim. E a minha companheira, amada e guerreira esposa, a quem escolhi para viver por toda minha vida, Seid Monteiro Abud, meu exemplo de luta, determinação e dedicação e por todo carinho e paciência que teve comigo nesses 2 anos de mestrado. A todos vocês, meu muito obrigado. Essa vitória é nossa.

RESUMO

O presente estudo buscou investigar a dispersão geográfica dos ingressantes dos cursos de graduação presenciais na Universidade de Brasília. Foi analisada a correlação entre o número de vagas ofertadas pelos *campi* e o número de calouros das respectivas regiões de influência, além de identificar a probabilidade de um morador desta região, ao ingressar na UnB, estudar na respectiva região. Ao todo foram aproveitados dados de localidade de residência de 92.095 calouros ao longo de 2002 e 2010, a partir do CEP de cada ingressante. Foram criados gráficos de dispersão geográfica por meio de bolhas proporcionais sobrepostas a mapas do DF, entorno e do Brasil a fim de testar as duas hipóteses sugeridas neste trabalho, de que há dispersão interna (DF e entorno) e externa (estados brasileiros). Ao fim, identificamos por meio dos testes estatísticos e pela análise descritiva dos mapas, que há dispersões geográficas em todas as extensões territoriais analisadas, já que a Universidade vem atraindo cada vez mais um público que por diversos motivos não se configurava entre os ingressantes, provavelmente graças às estratégias adotadas pela UnB, como a incorporação do sistema de cotas, a construção de três *campi* e a adesão ao SISU. Tais estratégias foram implementadas a fim de promoverem o desenvolvimento econômico nas localidades extremas, principalmente naquilo que concerne a formação de capital humano.

Palavras-chave: Ingressantes da UnB; Dispersão Geográfica; Educação; Universidade Pública; Crescimento Econômico; Cotas; SISU; *campi*.

ABSTRACT

The present study sought to investigate the geographic dispersion of undergraduate students attending the undergraduate courses at the University of Brasília. It was analyzed the correlation between the number of vacancies offered by the campuses and the number of freshmen of the respective regions of influence, besides identifying the probability of a resident of this region, when joining UnB, to study in the respective region. A total of 92,095 freshmen were used throughout 2002 and 2010, based on the ZIP code of each newcomer. Graphs of geographic dispersion were created by means of proportional bubbles superimposed on maps of the Federal District, Brazil, and Brazil, in order to test the two hypotheses suggested in this study, that there is internal (DF and surroundings) and external (Brazilian states) dispersion. Finally, through the statistical tests and the descriptive analysis of the maps, we have identified that there are geographic dispersions in all the territorial extensions analyzed, since the University has been attracting more and more an audience that for several reasons was not among the newcomers, probably Thanks to the strategies adopted by UnB, such as the incorporation of the quota system, the construction of three campuses and the adhesion to SISU. These strategies were implemented in order to promote economic development in extreme locations, especially in what concerns the formation of human capital.

Key words: UnB incipients; Geographic Dispersion; Education; Public university; Economic growth; Quotas; SISU; Campuses.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Ingressantes do DF no <i>campus</i> Darcy Ribeiro (2002 A 2005)	62
Mapa 2 Ingressantes do DF nos 4 <i>campi</i> (2006 A 2009)	63
Mapa 3 Ingressantes do DF nos 4 <i>campi</i> (2010 A 2012)	63
Mapa 4 Ingressantes do DF nos 4 <i>campi</i> (2013 A 2015)	64
Mapa 5 Ingressantes do entorno do DF no <i>campus</i> Darcy Ribeiro (2002 A 2005) ...	67
Mapa 6 Ingressantes do entorno do DF nos 4 <i>campi</i> (2006 A 2009)	67
Mapa 7 Ingressantes do entorno do DF nos 4 <i>campi</i> (2010 A 2012)	68
Mapa 8 Ingressantes do entorno do DF nos 4 <i>campi</i> (2013 A 2015)	68
Mapa 9 Ingressantes dos estados brasileiros nos 4 <i>campi</i> (2010 A 2011)	73
Mapa 10 Ingressantes dos estados brasileiros nos 4 <i>campi</i> (2012 A 2013)	74
Mapa 11 Ingressantes dos estados brasileiros nos 4 <i>campi</i> (2014 A 2015)	75
Mapa 12 Ingressantes na FUP (2006 A 2008)	78
Mapa 13 Ingressantes na FUP (2009 A 2012)	80
Mapa 14 Ingressantes na FUP (2013 A 2015)	81
Mapa 15 Ingressantes na FCE (2008 A 2011)	85
Mapa 16 Ingressantes na FCE (2012 A 2015)	86
Mapa 17 Ingressantes na FGA (2008 A 2011)	90
Mapa 18 Ingressantes na FGA (2012 A 2015)	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Previsão de recursos para os novos <i>campi</i> da UnB	18
Tabela 2 Candidatos que passariam com ou sem o sistema de cotas	30
Tabela 3 Proporção de calouros da região de abrangência dos <i>campi</i>	56

Tabela 4 resultados dos testes de correlação de Pearson/Spearman.	57
Tabela 5 proporção de vagas preenchidas por calouros da região	57
Tabela 6 <i>campus</i> de ingresso x região de abrangência - Planaltina	58
Tabela 7 <i>campus</i> de ingresso x região de abrangência - Ceilândia	58
Tabela 8 <i>campus</i> de ingresso x região de abrangência - Gama	58
Tabela 9 Proporção ingressantes de outros Estados	61
Tabela 10 variação de ingressantes à UnB por período - Distrito Federal.	65
Tabela 11 variação de ingressantes à UnB por período -- Entorno do DF	70
Tabela 12 variação de ingressantes à UnB por período - Estados do Brasil	76
Tabela 13 variação de ingressantes FUP por período	82
Tabela 14 variação de ingressantes FCE por período	87
Tabela 15 variação de ingressantes FGA por período	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 objetivos específicos e estratégia metodológica utilizada	49
Quadro 2 características de composição dos mapas	55
quadro 3 cidades do entorno do df com baixo nº de ingressantes na unb	71

LISTA DE ABREVIATURAS

FUP Faculdade UnB Planaltina
FCE Faculdade de Ceilândia
CGA Faculdade do Gama
SISU Sistema de Seleção Unificado
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC Ministério da Educação
Reuni Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das
Universidades Federais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Formulação do problema.....	16
1.2 Objetivo geral	16
1.3 Objetivos específicos	17
1.4 Justificativa.....	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1 Educação e Desenvolvimento	19
2.2 Universidade Pública e o desenvolvimento local	20
2.3 SISU.....	25
2.4 Sistema de Cotas Universitárias	27
2.5 REUNI	31
2.6 Criação e expansão da Universidade de Brasília.....	33
2.6.1 - Faculdade UnB Planaltina - FUP	38
2.6.2 - Faculdade UnB Ceilândia - FCE	40
2.6.3 - Faculdade UnB Gama - FGA	41
2.7 Capital Humano e crescimento econômico	42
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	47
3.1 Tipo e descrição geral de pesquisa.....	47
3.2 Tipos de coleta de dados	51
3.3 Procedimentos de análise dos dados.....	52
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	56
4.1 Correlação número de vagas ofertadas <i>versus</i> número de calouros	56
4.2 Relação ingresso de calouro no <i>campus</i> local	57
4.3 Relação Ingressantes na UnB de outros estados e SISU	61
4.4 Ingressantes do Distrito Federal	62
4.5 Ingressantes do Entorno do Distrito Federal	66

4.6 Ingressantes dos Estados do Brasil	72
4.7 Calouros da FUP de 2006 a 2015	77
4.8 Calouros da FCE de 2008 a 2015	85
4.9 Calouros da FGA de 2008 a 2015	89
5 CONCLUSÕES	95
REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO

Diversas são as contribuições que uma Universidade proporciona à sua região de influência. Dentre essas, uma universidade possui um papel fundamental para a sociedade que é promover desenvolvimento socioeconômico da sua região e entorno. Esse desenvolvimento provém do fluxo de gastos atribuído à operação da universidade, bem como do aprimoramento na formação de capital humano e no aumento da base tecnológica de determinada região (BLACKWELL; WEINBERG, 2002).

Como a universidade contribui de forma significativa para o desenvolvimento socioeconômico de um determinado local, as universidades públicas, segundo Dourado (2004), a cada dia vêm buscando a sua extensão e a interiorização por meio da criação de vagas, constituindo assim em mecanismos de parcerias. Isso tem proporcionado condições de estímulo ao desenvolvimento local, pela oferta de bases administrativas, físicas e técnicas para a realização de programas de cursos de graduação, para a fixação e formação de profissionais qualificados no local, além da realização de cursos de extensão visando melhorar o desempenho dos profissionais locais.

A presença de uma universidade em determinado local é papel fundamental principalmente na formação do capital humano local, uma vez que a presença dessas instituições atrai a população local a ingressar na universidade (ROLIM; SERRA, 2009).

Nesse contexto de contribuição universitário, o capital humano, peça fundamental numa economia, segundo os ensinamentos de Rego (2011), sempre será uma das parcelas mais ricas e promissoras do potencial de uma sociedade, assim como a parcela mais qualificada. Sendo assim, a educação assume a função de caráter estratégico, estruturante no processo de desenvolvimento local.

Ainda Rego (2011) defende que o desenvolvimento dos países está relacionado com o seu nível de educação, já que os países mais desenvolvidos são, em geral, detentores de um nível de instrução mais elevado ou os que gastam relativamente mais com a educação e, em paralelo, toda a insuficiência neste domínio constitui um obstáculo ao desenvolvimento.

A Universidade de Brasília tem como um de seus objetivos atender à demanda da população do DF e entorno, por oportunidades de acesso à educação superior pública. Desse modo, a UnB assume o papel de aceleração do processo de desenvolvimento socioeconômico e científico da região (BIZERRIL; GUERROUÉ, 2012).

As características do público que ingressava na Universidade de Brasília até o início dos anos 2000 eram formadas por maioria branca, provindos de escolas particulares, pertencentes às classes média e alta e moradores do centro de Brasília (DEG/UnB, 2013). Na contramão ao cenário citado, a população negra (pretos e pardos) no Distrito Federal em 2000 representava 49,8%, segundo o IBGE (2007). Já os estudantes que cursavam nessa mesma época o nível médio, 85% frequentavam escolas públicas com apenas 15% em instituições particulares. E as regiões que trazem maiores taxas de crescimento populacional, desde 1991, são as regiões mais periféricas do DF, como Recanto das Emas, Santa Maria, Riacho Fundo e São Sebastião e as regiões do Entorno, em especial Luziânia, Santo Antônio do Descoberto e Planaltina de Goiás (CAIADO, 2013).

Esse crescimento populacional do Distrito Federal e entorno foi significativo nos últimos vinte anos, sendo um dos maiores do País, tornando assim as políticas públicas ineficientes para atender às necessidades básicas da população (MORHY, 2005).

Partindo desse perfil do público universitário, que contraria os objetivos da Instituição em questão, junto à necessidade de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento regional do DF e entorno, a UnB começa no início dos anos 2000 a tomar decisões políticas de inclusão social, fazendo um esforço deliberado em captar ingressantes à Universidade daqueles indivíduos que, até então, não configuravam como candidatos às vagas oferecidas por esta instituição.

Uma das atitudes tomadas voltadas a expansão universitária, no âmbito do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), além do Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI), de 2002 a 2006, foi a ampliação do acesso na educação superior, em nível de graduação, principalmente com a criação de três *campi* universitários da UnB. Em Planaltina foi criada a Faculdade UnB Planaltina (conhecida como FUP) em maio de 2006. No segundo semestre de 2008, foram criadas a Faculdade UnB Ceilândia -

FCE (em Ceilândia) e a Faculdade UnB Gama - FGA (no Gama). Cada um dos três *campi* oferecem cursos específicos relacionados às suas características regionais.

Voltado para a busca da igualdade de oportunidades de acesso universitário, foi implantado na Universidade de Brasília no segundo semestre do ano de 2004, o sistema de cotas raciais, o qual previa uma reserva de 20% das vagas de graduação aos autodeclarados negros (DEG/UnB, 2013).

Quanto a decisões voltadas para a busca de democratização de acesso ao ensino superior público no Brasil, assim como para a diversificação e mobilidade acadêmica, foi instituído pelo MEC por meio da Portaria Normativa nº 2, de janeiro de 2010, o Sistema de Seleção Unificada (SISU), o qual visa selecionar candidatos de outros estados a vagas nos cursos de graduação da Universidade de Brasília que aderirem ao citado sistema, sem precisarem se deslocar para o DF para realizarem o vestibular, utilizando assim como medida de ingresso na UnB a nota do ENEM. Foi aderido então pela Universidade esse Sistema no ano de 2014.

Partindo desse contexto universitário referente à Universidade de Brasília, que tem aderido estratégias com o intuito de ampliar a sua região de influência em termos territoriais e buscado assim diversificar seus estudantes, referente a questões locais, raciais e sociais, este trabalho trará como objetivo geral investigar a dispersão geográfica dos ingressantes na Universidade de Brasília.

Para analisar essa dispersão proposta, será preciso a obtenção de dados secundários relacionados à localidade onde residem todos os alunos que ingressaram na Universidade de Brasília desde o ano de 2002 até 2015. A partir dessas informações, será possível identificar o quantitativo de ingressantes na Universidade por cidade, verificando assim se houve um aumento significativo do número de moradores das regiões de abrangência dos *campi* de Planaltina, Ceilândia, Gama, após a construção destes, como também verificar a dispersão geográfica dos ingressantes moradores de outros estados.

A Faculdade UnB Planaltina, conhecida como FUP, é um dos 4 *campi* que compõem a Universidade de Brasília, fruto de um Plano de Expansão que teve como objetivo atender à demanda da população do DF e entorno, por oportunidades de acesso à educação superior pública e permitir que a UnB assumisse o papel de

aceleração do processo de desenvolvimento socioeconômico e científico da região (BIZERRIL; GUERROUÉ, 2012).

A Faculdade UnB de Ceilândia foi criada com o desafio de ampliar e criar cursos na área de saúde, em consonância à missão da Universidade de Brasília e à experiência da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB. Atualmente oferta os cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia, Terapia Ocupacional e Saúde Coletiva.

Já o Campus da Universidade de Brasília no Gama foi criado em agosto de 2008 ofertando anualmente 560 vagas para os cursos de Engenharia Aeroespacial, Engenharia Automotiva, Engenharia Eletrônica, Engenharia de Energia e Engenharia de Software. Teve como um dos objetivos atender tanto a população local quanto à sua região de abrangência, como Ceilândia, Santa Maria, São Sebastião, Paranoá, Riacho Fundo, Riacho Fundo II e Samambaia, bem como os municípios de Cristalina (GO), Santo Antônio do Descoberto (GO), Cabeceira Grande (GO) e Unaí (MG).

Este trabalho se dividirá em três partes. De início, relacionada à pesquisa teórica, serão apresentadas teorias conceituais de determinados autores que sustentarão o tema central, tais como educação e desenvolvimento, universidade e desenvolvimento local, os programas governamentais SISU, sistema de cotas e Reuni, expansão universitária e da UnB, fazendo referência aos três *campi*, FUP, FCE e FGA, capital humano e crescimento econômico.

A segunda parte descreve a metodologia utilizada para se atingir ao objetivo proposto, composta por uma pesquisa de dados secundários referentes às informações das localidades de moradia de cada calouro da Universidade para que seja analisado o quantitativo de indivíduos que ingressam na Universidade por cidade, traçando então duas hipóteses, relativas a dispersão dos ingressantes à UnB oriundos do DF e Entorno, e também à dispersão dos recém universitários que são de outros estados.

E por fim, trataremos então a análise e discussão dos resultados obtidos.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A problematização envolvida nesta dissertação refere-se a identificar se foi vantajoso, no aspecto de dispersão, para a Universidade adotar programas com vistas a sua expansão, democratização de acesso e igualdade de oportunidades. Essas decisões tomadas pela UnB, principalmente relacionadas à expansão, por meio da criação dos três *campi*, gerou onerosidade significativa aos cofres públicos, dados altos valores envolvidos relacionados principalmente às construções. Já as decisões adotadas referentes aos sistemas de cotas raciais, assim como a adesão ao SISU, ambas geraram inúmeros debates acerca dessas decisões, principalmente daqueles que não acreditam na eficiência de tais sistemas.

Todo esse dispêndio e transtorno citados poderiam ter sido evitados caso a UnB não tomasse tais medidas de inclusão social. No entanto, pressupõe-se que a Universidade acredita que tais decisões têm sido eficientes, uma vez que ela permanece exercendo tais programas, como iniciativas tomadas em vistas ao crescimento dos *campi*, por exemplo, assim como na continuidade na adoção de cotas e na adesão ao SISU.

Partindo disso, buscar-se-á aqui identificar a dispersão geográfica dos ingressantes nos últimos anos, tentando assim observar se houveram mudanças e/ou deslocamentos significativos das regiões dos novos calouros de cada intervalo de tempo, podendo por essa razão perceber se está ocorrendo uma mudança de perfil dos ingressantes.

A escolha da Universidade de Brasília se justifica pois o fenômeno de busca de dispersão geográfica de seus estudantes não é recente nem tem sido pouco recorrente, haja vista a UnB ser a pioneira em usufruir de sistema de cotas, da busca em se expandir às áreas limítrofes do Distrito Federal por meio dos seus *campi* e por facilitar a ingresso de estudantes de outros estados ao aderir ao SISU.

1.2 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a dispersão geográfica dos ingressantes na Universidade de Brasília.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para se atingir ao objetivo geral, será necessário atingir aos objetivos específicos, tais como:

- I. Verificar a correlação entre o número de vagas ofertadas por cada *campus* e o número de calouros das regiões de abrangência na Universidade de Brasília.
- II. Verificar a probabilidade de um morador da região de abrangência, ao ingressar na UnB, ingressar no *campus* da sua respectiva região.
- III. Verificar se houve um aumento significativo dos ingressantes fora da região de abrangência na UnB a partir do momento em que a Universidade aderiu ao SISU como forma de seleção.
- IV. Ilustrar a localização geográfica dos ingressantes na UnB nas suas respectivas localidades de moradia.

1.4 JUSTIFICATIVA

Podemos justificar este estudo quando consideramos que o crescimento da população da região do entorno do DF nos últimos vinte anos tem sido um dos maiores do País e ocorreu a um ritmo que tornou as políticas públicas ineficientes para atender as necessidades básicas da população, principalmente referentes a qualificação de mão de obra (FUB, 2005).

Estudos recentes demonstram que, em outras regiões do País, o processo de desenvolvimento tornou-se sustentado com o investimento na formação de recursos humanos qualificados pelas universidades públicas. No caso do Distrito Federal, a UnB apresentou importante papel na alavancagem do desenvolvimento local e poderá ter este papel ampliado, expandindo a sua ação a todo o DF e ao Entorno (FUB, 2005).

Assim, o objetivo principal da expansão da Universidade de Brasília é de envolver a UnB no processo de desenvolvimento local, visando reduzir as desigualdades regionais ao realizar de forma descentralizada as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Conforme a FUB (2005),

a ideia é que a presença da Universidade contribua para o desenvolvimento de pesquisas e de atividades de extensão que causem impacto positivo sobre o desenvolvimento local, contribuindo para a consolidação das economias locais. Pretende-se, assim, que as RICs UnB estimulem o desenvolvimento tecnológico da RIDE. Com essa proposta de expansão, a UnB propõe-se a desenvolver atividades de pesquisa e extensão que ao mesmo tempo apoiem a infra-estrutura econômica instalada atendam às demandas regionais e contribuam para atender às necessidades básicas da população residente nas localidades, viabilizando a fixação dos profissionais qualificados na própria região.

Esse envolvimento da Universidade no processo de desenvolvimento local está ligado, dentre os fatores citados, ao processo de qualificação de recursos humanos (capital humano). Assim, este estudo verificará se a UnB tem conseguido proporcionar qualificação a uma maior quantidade de pessoas, a partir da adesão aos programas governamentais adotados nos últimos anos (SISU, Sistema de Cotas e Reuni), onde se buscava democratização de acesso e igualdade de oportunidades..

Vale ressaltar, nesse momento, que o plano de expansão da Universidade (criação dos 3 *campi* universitários), por meio do Reuni e do Programa de Desenvolvimento Institucional (PDI), fora um investimento de elevado valor financeiro, trazendo a efetivação de novos cursos, contratação de professores e servidores técnico-administrativos, envolvendo também a contratação de inúmeros terceirizados. Para estas criações, foram necessárias diversas construções, levando assim a necessidade de aquisição de terrenos nas cidades de Planaltina, Ceilândia e Gama, conforme valores investidos a seguir:

Tabela 1 Previsão de recursos para os novos campi da UnB.

Campi	Recursos para investimento	Professores	Técnicos Administrativos
Planaltina	R\$ 2,5 milhões	100	30
Ceilândia	R\$ 11,0 milhões	140	60
Gama	R\$ 10,5 milhões	140	60

Fonte: UnB, 2008 apud Melo, 2009

Dado todo investimento e esforço em busca do objetivo da expansão em questão, buscaremos esclarecer se foi vantajoso à Universidade se expandir, verificando se a presença da UnB nas cidades de Planaltina, Ceilândia e Gama atraiu a população local e das suas respectivas regiões de abrangência, no ingresso à universidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Iniciamos esse referencial teórico enfatizando a importância da educação para o desenvolvimento de uma sociedade e o papel da universidade em aproximar a educação da comunidade local.

A educação tem provado com o passar do tempo o seu poder em transformar e induzir progressos e mudanças na sociedade. Por conta da dinâmica e da finalidade destas transformações, a sociedade vem caminhando para se tornar uma sociedade do conhecimento, onde a pesquisa e a educação são os principais elementos para o desenvolvimento cultural, socioeconômico e humano do mundo (FAGUNDES; GIROLETTI, 2014).

Severino (2000) reforça essa ideia quando enfatiza que a educação é tanto um objeto priorizado de estudos científicos voltados para a definição de políticas estratégicas para os fins de desenvolvimento das sociedades, bem como mediação básica da vida social das comunidades humanas.

Ainda como forma de ratificar a influência da educação no progresso social, pode-se ainda ser destacado que ela é fator determinante na geração de iguais oportunidades entre os indivíduos de uma sociedade, capaz de elevar a mobilidade social, proporcionando equidade de distribuição de renda. Não é o único fator, porém tem a capacidade em explicar a renda de um indivíduo, papel significativo nas causas que levam desigualdade de renda (BRUNO, 2011).

A educação tem como objetivos, segundo Werthein e Cunha (2005), o desenvolver de forma plena a personalidade humana além de fortalecer o respeito pelos direitos e liberdades humanos.

Outro benefício da educação é que ela é o caminho mais propício para a valorização do indivíduo através do respeito à sua inteligência e à cultura do povo. Vale ressaltar também que educação, além de tudo é um tipo de externalidade positiva quando proporciona elevação da instrução da população, que leva assim à seleção de melhores governantes, onde todos são beneficiados mundo (FAGUNDES; GIROLETTI, 2014).

Deve-se ser levado em conta que, devido às diferenças regionais voltadas à economia, cultura e modo de ser da sociedade, existem então diferentes formas de apropriação de conhecimento por parte de cada indivíduo que compõe sua respectiva sociedade, ocasionando um desigual crescimento econômico nos países e regiões (GALEANO; FEIJÓ, 2011).

No contexto da sociedade do conhecimento, a educação assumiria, portanto, um papel primordial para a construção e disseminação do desenvolvimento regional.. Da ação desses novos profissionais dependeria a melhora nas condições da sociedade e as mudanças nos aspectos socioeconômicos, culturais e humanos. No âmbito do sistema de ensino, a universidade assume atualmente um papel importante no processo de desenvolvimento regional, tanto no sentido econômico, quanto social e humano.

Pode-se então perceber aqui a relevância da educação em proporcionar desenvolvimento para o indivíduo, levando conseqüentemente ao desenvolvimento de toda sociedade. Será proposto a seguir a influência da universidade no processo de desenvolvimento de determinada localidade.

2.2 UNIVERSIDADE PÚBLICA E O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Universidades brasileiras são instituições cujo objetivo é de atender às necessidades do país voltadas ao desenvolvimento socioeconômico, político e cultural.. Por essa razão, encontram-se distribuídas em todo o território nacional levando-se em conta as necessidades de cada localidade, sempre associadas às questões levantadas. Constitui-se como espaço de produção de conhecimento, de acumulação do saber e da formação de profissionais críticos e de pesquisa (BORGES, 2004)

As universidades, em especial as universidades públicas, vêm ganhando destaque pela formação de profissionais qualificados, além do desenvolvimento de pesquisas e prestação de serviços para a população. O planejamento das universidades é composto por ações voltadas à comunidade, associadas principalmente ao desenvolvimento socioeconômico (SANTOS, 2008).

Neste contexto, é importante ressaltar que as universidades são o espaço ideal para a articulação entre o desenvolvimento global, nacional e regional, além de

serem fundamentadas o conhecimento, onde é primordial no desenvolvimento cultural, socioeconômico e ecologicamente sustentável dos indivíduos, comunidades e nações (FAGUNDES; GIROLETTI, 2014).

Essas instituições contribuem de forma significativa para o desenvolvimento regional em três aspectos: na formação do capital humano, nas pesquisas científicas e tecnológicas e dinamização da economia local (LOPES, 2001).

No que se refere à formação do capital humano, as universidades públicas contribuem com o desenvolvimento, pois a qualificação da mão de obra, por meio da formação dos universitários, proporciona aumento da renda do indivíduo, gerando assim melhoria do desempenho econômico e elevação do PIB local, já que a qualificação gera maior produção (FAGUNDES; GIROLETTI, 2014).

Esta teoria, por ser diretamente relacionada ao objeto de estudo deste trabalho, receberá maior atenção no transcorrer desta dissertação, dando assim destaque a este tema.

Referente às pesquisas científicas e tecnológicas realizadas pelas universidades, estas contribuem com o desenvolvimento devido à capacidade de expandir o estoque de conhecimento da humanidade que leva ao surgimento de novos produtos, serviços e empresas (LOPES, 2001).

Outra contribuição significativa da universidade é em proporcionar dinamização da economia local, por meio dos gastos que a universidade proporciona para seu satisfatório funcionamento. Como a economia local está diretamente relacionada aos gastos relacionados a estas instituições como despesas com insumos e investimento (se adquiridas em sua localidade), os *campi* universitários dão dinâmica à economia regional devido à geração de emprego e renda, assim como pela geração de receita tributária (BOVO, 1999).

Esse efeito multiplicador e dinâmico na economia local está relacionado à movimentação financeira referente a salários de funcionários e professores que moram na cidade local, de investimento em obras e equipamentos, aos gastos dos estudantes que vêm de outras localidades, bem como outras despesas de custeio. (BOVO, 1999).

Nesse sentido, Botelho Júnior (2004) informa que toda nova atividade instalada em um local proporciona o chamado efeito multiplicador dos investimentos que

ocasionará um acréscimo dos gastos, uma vez que os trabalhadores gastarão sua renda adquirindo serviços em locais próximos as localidades da universidade, que levará ao aumento do insumo das empresas, e estas por sua vez aumentarão a produção e trarão novos postos de trabalho, gerando assim um aumento no setor de serviços.

Já Schneider (2002) analisa a universidade como um atrativo de grande significância para o surgimento de novas atividades e investimentos locais onde as mesmas são instaladas, quanto ao considerável volume de recursos injetados, seja por meio do salário dos professores e dos técnico-administrativos, seja por meio do consumo efetuado por alunos, gerando assim um efeito multiplicador para a economia local.

Autores como Lopes (2001), Goebel e Miura (2004) e Mathis (2001) concordam que universidades promovem a consolidação do processo de desenvolvimento regional e local, a partir de análises específicas. Goebel e Miura (2004), inclusive, fazem uma análise da influência universitária em proporcionar desenvolvimento, dando ênfase a sua importância tanto na geração de emprego e renda, como também na geração de recursos humanos locais.

Esses mesmos autores destacam os impactos dessas instituições na formação da mão-de-obra qualificada, além do desenvolvimento tecnológico por meio da pesquisa e da extensão e o seu papel na promoção de desenvolvimento de serviços necessários à existência e manutenção do meio universitário.

É importante considerar que estudos de impactos universitários são bastante significativos pela possibilidade de servirem de vetores de planejamento, não apenas para forma de criação das universidades, mas também para as administrações locais pensarem o planejamento e a gestão urbana de suas cidades. Nesses tempos de economias abertas e de globalização, não só um mercado cada vez mais competitivo é levado em conta nem mesmo o elevado grau de desenvolvimento tecnológico e científico, mas também principalmente a educação superior que vem sendo tratada como peça fundamental para o desenvolvimento econômico, social e cultural das nações e, principalmente, das regiões (ROLIM ; SERRA, 2009).

Midlej e Fialho (2005), fazendo percepção da relação entre universidade e localidade, concluem que a Universidade tende a ocupar uma posição fundamental nessa dinâmica, gerando processos de inovação tecnológica, de produção e difusão da ciência e cultura, ocupando lugar fundamental e estratégico no desenvolvimento socioeconômico, dando qualidade aos diferentes níveis de ensino do sistema educacional, como também desempenhando inúmeras funções voltadas à formação acadêmico-profissional.

Nesse caminho, Fagundes e Giroletti (2014) evidenciam o papel fundamental que as universidades exercem no processo de dinamização dos espaços locais, direcionando fluxos e proporcionando uma maior articulação em escala territorial. São elas, instituições que possuem um elevado grau de organização e transformação dos espaços, pois mobilizam recursos humanos e financeiros, que dão dinâmica às economias tanto locais quanto regionais.

No entanto, é verificada também a complexidade na realização dessas tarefas. São inúmeras as barreiras que as universidades encontram no processo de desenvolvimento das regiões onde estão alocadas. Algumas universidades estão mais preocupadas com as questões do conhecimento universal, com temas de interesse do país, formando estudantes para o mercado brasileiro. Essas são aquelas que apenas estão nas regiões. Todavia, existem as que, além de tratar das questões universais e nacionais, também se preocupam na solução de questões específicas das suas regiões, pesquisando os temas das atividades econômicas regionais, como também formam alunos capacitados para os mercados de trabalho das suas regiões e são parceiras dos demais atores locais (FAGUNDES; GIROLETTI, 2014).

É, portanto, visível a importância das universidades para o crescimento econômico local, por ser o canal que liga passado com o futuro, por proporcionar conhecimento e desenvolvimento, que dão sustentação política e econômica ao país. Com o intuito de buscar desenvolvimento econômico no país, foi exigido assim uma participação mais ativa do governo referente à política de ensino superior. Foi percebido que a modernização do país depende não só de empresas, mas também de recursos para seu funcionamento. As universidades teriam esse perfil, e, por essa razão, exerceriam um papel significativo nesse processo (SANTOS, 2008).

Por isso, é papel da universidade buscar diariamente o conhecimento do ambiente do entorno, verificando como vivem os moradores, suas principais necessidades econômicas, sociais e culturais para a partir daí criar seu plano de ação e projetos voltados ao desenvolvimento e melhoria de vida local.

Visto a importância de uma universidade no desenvolvimento da economia local, será abordado a seguir que esse desenvolvimento se dá, também, pela formação do capital humano local. Será então dedicado um capítulo a esse tema, uma vez que é de interesse dessa dissertação identificar como uma qualificação universitária de um indivíduo influencia na sua vida econômica e de sua localidade.

Partindo desse princípio da influência da educação superior ao desenvolvimento econômico, diversas ações voltadas à educação superior pública foram efetivadas pelo Governo Federal nos últimos anos. Assim, daremos ênfase nesse trabalho à Universidade de Brasília em suas tentativas nos últimos anos de promover o desenvolvimento econômico local e regional.

O Governo Federal, com base no compromisso em proporcionar desenvolvimento no Distrito Federal e entorno, percebe a necessidade de criar alternativas, pela UnB, para acesso universitário, tanto aos que residem em locais distantes do Campus Darcy Ribeiro quanto aos que, por diversas razões, sejam econômicas, raciais ou sociais, não conseguem aprovação nos seus temidos e concorridos meios de seleção, ou acreditam que a universidade não é para eles.

Sendo assim, foram adotados pela Universidade, dentre outros, programas voltados a sua democratização do seu acesso, inclusão social e expansão. O primeiro trata-se do SISU - Sistema de Seleção Unificado, espécie de vestibular unificado que proporciona aos estudantes de qualquer localidade do Brasil ingressar à UnB, sem ter a necessidade de se deslocarem ao Distrito Federal para realizar o vestibular. Em seguida, a política de reservas de vagas raciais (ou cotas) que objetiva garantir uma maior democratização de acesso, proporcionando assim uma maior igualdade de oportunidade de ingresso aos negros. E por fim, o REUNI - Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o qual proporcionou aumento de vagas no *campus* Darcy Ribeiro e criação de novos *campi*, bem como a ampliação do número de servidores técnico e docentes.

Esses programas foram escolhidos por serem os mais expressivos adotados pela UnB ligados ao ingresso nos cursos presenciais de graduação, objeto de estudo dessa dissertação.

2.3 SISU

Quando falamos sobre democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, devemos considerar não apenas a quantidade de vagas ofertadas, mas também às opções de seleção de vagas que são utilizadas por estas instituições (VELOZO; LUZ, 2013).

Esses mecanismos de selecionar o ingressante nas instituições públicas são vistos como um caminho para consubstanciação da democratização de acesso.

Tendo em vista que a cada dia as universidades públicas traçam os caminhos da democratização, como também da diversificação e mobilidade acadêmica, foi instituído pelo MEC por meio da Portaria Normativa nº 2, de janeiro de 2010, o Sistema de Seleção Unificada (SISU) o qual visa selecionar candidatos a vagas nos cursos de graduação das universidades públicas federais que aderirem ao citado sistema (GOMEZ; TORRES, 2015).

Sua adesão tem como objetivo principal proporcionar a concorrência de vagas entre estudantes de qualquer cidade, dando a oportunidade ao estudante realizar a prova de seleção em sua cidade, avançando em relação aos vestibulares tradicionais para os quais o candidato deveria se deslocar para a cidade da instituição em que se concorria a uma vaga. Esse novo sistema não se desvincula com a lógica de seletividade social (VELOZO; LUZ, 2013).

Esse Sistema SISU utiliza o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como meio de acesso às Instituições Federais brasileiras e passou a ser adotado pela UnB como modelo já a partir de 2010 (GOMEZ; TORRES, 2015).

Outro benefício oferecido pelo SISU, conforme Gomez e Torres (2015) foi de ter possibilitado uma maior dispersão geográfica dos ingressantes, contribuindo também para uma diminuição significativa na evasão dos estudantes. Vale ressaltar que paralelas a esta contribuição do SISU ocorreram ações de permanência dos estudantes com o PNAES - Plano Nacional de Assistência Estudantil, criado pelo

Decreto nº 7.234/2010, que tinha como objetivo dar assistência de alunos de baixa renda dentro das IFES.

A adoção ao SISU pelas instituições educacionais de ensino superior é também mais uma tentativa de ingressar à universidade aqueles que se viam distantes de uma universidade pública, tendo em vista que a população brasileira reivindica oportunidades de acesso às instituições em questão, devido à baixa renda da maioria da população do Brasil e da distribuição desigual geográfica dessas instituições (COSTA, 2010).

Verifica-se também outra vantagem que o SISU permite, segundo Andriola (2011), é que esse deslocamento regional proporciona aos futuros profissionais conhecer novas culturas populares e gastronomias diferentes daquelas de suas regiões, levando a criação de uma identidade nacional, além de poderem identificar problemas da região.

No entanto, é verificado a necessidade de ocorrer ao mesmo tempo políticas públicas voltadas à mobilidade, assistência e residência estudantil para os estudantes universitários que estão fora da sua região para que possam concluir seus cursos (ANDRIOLA, 2011).

Segundo dados publicados pelo MEC, 15.671 estudantes em 2013, que correspondem a 13% do total de calouros nas universidades federais no Brasil, deslocaram suas residências rumo a regiões diferentes (MORENO; REIS, 2013).

Moreno e Reis (2013) identificaram em seus estudos que Minas Gerais é o Estado que mais tem recebido alunos de outros estados e São Paulo o que mais exporta estudantes.

Fazer referência ao SISU neste estudo foi mais uma tentativa em ratificar o comprometimento que as universidades públicas têm tido em buscar meios de democratizar, diversificar assim como trazer mobilidade acadêmica aos acessos ao ensino superior público, tendo a consciência de que este cenário poderá vir a promover formação do capital humano e assim contribuir com o crescimento econômico local.

A Universidade de Brasília passou a adotar o SISU no vestibular de 2014. Será então verificada nos resultados desse estudo se a adoção ao SISU pela UnB trouxe uma maior dispersão geográfica de seus ingressantes.

Em seguida, daremos ênfase a mais uma alternativa necessária adotada pelas universidades públicas na busca em democratizar seus acessos, dando oportunidades de ingresso àqueles que, por diversas razões, se encontram em desvantagem na concorrência por vaga universitária.

2.4 SISTEMAS DE COTAS UNIVERSITÁRIAS

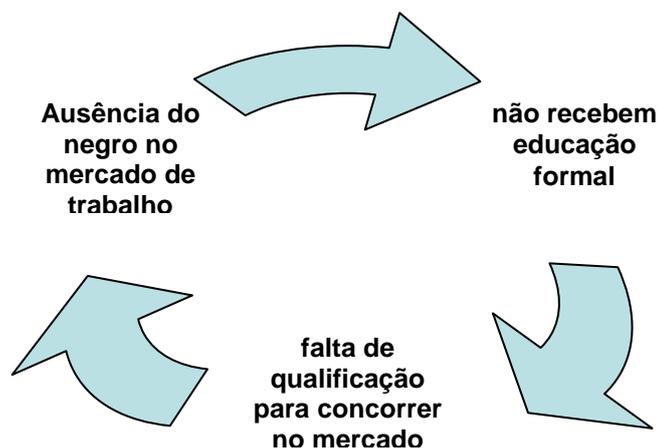
A adoção deste sistema é uma tentativa universitária a favor da igualdade de oportunidades, dada às demandas contemporâneas. (MARTINI, 2009).

Uma nação caracterizada como um país das desigualdades étnico-raciais, regionais e econômicas, com elevados índices de desemprego, mortalidade jovem e desemprego, tem assim levado à preocupação em se debater nacionalmente ações voltadas para combater tais desigualdades (WELLER, 2008).

As desigualdades com negros no Brasil é um fator antigo que ocorria mesmo após as leis abolicionistas do final do século XIX, onde os escravos à época não eram denominados livres, mas sim de libertos, como forma de rotulá-los permitindo assim a vigilância institucional. Já os brancos à época eram chamados por nome ou posição social que exerciam (DUARTE et al., 2008).

Talvez seja questionado qual relação entre necessidade de cotas universitárias para negros e a desigualdade racial. Duarte et al. (2008) justificam que os negros formam a maioria e desproporcional camada mais baixa da sociedade fazendo relação entre a falta de educação formal que os negros recebem que conseqüentemente levam a ausência do negro no mercado de trabalho, formando assim o ciclo vicioso ilustrado a seguir na Figura 1:

Figura 1 Ciclo vicioso do negro no mercado de trabalho



Fonte: Elaboração própria

Duarte et al. (2008) ratificam tal afirmação, utilizando dados dos censos oficiais do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os quais revelam inúmeras desproporcionalidades raciais, dentre elas que 87% dos adolescentes brasileiros em idade escolar e que não encontraram vagas nas escolas são negros. Outro fato relevante apresentado pelo IBGE por meio do PNAD em 2004 foi a diferença desfavorável aos negros referente aos anos de escolaridade, pela qual se observa que a população branca possui 7,3 anos de estudo contra 5,6 anos de estudos da população negra (pretos e pardos).

Nesta linha, Duarte et al. (2008) não concordam na teoria quanto ao conflito do capitalismo ser a única razão da pobreza no nosso país, pois acreditam, por meio dos dados apresentados pelo IBGE, que o racismo institucional e estrutural é também determinante da pobreza e da má distribuição de renda brasileira. Acreditam também que o que determina a pobreza dos negros é o pertencimento racial que influencia os movimentos do mercado e determina menor qualidade de vida assim como menor mobilidade social para esse grupo populacional, se comparados com os brancos pobres.

As desvantagens econômicas e sociais que os negros possuem em relação aos brancos no Brasil são ratificadas também por Duarte et al. (2008) ao enfatizarem que

a pobreza por certo se desenvolve e se acirra em uma economia capitalista e, portanto, os conflitos referentes ao capital e ao trabalho irão determinar a divisão de classes e os preconceitos e discriminações que dessa divisão advêm. No entanto, nas sociedades pós-escravistas da América e no Brasil em particular, o pertencimento racial dos indivíduos é que determina a mobilidade social e sua inserção no mercado de trabalho, produzindo os efeitos da política econômica capitalista de privilégio ao lucro em detrimento da qualidade de vida do trabalhador.

As tentativas em se garantir vagas para negros no ensino público já aconteciam desde a década de trinta, quando Abdias do Nascimento solicitou ao poder público do Rio de Janeiro essa garantia (NASCIMENTO, 1985 apud Duarte et al., 2008)

Baseado em debates voltados a questões de discriminação de raça, etnia, ao papel da universidade pública em promover mudança no quadro social brasileiro e

motivado por um caso de discriminação racial no programa de pós-graduação em Antropologia Social na Universidade de Brasília em 1998, dois professores desta universidade criaram então em 1999 a primeira versão do projeto de implementação de um sistema de cotas raciais na UnB. Já em 2002, deram andamento ao pleito e foi apresentada pelos mesmos professores uma nova versão dessa proposta, sendo então aprovada em 2003 pelo Conselho Universitário por meio da Resolução nº 38/2003 onde previa 20% das vagas de graduação aos autodeclarados negros, sendo então implantadas no vestibular do segundo semestre de 2004 (MARTINI, 2009).

Vale ressaltar que, até mesmo previstos pelos professores que iniciaram a criação das cotas na UnB, de fato há inúmeras pessoas contrárias ao sistema de cotas, principalmente quando está relacionado à cor da pele, critério sujeito a falhas e preconceitos (VASCONCELOS e SILVA, 2005). Já os que são a favor, defendem as cotas, no entanto a sua maioria concorda que devem ser baseadas na categoria de egressos provindos de escolas públicas (VASCONCELOS e SILVA, 2005).

Dado o alto grau de discussões e discordâncias geradas quanto ao assunto em questão, a UnB preocupou-se na prática, por meio dos números dos vestibulares 2º/2014 e 1º/2015, em avaliar se de fato foi uma decisão acertada adotar o sistema de cotas. Chegaram à conclusão que, mesmo necessitando de refinar a metodologia de candidatura e seleção, foi correta essa decisão em adotar o sistema de cotas, já que houve uma procura significativa de inscrições ao sistema de cotas (MARTINI, 2009).

Já em 2012 no Estado de São Paulo, foi discutida a constitucionalidade do sistema de reserva de vagas por questões de raça e o Plenário do STF se manifestou favorável ao sistema em análise, justificando ser não só um direito mas também um dever do Estado atuar na busca de diminuir desigualdades sociais do país.

Vale a pena incluir nas considerações a respeito das cotas raciais a existência de um déficit de negros na USP, por exemplo, comparados a outros estados, já que 34,30% da população paulista é negra, no entanto apenas 9,34 % ingressam na USP. Como comparação, no Distrito Federal, onde sua população é composta por 52,40% dos negros, 32,30% dos graduandos correspondem ao público negro (DUARTE et al., 2008).

Para corroborar com as estatísticas em defesa às quotas, na USP, uma das maiores universidades do país, não houveram negros que ingressaram no vestibular de 2013 em seus cursos mais concorridos, como medicina, engenharia civil e publicidade e propaganda, segundo termo de justificativa ao projeto de lei que instituiu o sistema de cotas para negros no Estado de São Paulo, em 2013.

Todas as ações voltadas para reserva de vaga ao negro na universidade pública são vistas como primeiro passo de intervenção estatal para combater os efeitos do racismo, visando assim a construção de estado democrático na inclusão dos negros (DUARTE et al., 2008).

Já em relação às cotas para estudantes de escolas públicas, a partir de 2013, por meio da Lei Federal nº 7.824/2012, foi implantado na Universidade de Brasília o sistema de cotas para escolas públicas. (DEG/UnB, 2013).

A seguir será ilustrada a influência das cotas (para os provindos de escolas públicas e negros) no ingresso dos candidatos que utilizaram esse sistema.

Tabela 2 Candidatos que passariam com ou sem o correspondente sistema de cotas

<i>Campi</i>	Cotas para escolas Públicas			Cotas para Negros		
	Aprovados	Passariam sem cotas	Não passariam sem cotas	Aprovados	Passariam sem cotas	Não passariam sem cotas
Ceilândia	23	17 (73,9%)	6 (26,1%)	12	5 (41,7%)	7 (58,3%)
Darcy Ribeiro	181	41 (22,7%)	140 (77,3%)	243	65 (26,7%)	178 (73,3%)
Gama	18	6 (33,3%)	12 (66,7%)	20	6 (30%)	14 (70%)
Planaltina	2	2 (100%)	0 (0%)	0	-	-
UnB	224	66 (29,5%)	158	275	76 (27,6%)	199 (72,4%)

Fonte: DEG/UnB, 2013

Pode ser percebido na tabela anterior que existiu em 2013 um elevado índice percentual de candidatos que não ingressariam na UnB caso as cotas para escolas públicas não existissem. Esse fator é significativo quando se busca justificar a necessidade de ações voltadas para igualdade de oportunidades em relação a estudantes oriundos de escolas públicas frente a estudantes advindos da rede particular de ensino.

Como sabemos que a grande maioria (70%) dos ingressantes da UnB são da rede privada de ensino, ao mesmo tempo que 86,7% dos estudantes que cursam o ensino médio no Centro-Oeste são de escolas públicas, fica evidenciado assim que a Universidade de Brasília tem formado profissionais da elite, fator não exclusivo da UnB mas provavelmente um cenário de todas as universidades públicas neste país, dada a alta demanda por vagas existentes em todas elas, bem como as diferenças significativas de ensino público e privado (DEG/UnB, 2013)..

Sendo assim, evidencia-se ser no mínimo razoável a adoção de cotas na busca de igualdade de oportunidades, sejam por questões raciais ou de escolaridade.

Vale ressaltar que sabemos da dificuldade em proporcionar ao país a igualdade de oportunidades, já que inúmeros são os motivos que determinam a capacidade de um indivíduo de ingresso à universidade. No entanto, a adoção de cotas é apenas uma tentativa em amenizar a desleal corrida por uma vaga universitária, em que os concorrentes saem em tempos diferentes e distâncias diferentes.

Ainda falando em igualdade de oportunidades, percebeu-se então a necessidade por parte da Universidade de Brasília em proporcionar oportunidades de acesso a locais distantes do centro de Brasília onde se encontra o campus Darcy Ribeiro, devido à dimensão do crescimento populacional da região do entorno. Falaremos agora sobre a expansão da Universidade de Brasília.

2.5 REUNI

Consolidado pelo Plano Nacional da Assistência Estudantil (PNAES), e tratando-se de políticas governamentais de expansão do ensino superior, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) foi criado por meio do Decreto nº 6.096, de abril de 2007 pelo Governo Federal, visando à criação de condições nas IFES tanto na ampliação de acesso como na permanência na educação superior, otimizando da melhor forma possível o espaço físico e os recursos humanos das universidades (GOMEZ; TORRES, 2015)

Costa, Paiva e Ferreira (2010) reforçam que o MEC buscou com o Reuni, além de investimentos quantitativos nas instituições de Ensino Superior, caminhos para

que cada instituição pudesse realizar com autonomia o percurso do seu próprio desenvolvimento.

Além dos objetivos previstos de expansão, o Reuni teve também como preocupação garantir a qualidade dos cursos de graduação oferecidas pelas instituições educacionais públicas (COSTA; COSTA; BARBOSA, 2013).

A implantação do Reuni foi mais uma forma de adoção de política pela Universidade objetivando inclusão, democratização do acesso bem como permanência com o intuito de promover a igualdade de oportunidades, compreendidas como parte integrante de um projeto de nação (COSTA; COSTA; BARBOSA, 2013).

Por meio do Reuni, foram criados os *campi* de Ceilândia e Gama e diversas novas vagas nos 4 *campi* da UnB, bem como novos cursos de graduação, no período compreendido entre 2008 a 2012, nos turnos diurno e noturno. Isso representou um aumento de 75,8% das vagas ofertadas em toda UnB (FUB, 2013).

Fazendo a comparação por ano, identificamos que houve um acréscimo de 642 vagas em 2008, já em 2009, houve a expansão de 1250 vagas, em 2010, período onde houve a maior quantidade de vagas, com 1540 novas vagas e em 2012 totalizando 594 vagas, fechando assim o ciclo de expansão (FUB, 2013)

Deve-se ser registrado, no entanto, que a democratização do acesso de determinada região não deve ser analisada apenas referente com o aumento do número de vagas e criação de cursos, pois outros fatores também influenciam significativamente, como sujeitos envolvidos, estrutura política e financeira da instituição e o planejamento, definição de estratégias. (BRITO, 2013).

Mesmo o governo tomando medidas de 2002 a 2015 visando à democratização de acesso na educação superior, como, dentre outras políticas e programas educacionais, os vistos até aqui referentes ao SISU, Cotas Universitárias e REUNI, há autores que defendem que barreiras devem ser derrubadas para se atingir à democratização, como principalmente as relacionadas as formas de seleção universitárias que atualmente selecionam apenas os melhores classificados.

As formas de seleção existentes atualmente para o ingresso nas universidades em geral são pautadas na meritocracia, fato que contraria alguns pensadores quando pensamos em alternativas para se buscar o acesso a todos à universidade.

A manutenção do critério da meritocracia é uma lógica do capitalismo, onde geralmente os melhores, os que possuem poder econômico são selecionados, pois se apresentam como os mais qualificados para o mercado de trabalho (VELOSO; LUZ, 2013).

Entende-se então para Veloso e Luz (2013) que existe um movimento contraditório de ideias quando o Estado toma atitudes em busca da democratização e acesso a todos e ao mesmo tempo defende que sejam satisfatórias as formas de seleção universitárias em selecionar os melhores candidatos. Essa forma de meritocracia torna inacessíveis as universidades públicas aos indivíduos que compõem a maioria da sociedade, provindos de um ensino médio público precário, como constatado nas avaliações. Assim esta é uma forma de transferir a responsabilidade do Estado ao mérito exclusivo do estudante.

A seguir será iniciada seção onde será narrada o processo de criação dos quatro *campi* universitários da Universidade de Brasília.

2.6 CRIAÇÃO E EXPANSÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Assim que a cidade de Brasília foi inaugurada, em 21 de abril de 1960, o Presidente Juscelino Kubitschek solicitou ao Congresso Nacional a criação da Universidade de Brasília. Então, foi realizada pelo Senador à época, Jarbas Maranhão uma análise da educação superior daquele período, a qual justificou a criação da Universidade pretendida, uma vez que foi verificado na análise uma defasagem entre a necessidade de formar técnicos com qualificação de excelência, em um período de industrialização, e o crescimento dos estudantes de carreira acadêmica ofertadas pela educação superior naquela época, além de ser verificado também o país ofertava uma quantidade reduzida de vagas em relação ao número de que a sociedade necessitava (MELO, 2009).

Em 1961, foi autorizada a criação da Universidade de Brasília, com o objetivo de que fosse capaz de suprir as necessidades do Distrito Federal em relação à formação de profissionais e cientistas e à produção de conhecimento para progresso e desenvolvimento. Era necessário também que a Universidade formasse cidadãos responsáveis, que buscassem soluções democráticas para os problemas com que se defrontava a sociedade brasileira na luta pelo desenvolvimento.

A Universidade foi projetada por renomados e importantes intelectuais à época, como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, para ser uma instituição de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e de divulgação cultural, técnica e científica. Seus idealizadores a projetaram para ser uma instituição experimental, inovadora, pois seguia modelos europeus e inéditos no Brasil, e livre na busca de novos horizontes para a pesquisa, ensino e para os problemas do país. (OLIVEIRA, DOURADO e MENDONÇA, 2006).

Esse projeto acadêmico, que previa atender aproximadamente 15 mil alunos na década de 70, buscava também garantir condições para a instituição desenvolver suas funções, com o intuito de proporcionar cultura, desenvolvimento científico e tecnológico ao Brasil e inserir a Capital Federal tanto no cenário nacional quanto internacional sendo uma capital capaz de solucionar problemas nacionais.

De início, a UnB tinha como projeto cinco faculdades e oito Institutos Centrais de Ensino e Pesquisa, tais como os Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia, Geociência, Ciências Humanas, Letras e Artes. Também constavam no projeto original o Museu, a Biblioteca Central, a Editora, o Centro Militar, o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, as Casas Nacionais de Língua e Cultura, o Centro de Teledifusão Educativa e o Estádio Universitário.

De 1961 até 1963, tudo ocorreu conforme o planejamento. Entretanto, de 1964 a 1985 (período militar), a Universidade foi marcada por constantes intervenções e ações políticas desmobilizadoras que trouxeram mudanças no projeto inicial da instituição (OLIVEIRA; DOURADO; MENDONÇA, 2006).

O período militar foi marcado também por demissões do reitor e vice-reitor, além de prisão de alunos e professores por irem contra às ordens estabelecidas. Em 1968, a UnB perdeu quase 80% dos seus professores. Nas décadas seguintes, teve início o período de redemocratização das atividades da UnB.

O final do período militar foi marcado pela posse de seu primeiro reitor eleito pela comunidade: Cristovam Buarque. No seu mandato que ocorreu a criação dos primeiros cursos no período noturno. (FUB, 2008 apud MELO, 2009).

A UnB passou pela década de 90 por seu período de modernização, visando à captação de recursos próprios, já que as instituições públicas federais à época sofriam diante da falta de investimentos (OLIVEIRA; DOURADO; MENDONÇA,

2006). Foi aí que a Instituição se voltou para o mercado por meio da ampliação da prestação de serviços técnicos demandados por órgãos públicos federais, distritais e estaduais, utilização do potencial de fabricar produtos para venda ou para atender à demanda interna e a realização de convênios e contratos.

Em seguida, entre 1995 e 2001, dentro desse contexto, surgem as fundações de apoio com o objetivo de captar e gerenciar recursos aos projetos das universidades. No caso da UnB, ela passa a ter seis fundações de apoio em 2009.

Em 2007, em consequência da criação de cursos e de uma maior eficiência na gestão acadêmica, a UnB passa a ofertar 169 cursos, 64 de graduação, 42 doutorados e 63 mestrados. Neste mesmo ano, a Instituição recebeu 7.658 calouros, sendo 80% na graduação, totalizando 26.953 alunos registrados (UnB, 2008 apud MELO, 2009).

Esse aumento das oportunidades de acesso levaram à elevação do número de concluintes, ao melhor aproveitamento das vagas disponíveis e a redução do tempo de permanência dos alunos. Além disso, esse crescimento da UnB acarretou no fortalecimento das atividades de extensão, criadas com a finalidade de atender à comunidade do DF e entorno, como atendimentos na área da saúde no Hospital Universitário e atividades desenvolvidas pelas unidades acadêmicas, como a Faculdade de Educação Física o Núcleo de Prática Jurídica da Faculdade de Direito.

Pensando também na comunidade carente do Distrito Federal, principalmente objetivando beneficiar seus estudantes de classe desfavorecida, a UnB realizou atividades de caráter assistencial, com o intuito de estimular o acesso ao ensino superior, bem como também prestar assistência aos estudantes de outras localidades integrantes de famílias que não possuem condições financeiras de custear a educação de seus membros (UnB, 2008 apud MELO, 2009).

Foi a partir dos programas voltados à assistência para os desfavorecidos economicamente que se percebeu a necessidade em adotar formas de democratização no processo seletivo, como por exemplo as cotas para negros, em 2004, e a concessão de bolsas aos estudantes de baixa renda com o objetivo de reduzir o índice de evasão dos estudantes (MELO, 2009).

De acordo com o INEP, o crescimento da Universidade foi além do planejado, no entanto não o suficiente para atender toda a demanda brasiliense. No entanto, o

ingresso à UnB tem sido por uma parcela elitizada de estudantes do DF, que representam a minoria dessa população.

Os números apontavam que, em 2004, o perfil dos alunos que ingressavam na Universidade era a maioria de escola particular (mais de 60%), brancos e pardos, residentes do Plano Piloto ou de regiões próximas, como Sudoeste, Lagos Norte e Sul. Estudantes de áreas economicamente desfavorecidas, como Planaltina, Ceilândia e Gama, representavam apenas 7,1%.

No entanto, com o crescimento da população no DF e entorno nos últimos 20 anos, nasce em 2005 dentro a UnB a sua primeira proposta consolidada de expansão, denominado Programa de Expansão da Universidade de Brasília, sendo composta a princípio por três *campi* universitários e sete pólos. O Programa de Expansão foi determinado a partir daí quatro regiões de influência (RIC), com base na proximidade geográfica e no grau de homogeneidade das características populacionais e socioeconômicas (FUB, 2005).

- I. RIC 1: Campus Universitário UnB – Plano Piloto (Campus Universitário Darcy Ribeiro, compreendendo as regiões de Brasília, Candangolandia, Cruzeiro, Guará, Lago Sul, Lago Norte, Núcleo Bandeirante, Sudoeste e Octogonal, SIA, Varjão e Park Way.
- II. RIC II: Campus Universitário UnB – Planaltina, abrangendo as regiões administrativas de Planaltina, Sobradinho, Brazlândia e Sobradinho II e os municípios goianos de Formosa, Buritis, Cabeceiras, Planaltina-GO, Vila Boa e Água Fria de Goiás.
- III. RIC III: Campus Universitário UnB Ceilândia, correspondente às regiões administrativas de Ceilândia, Taguatinga, Riacho Fundo, Recanto das Emas, Samambaia e Águas Claras, bem como os municípios de Mimoso de Goiás, Padre Bernardo, Cocalzinho, Pirenópolis, Águas Lindas, Corumbá de Goiás, Alexânia e Abadiânia;
- IV. . RIC IV - Campus Universitário UnB - Gama, regiões administrativas do Gama, Santa Maria, São Sebastião, Paranoá, e os municípios goianos de Cristalina, Luziânia, Valparaíso de Goiás, Novo Gama, Cidade Ocidental, Santo Antônio do Descoberto, Cabeceira Grande e Unai.

Para cada uma RIC foi selecionada uma Região Administrativa para receber um dos *campi*, onde seriam desenvolvidas as atividades acadêmicas, como os cursos de graduação, cursos especiais de treinamento, atividades de extensão, serviços e atividades de promoção ao empreendedorismo, em consonância com o plano de desenvolvimento regional. O objetivo almejado era que os *campi* se tornassem centros de inteligência para o desenvolvimento do Distrito Federal e entorno, de modo que tornasse possível suprir a necessidade de educação superior, formar profissionais em sintonia com o crescimento local, produzir tecnologia e conhecimento científico (MELO, 2009).

As cidades escolhidas para sediarem os *campi* possuíam características específicas. Planaltina foi selecionada por sua infraestrutura social e econômica incipiente, com seus estabelecimentos ligados ao setor primário e apresentava um nível significativo de crescimento populacional. Já Taguatinga e Ceilândia (apesar de existir *campus* apenas neste) possuíam a maior parte dos pequenos e médios estabelecimentos produtivos industriais do DF, com níveis de renda intermediários e nível de crescimento populacional estável. E a região do Gama predominava à época atividade econômica voltada para o setor primário (FUB, 2005).

Essa expansão da Instituição teve por objetivo atender a demanda da população da região do DF e entorno, por oportunidades de acesso à educação superior pública e possibilitar que a Universidade assumisse o seu papel correspondente no processo de aceleração do desenvolvimento científico e socioeconômico das regiões de influência. Logo, a ideia era de incluir a população do Distrito Federal e entorno, além dos estudantes provindos de escola pública (MORHY, 2005).

No Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), 2002 a 2006, já era previsto a criação dos três *campi* aqui citados, os quais posteriormente foram inseridos no Programa de Expansão das Universidades Federais. Através desse programa, a Universidade de Brasília firmou com o MEC recursos para a construção dos *campi* nas regiões administrativas de Planaltina, Ceilândia e Gama, conforme valores expressos na Tabela 1 na justificativa desse trabalho.

Foi inaugurado em 16 de maio de 2006, o *campus* de Planaltina e os *campi* de Ceilândia e Gama em 25 e 26 de agosto de 2008, respectivamente.

A UnB, em 2007, introduziu-se no Programa de Reestruturação e Expansão das IFES – REUNI. No acordo de metas datado em 13 de março de 2008, ficou acordado de a Universidade receber o equivalente a R\$ 66.928.720,42, para os próximos quatro anos, para suprir com despesas de custeio, além de R\$ 53.850.180,00 destinados a obras e R\$ 29.500.000,00 vinculado para aquisição de equipamento.

Em relação ao quadro de colaboradores, foram previstas as nomeações de 400 técnicos administrativos, 550 docentes, além de 310 funções gratificadas até o ano de 2012. Quanto às vagas, a UnB passou a ofertar 480 vagas por ano em cada novo campus.

Pensando não apenas na expansão, a Universidade de Brasília projetou ações visando atender as seis dimensões propostas nas diretrizes do Reuni, ampliando a oferta de educação superior pública, realizando a reestruturação acadêmico-curricular, fortalecendo o compromisso social da instituição, renovação pedagógica da educação superior, oferecendo suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação.

2.6.1 Faculdade UnB Planaltina – FUP

Primeiro *campus* da expansão da Universidade a ser criado, a Faculdade UnB Planaltina, conhecida pela comunidade local e pela Universidade como FUP, foi construída com o intuito de atender a população de uma área de aproximadamente 20,4 mil km², denominada RIC II, onde esta é composta por 545.037 mil habitantes, segundo IBGE (2004), com 53.100 jovens de 18 a 24 anos e 6.617 estudantes advindos do ensino médio (MORHY, 2005).

Planaltina caracteriza-se por uma população predominantemente urbana e por ter baixa densidade demográfica, possuindo a área da RIDE do entorno dessa cidade as maiores taxas de crescimento populacional no período compreendido entre 1996-2000, o que vem acarretando uma ocupação desordenada do espaço urbano e um aumento da demanda por serviços essenciais (FUB, 2005).

Essa região é conhecida por ser uma área de atividade agrícola e empreendimentos voltados ao setor primário da economia, tendo, ainda de uma forma tímida, atividades voltadas ao setor de serviços e atividades industriais. Daí

que se justifica a instalação de um campus na região, já que a localidade é concentrada por jovens em idade escolar (FUB, 2005).

A FUP foi inaugurada em 16 de maio de 2006, tendo de início a oferta de 70 vaga destinadas aos cursos de Ciências Naturais (40) e Gestão do Agronegócio (30). Seu quadro de colaboradores, iniciou-se com dez professores doutores e 2 servidores técnico-administrativos. De início, as seleções aconteciam em Planaltina-DF, Sobradinho e Formosa-GO e oferecia um percentual de 20% a mais na nota final da prova objetiva para estudantes que cursaram o ensino médio na região RIC-II.

Suas instalações iniciais foram compostas por um prédio com 12 salas de aula, auditório para 150 pessoas, biblioteca e laboratório de informática para 30 alunos. O professor Sylvio Quezado, decano de extensão da UnB à época, foi o responsável pela instalação física do *campus*.

Em 2017 a FUP possui uma estrutura de 1.700m² referente a Unidade de Ensino e Pesquisa (UEP), onde está inserido o corpo administrativo, como também salas de professores e coordenações, laboratórios e auditório para capacidade de 100 pessoas (MORHY, 2005).

Possui também mais 4.600m² de espaço físico referente a Unidade Acadêmica (UAC), inaugurado em março de 2011, onde estão localizadas as 17 salas de aula, laboratórios, biblioteca, lanchonete, sala de enfermagem e auditório para capacidade de 300 pessoas. Ainda compõe a FUP 1 MESP/MASC (onde funciona o Restaurante Universitário) e 1 alojamento com capacidade de acomodação para 100 pessoas.

A FUP nasceu da associação de diversas áreas do conhecimento, não possuindo uma temática acadêmica definida de forma clara, ao contrário dos outros *campi*, como Ceilândia (FCE), onde é concentrada a área de saúde, e no Gama (FGA) onde concentra-se a área de engenharia, ambas possuindo uma relação com as unidades do campus Darcy Ribeiro. Essas diversas áreas que compõem a FUP faz com que ela tenha um ambiente multidisciplinar, com diversas ideias e visões do mundo, expressando-se na produção acadêmica, sejam de pesquisa, graduação ou extensão (BIZERRIL; GUERROUÉ, 2012).

O Professor da FUP desde 2006 e atualmente, em 2017, Diretor *do campus*, Professor Doutor Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril, verificou o quão é importante o

papel social da universidade, pois a FUP tem mudado as expectativas de toda a comunidade local, estabelecendo um importante diálogo com a sociedade em uma troca de conhecimentos e participação de forma decisiva em temas relevantes locais. É perceptível todo o esforço da coordenação de extensão da FUP do campus na busca de divulgação e aproximação da FUP à comunidade. O campus tem uma real importância para Planaltina no sentido de promover o desenvolvimento local, oferecendo aos jovens a expectativa de um ingresso na Universidade e formação superior (BIZERRIL; GUERROUÉ, 2012).

2.6.2 Faculdade UnB Ceilândia (FCE)

Viabilizada pelo Reuni, a Faculdade UnB Ceilândia – FCE/UnB é situada na maior Região Administrativa do DF, Ceilândia possui uma população, de acordo com o IBGE (2010), de aproximadamente 402.720 mil habitantes dos quais aproximadamente 98% vivem na área urbana tradicional.

Em relação a sua rede de atenção à saúde, a Região de Ceilândia dispõe de um hospital, doze centros de saúde, dois postos (urbano e rural), um núcleo de inspeção, um laboratório, um centro de apoio psicossocial (CAPS) e onze equipes de saúde da família.

A Faculdade de Ceilândia surge tendo uma relação próxima com a Faculdade de Ciências da Saúde (FS), envolvendo docentes experientes quanto ao funcionamento e a gestão da UnB (MELO, 2013)

Em 2017, a FCE é composta por 1500 estudantes de graduação, 24 de pós-graduação, 108 docentes e 53 técnico-administrativos.

Quanto ao perfil dos ingressantes, estes são predominantemente jovens, com média de idade de 21,1 anos, com desvio padrão de 5,9. Nesta Faculdade, 75,8% são mulheres e 24,2% são homens, sendo assim a maioria do sexo feminino por provavelmente as profissões da área de saúde no geral serem exercidas pelo público feminino.

Existe um empenho da FCE no compromisso em contribuir com a comunidade local em relação à saúde, já que a Faculdade de Ceilândia participa de determinados projetos, como por exemplo PET-Saúde/Saúde em Família, PET-

Saúde/Vigilância em Saúde, dentre outros os voltados a reestruturação do ensino visando a formação de profissionais de saúde (SITE FCE, 2017).

Podemos perceber que todo esforço da FCE em manter laços com a comunidade de uma certa forma motiva indiretamente os moradores locais a ingressar no campus, podendo assim fazer parte dessa relação, ainda mais que o viés é voltado para saúde.

A necessária consolidação de novas abordagens na formação e na prática profissional em saúde, que se fundamentem nos modos de vida dos sujeitos e da coletividade de Ceilândia, suas condições objetivas de produção de saúde tem orientado a produção acadêmica, técnica e profissional de docentes e estudantes voltados à FCE/UnB (PINHO et al., 2012).

2.6.3 Faculdade UnB Gama – FGA

A população total das regiões administrativas do DF na área de abrangência deste campus é de 1.127.944 habitantes, conforme a Codeplan (2013). Este *campus* propôs viabilizar a efetiva participação dos moradores locais através de uma política de inserção regional (ELS; OLIVEIRA, 2012).

De acordo com estudo socioeconômico do perfil dos alunos que ingressam a FGA em 2012, foi verificado que apenas 10% dos que ingressam nesse campus moram nessa região de influência. Essa margem pequena chama mais atenção quando levada em consideração que, para essa população de abrangência da FGA, existia, até o vestibular de 2015, um sistema de bonificação em que concede 20% na pontuação do vestibular para os alunos que cursaram pelo menos 2 anos do ensino médio nessas cidades (MELO, 2009).

Devido a essa situação, foi realizado um levantamento por meio de questionários nas escolas de ensino médio dessa região com o objetivo de identificar os motivos pelos quais a FGA não estava atraído a população regional para o ingresso nos cursos ofertados por esse *campus*. Os resultados apontaram que os principais motivos devem-se à relação dos cursos de engenharia com a área de exatas, considerados pelos estudantes do ensino médio como cursos difíceis de se cursar. Outro motivo apontado pela pesquisa foi o desconhecimento dos cursos de engenharia por parte dos estudantes de ensino médio da região. Além disso, os alunos de ensino médio locais possuem baixa autoestima ao não acreditarem

possuir capacidade para ingressarem na Universidade de Brasília, já que identificam ser de baixa qualidade o Ensino Médio ofertado na região. Além disso, foi identificado também que os cursos ofertados nesse *campus* não condizerem com as escolhas dos estudantes locais (MELO, 2009).

Assim, visando aumentar esse número de ingressos de estudantes da região na FGA, até mesmo por ser um dos objetivos da expansão da UnB, foi firmado um projeto de extensão, que durou por 4 anos, denominado EnGama, utilizando da estratégia de ir às escolas da região de influência para promover a divulgação dos cursos de maneira lúdica para motivar os alunos de ensino médio a participarem do processo seletivo para os cursos de engenharia. O projeto surtiu efeito e subiu de 10% em 2008 para 26% em 2012 o número de ingressante locais (MELO, 2009).

Podemos perceber até então que a criação da FUP, FCE e FGA tiveram como objetivo promover desenvolvimento econômico local, principalmente por meio de formação e qualificação de mão-de-obra. Tiveram em comum a necessidade de qualificar aqueles indivíduos que se viam distantes de ingressarem numa universidade pública, por motivos tanto de dificuldades de deslocamento, frente a distância existente até o *Campus* Darcy Ribeiro, quanto a desigualdade de oportunidades comparados com moradores das localidades do centro, como Asa Norte, Asa Sul, Lago Norte, Lago Sul, Sudoeste, Guará, dentre outras, onde possuem um maior poder econômico.

Daremos ênfase a seguir ao papel universitário em promover formação do capital humano e a contribuição deste para o crescimento econômico local.

2.7 CAPITAL HUMANO E CRESCIMENTO ECONÔMICO

A teoria do capital humano demonstra a ligação entre educação e crescimento econômico. De início, as pessoas se educam, tendo esta como principal efeito mudar suas habilidades e conhecimentos. Logo, quanto mais uma pessoa se estuda, maior sua habilidade cognitiva e maior sua produtividade. Maior produtividade permite que a pessoa perceba maiores rendas. Assim, esta teoria valoriza a importância da educação para um indivíduo em busca de seu crescimento de renda e, assim, um crescimento econômico regional (LIMA,1980)

A teoria do crescimento econômico, até meados da década de 50, considerava apenas à teoria do capital físico, voltados aos fatores de produção, como recursos naturais, capital e trabalho.

Viana e Lima (2010) faz uma relação entre capital humano e crescimento econômico ao justificarem que um crescimento desigual regional é consequência de um progresso desigual educacional. Assim, ressaltam que uma das alternativas para amenizar as disparidades regionais seria realizar investimentos que gerassem efeitos positivos ao crescimento econômico, como na área de educação, ou seja, no capital humano.

Ao mesmo tempo, Paiva (2013) faz um posicionamento quanto ao papel que a qualificação do indivíduo por meio da educação exerce sobre seu futuro economicamente falando. Ao mesmo tempo em que na atualidade é exigido níveis mais elevados de escolaridade, o valor do diploma supostamente perdeu parte da relevância passando também a ter competições na área não escolar (não educacional) mas na área prática, referente a capacidade em desempenhar determinadas tarefas.

Num caminho inverso, há quem não concorde com esta teoria, discordando com a ligação entre educação e aumento de renda. Lima (1980), por meio da teoria da socialização, contradiz a teoria tradicional do capital humano ao afirmar que a educação não produz habilidade cognitiva, acreditando assim que as escolas são uma espécie de agência de socialização, preparando pessoas de diferentes origens para o desempenho de distintos papéis na vida. Possui também um posicionamento de que as escolas funcionam apenas para fornecer credenciais.

As discordâncias quanto a teoria em questão continuam sendo debatidas quanto ao seu pouco poder explicativo, e também ao seu modelo possuir caráter estático. Acreditam que a teoria em questão considera apenas as diferenças de habilidade, desprezando fatores relevantes como diferenças de classes sociais, falta de acesso a financiamento comum para os mais pobres e distribuição desigual de recursos públicos entre diferentes classes sociais (PAIVA, 2013).

Para a teoria do capital humano, salários são influenciados (determinados) por características inatas e adquiridas. Por características inatas entende-se aquelas que não podem ser modificadas pelo indivíduo (raça, sexo, cor dos olhos, origem

geográfica, classe social, etc.). Já características adquiridas são aquelas sobre as quais o indivíduo tem controle (aquelas que ele escolhe, decide se adquire ou não). Estas características incluem todos os tipos de investimentos em capital humano (educação, treinamento, migração, despesas com saúde, etc.) e constituem a base de toda a teoria do capital humano para explicar a distribuição de renda. Tempo e anos de educação não são variáveis de taxas de retorno nesta teoria, sendo estas ausências um dos defeitos mais sérios dessa teoria, segundo o autor (PAIVA, 2013).

Por outro lado, apesar de haver quem não veja relação entre capital humano e crescimento econômico, como de Pritchett (2001) e Lima (1980), autores mais recentes, como Viana e Lima (2010), enfatizam a direta correlação existente entre ambos, assim como reafirmam, citando autores que defendem que o capital humano tem interferência direta e significativa no nível e na taxa de crescimento econômico por trabalhador, como Romer (1986,1989), Lucas (1988), Pereira (2001), Bergheim (2005), Ferreira, Nakabashi e Santos (2003), Dias (2008) e Nakabashi e Figueiredo (2008), onde este percebe que as críticas à relação vêm fundamentada em erros de especificação de modelos e baixa qualidade e pouca consistência em relação aos seus dados (PAIVA, 2013).

Outra forma de afirmação da influência do capital humano no crescimento econômico regional é enfatizada também por Viana e Lima (2010) ao citar os indicadores determinantes do crescimento econômico, como fatores de escolaridade, investimentos em educação e níveis de capital humano, alavancando assim esse crescimento. Já fatores que atuam como redutores de crescimento também são expostos, como gastos do governo em consumo, instabilidade social e política, barreiras ao comércio e socialismo.

Neste quadro, Viana e Lima (2010) dimensiona a influência do capital humano ao citar que três dos quatro aspectos positivos estão ligados à teoria do capital humano. Assim, para os autores o nível de educação de cada capital humano exerce influência fundamental no desempenho regional. Ainda segundo os autores:

regiões que têm populações com maiores níveis de educação certamente terão maiores probabilidades de prosperidade. Em contrapartida, regiões com níveis inferiores tendem a ser mais estagnadas. Assim, o incentivo ao equilíbrio do capital humano entre as regiões diminui as disparidades econômico-regionais.

Outros autores defensores da teoria do capital humano são Blackwell e WEINBERG (2002), que afirmam que essa teoria seja fonte significativa de impacto econômico nas instituições educacionais. Corroboram argumentando que esse impacto ocorre devido a educação elevar a produtividade futura e esta ocasionar o aumento na renda e na atividade econômica.

Outra perspectiva da teoria em questão é trazida por de Oliveira Júnior (2014), quando relata que desenvolvimento não está mais relacionado apenas na capacidade de recursos de um determinado território, mas também no seu capital humano, único com capacidade em gerar novos produtos inovadores baseados na informação.

Ainda outro autor, como Kosempel (1995), enfatiza a importância das instituições educacionais na produção de capital humano e tecnológico, que, de fato, tem participação significativa no desenvolvimento regional e geram resultados ainda maiores, mesmo em longo prazo.

Blackwell e Weinberg (2011) utilizam do capital humano para mensurar o impacto econômico causado pelas instituições educacionais. Esse impacto é obtido da estimativa do efeito da instituição sobre as decisões de seus alunos já formados quanto às suas localizações geográficas, ou seja, verificar quantos ex-alunos continuam morando na região da universidade, independente se estão empregados. Verificaram ao final que uma quantidade significativa de estudantes formados permanecem morando nas localidades da Universidade.

Outra forma de identificar o impacto das instituições educacionais na economia local é quantificar os ex-alunos de fora que permaneceram morando na região da Universidade após terem frequentado e se formado na instituição.

Importante ressaltar nesse momento que esse presente trabalho tem como foco investigar de onde vêm (localização geográfica) os ingressantes desta Universidade, dos quais serão o capital humano futuro formado pela UnB. Tentaremos, assim, ao longo desse trabalho visualizar a dispersão geográfica desses ingressantes.

Uma vez demonstrado pelo referencial teórico a influência das instituições educacionais no crescimento econômico local mediante formação do capital humano, onde foi mais uma forma de confirmar a importância do objetivo geral deste

trabalho, passaremos a seguir a informar quais dados serão necessários, bem como de qual forma esses dados serão trabalhados para atingirmos aos objetivos propostos.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Será apresentada aqui ao longo deste capítulo a metodologia abordada neste estudo, formada pelo tipo e descrição geral de pesquisa, a caracterização do setor, a população, o procedimento e o instrumento de coleta de dados, além dos procedimentos estatísticos de análise de dados.

3.1 TIPO E DESCRIÇÃO GERAL DE PESQUISA

A classificação de uma pesquisa está relacionada à natureza das variáveis, o relacionamento entre elas e os objetivos de pesquisa. (ZANELLA,2006). Assim, com o objetivo de investigar a dispersão geográfica dos ingressantes na Universidade de Brasília, esta pesquisa será descritiva com abordagem quantitativa do tipo levantamento de dados.

Essa abordagem quantitativa restringiu-se à análise de dados secundários referentes às informações institucionais sobre os estudantes calouros da Universidade de Brasília do período compreendido entre 2002 a 2015. Essas informações estão relacionadas aos cursos que ingressaram, ao campus que figura este curso e também à localidade onde residem esses estudantes, dadas pelo CEP de residência.

Ao se registrarem na universidade, os alunos devem indicar um endereço completo com CEP, sendo este a informação utilizada nesse estudo. Uma das limitações desse trabalho é de que esse CEP informado no momento do registro universitário pode não ser de sua residência de origem, podendo ser, como exemplo, da localidade de onde o estudante passou a residir após o ingresso à UnB, em caso de repúblicas ou até mesmo do endereço do seu local de trabalho.

Buscando atingir o objetivo geral deste trabalho, qual seja identificar se existe dispersão geográfica significativa dos estudantes calouros da Universidade de Brasília, trabalharemos com duas hipóteses que serão testadas ao longo desta dissertação, com o intuito de verificar a dispersão tanto interna, relacionada ao DF e Entorno, quanto externa, referente aos estados brasileiros, conforme descritas a seguir:

H1: há dispersão geográfica dos ingressantes da Universidade de Brasília nas localidades do DF e Entorno denominadas de sua Região de Abrangência.

H2: há dispersão geográfica dos ingressantes da Universidade de Brasília nos Estados do Brasil que não seja das localidades de sua Região de Abrangência.

As hipóteses em questão serão testadas pelos objetivos específicos propostos neste trabalho. As informações que permitem afirmar ou refutar tais hipóteses, foram obtidas por métodos estatísticos específicos, tais como teste de normalidade de Shapiro-Wilk, onde são testados se as variáveis têm ou não distribuição normal, teste de Correlação de Pearson que verifica a existência de correlação entre duas variáveis em caso de dados com distribuição normal, teste de Correlação de Spearman, para verificarem também a existência de correlação entre duas variáveis, porém apresenta em relação ao de Pearson resultados mais robustos quando não há normalidade dos dados. Por fim a Odds Ratio é necessária para mostrar o quanto um evento é mais provável de ocorrer do que outro, Nível de significância, é o valor do quão provável o teste realizado será verdadeiro e P-valor, utilizado para definir a relação entre as variáveis.

Para fins ilustrativos, serão esquematizados no quadro a seguir os objetivos específicos desta dissertação, além de suas respectivas estratégias metodológicas utilizadas para alcançá-los.

Quadro 1 Objetivos específicos e estratégia metodológica utilizada

Objetivo Geral: Investigar a dispersão geográfica dos ingressantes na UnB	
<p>H1: há dispersão geográfica dos ingressantes da Universidade de Brasília nas localidades do DF e Entorno denominadas de sua Região de Abrangência.</p>	
<p>H2: há dispersão geográfica dos ingressantes da Universidade de Brasília nos Estados do Brasil que não seja das localidades de sua Região de Abrangência..</p>	
Objetivos Específicos	Metodologia Utilizada
<p>1 (Visão dos <i>campi</i>) Verificar a correlação entre o número de vagas ofertadas por cada <i>campus</i> e o número de calouros das regiões de abrangência na Universidade de Brasília</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teste de Shapiro-Wilk para verificar a normalidade dos dados. • Coeficiente de Correlação de Spearman, para estudar a existência de correlação entre duas variáveis (quando não há normalidade dos dados) • Coeficiente de Correlação de Pearson para estudar a existência de correlação entre duas variáveis (quando há normalidade)
<p>2 (Visão dos <i>campi</i>) Verificar a probabilidade de um morador da Região de Abrangência, ao ingressar na UnB, ingressar no <i>campus</i> da sua respectiva região.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Método <i>Odds Ratio</i>.
<p>3 (Visão do SISU) Verificar se houve um aumento significativo dos ingressantes fora da Região de Abrangência na UnB a partir do momento em que a Universidade aderiu ao SISU como forma de seleção.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estatística descritiva de proporção.
<p>4 (Visão dos <i>campi</i>, cotas e SISU) Identificar a distribuição geográfica dos ingressantes na UnB nas suas respectivas localidades de moradia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Gráficos de dispersão geográfica por meio de bolhas proporcionais sobrepostas a mapas do DF, do Entorno do DF e do Brasil.

O primeiro objetivo específico, isto é verificar a correlação entre o número de vagas ofertadas por cada *campus* e o número de calouros na UnB da região de abrangência do mesmo foi criado com o intuito de identificar se de fato a

Universidade consegue atrair a população local ao seu ingresso quando ela se expande, construindo seus *campi*, não apenas quando se cria um *campus* em determinada região, mas com o aumento do número de vagas ofertadas por este, verificando assim se o aumento do número de vagas de um *campus* está diretamente relacionado com a quantidade de ingressos da população local à Universidade. Para esse objetivo, foram utilizados o Teste de Shapiro-Wilk assim como os coeficientes de correlação de Pearson e Spearman.

Ressaltamos aqui que essa identificação de ingresso do indivíduo morador da região de abrangência do *campus* à UnB se dará não apenas de identificar se este ingressou no *campus* de sua região a partir da construção deste, mas se ingressou na Universidade como um todo, ou seja, em um dos quatro *campi*. Poderemos assim verificar se a instalação de um campus universitário em determinada região tem o poder de atrair a população local e regional tanto ao seu *campus* local quanto a outros *campi* mais distantes.

A partir disso, nasce neste trabalho o segundo objetivo específico de verificar a probabilidade de um indivíduo residente em uma cidade que abrange um *campus*, ao ser aprovado na UnB, ingressar no *Campus* da sua respectiva região, ou seja, quais são as chances do ingresso de um estudante de uma cidade ser calouro do *Campus* que corresponde a sua localidade. Para esta verificação, será utilizado o Método *Odds Ratio*.

Sendo assim, por meio desses dois objetivos específicos, em que ambos atuam são traçados sob a ótica da expansão universitária por meio dos *campi*, é verificada a primeira hipótese dessa dissertação, de que há dispersão geográfica dos ingressantes da Universidade de Brasília nas localidades do DF e Entorno denominadas de sua Região de Abrangência., ou seja, será verificado se existe uma concentração significativa de ingressantes na universidade moradores nestas regiões do DF e Entorno que abrange seus 4 *campi* a partir de quando estes foram inaugurados.

Ainda em busca do objetivo geral desse trabalho de investigar a dispersão geográfica do ingressantes à UnB, foi também necessário atingir o objetivo específico de verificar se houve um aumento significativo dos ingressantes residentes de regiões externas, vindos de outros Estados brasileiros, exceto das cidades do Goiás e Minas Gerais que compõem a Região de Abrangência na UnB, a

partir do momento em que a Universidade aderiu ao SISU como forma de seleção. Buscaremos então identificar a distribuição geográfica da localidade dos ingressantes na UnB provindos de outros estados brasileiros.

Diante desse terceiro objetivo específico, construímos a hipótese que há dispersão geográfica dos ingressantes da Universidade de Brasília provindos de outros estados e fora da sua Região de Abrangência. Em busca de verificar essa possível dispersão externa, serão comparadas as proporções de ingressantes oriundos de cada estado em diferentes momentos no tempo.

Ainda como forma de atingir o objetivo geral deste trabalho, assim como testar tais hipóteses, outro objetivo específico será necessário, que buscará identificar a distribuição geográfica dos ingressantes na UnB nas suas respectivas localidades de moradia. Para isto, serão criados gráficos de dispersão geográfica sobre mapas do DF, entorno do DF, Regiões de Abrangência de cada Campus e do Brasil, identificando de forma quantitativa, por meio de bolhas proporcionais, os ingressantes da Universidade de Brasília nas suas respectivas localidades que residem.

3.2 TIPOS DE COLETA DE DADOS

Todos os dados ora citados foram levantados por fonte de natureza secundária, tendo em vista a facilidade, rapidez e precisão na obtenção dos dados em relação a dados de natureza primária, como em casos de aplicação de questionários ou entrevistas, que poderiam assim prejudicar as análises estatísticas deste trabalho. Assim, para fins de obtenção de informações relativas aos ingressantes na Universidade de Brasília, dados secundários são mais indicados (NEWMAN, 2003).

Os dados secundários em questão referem-se inicialmente a todos os calouros nos cursos de graduação da UnB no período compreendido entre 2002 a 2015. Ao todo foram 101.767 ingressantes neste período. Foi necessário obter informações de cada calouro acerca do curso que ingressaram, semestre e ano ingressado, curso que se matricularam, campus do curso, localidade de residência e seu respectivo CEP.

No entanto, foi necessário descartar alguns dos ingressantes dessa relação. De início, foram excluídos os ingressantes dos cursos à distância, tendo em vista que este estudo visa a identificar apenas os calouros dos cursos presenciais. Foram então retirados 6829 ingressantes. Descartamos também 1979 calouros por informarem no ato da matrícula a numeração geral de CEP em Brasília (70000-000), dificultando assim em identificar a real localização do calouro. Por último, foram descartados também 864 ingressantes por informarem de forma incompleta suas informações de CEP no cadastro, sem os 8 dígitos necessários. Restaram então ao todo informações válidas de 92.095 calouros.

Os dados dos ingressantes citados foram solicitados formalmente ao Centro de Informática da Universidade de Brasília (CPD) por meio do Sistema Eletrônico de Informações (SEI), Processo nº 23106.097211/2016-40. O CPD dispõe de todos os dados necessários para se atingir aos objetivos propostos deste trabalho. Tais dados foram prontamente fornecidos, tendo em vista o princípio da transparência que rege a Administração Pública no Brasil.

Os dados fornecidos pelo CPD foram extraídos por meio do Sistema de Informação Acadêmica de Graduação (SIGRA), programa utilizado por toda Universidade para cadastro de dados pessoais e institucionais dos estudantes da UnB. Este programa é de acesso restrito a determinados setores e servidores da Universidade. No entanto, o CPD possui acesso e mecanismos capazes de extrair esses tipos de informações.

Justifica-se o período de análise dos dados, compreendido entre 2002 e 2015, por ser um período suficiente para ser verificado o fluxo de ingressos na UnB tanto antes da criação do primeiro campus da expansão (FUP, em 2006), bem como após a criação de novas vagas por meio do Reuni (2008 a 2012) e adoção ao SISU por parte da UnB (2014).

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Antes de proceder a análise propriamente dita, os dados obtidos foram tabulados por meio do programa Microsoft Excel. Na planilha Excel, foi possível agrupar os dados de acordo com cada localidade de residência, por meio da identificação do CEP de cada calouro. Assim, também pelo Excel e por meio dos dados obtidos, foi possível criar tabelas dinâmicas extraindo e agrupando os dados

de todas as maneiras necessárias para a obtenção de informações tanto para as análises metodológicas quanto para a criação dos mapas de dispersão.

Quanto às análises metodológicas, foram realizadas por meio do Programa R, ferramenta fundamental para se realizar análises estatísticas de dados. Sendo assim, certas estratégias metodológicas foram necessárias, conforme descritas a seguir:

Teste de normalidade de Shapiro-Wilk: é um teste estatístico para estudar a distribuição dos dados. As hipóteses testadas são:

H0: As variáveis têm distribuição normal.

H1: As variáveis não têm distribuição normal.

A decisão para o teste é tomada a partir do p-valor encontrado para o teste. O p-valor ainda será explicado nesta metodologia (BUSSAB; MORRETTIN, 2004).

Teste de Correlação de Pearson: é um teste estatístico para estudar a existência de correlação entre duas variáveis quantitativas. As hipóteses testadas são:

H0: As variáveis são independentes (Não há correlação)

H1: As variáveis não são independentes (Há correlação)

A estatística do teste, que é o próprio coeficiente de correlação, varia de -1 a 1, onde 0 caracteriza independência. A correlação positiva indica que a medida que a variável x aumenta, a variável y também aumenta, enquanto na correlação negativa, à medida que a variável x aumenta a variável y diminui (BUSSAB; MORRETTIN, 2004).

Teste de Correlação de Spearman: é um teste estatístico não paramétrico para estudar a existência de correlação entre duas variáveis. A estatística, baseada em postos, faz com que não seja necessário o pressuposto de distribuição normal dos dados. As hipóteses testadas são:

H0: As variáveis são independentes (Não há correlação)

H1: As variáveis não são independentes (Há correlação)

A estatística do teste, que é o próprio coeficiente de correlação, varia de -1 a 1, onde 0 caracteriza independência. A correlação positiva indica que a medida que a

variável x aumenta, a variável y também aumenta, enquanto na correlação negativa, à medida que a variável x aumenta a variável y diminui (BUSSAB; MORRETTIN, 2004).

Odds Ratio: é um valor maior que zero e mostra, por meio de uma razão entre as chances de ocorrência de determinados eventos, o quanto um evento é mais provável de acontecer do que outro. Quando o valor da razão é igual a 1, significa independência, ou seja, ambos os eventos têm a mesma chance de ocorrer quando dada uma determinada característica (CONOVER, 2014).

Nível de Significância: é o valor do quão provável o teste realizado será verdadeiro e que mostra o valor do erro que podemos estar assumindo. Por exemplo, um nível de significância de 5% representa que existe a possibilidade de erro em 5% dos casos como o caso em estudo. O nível de significância utilizado foi de 5% (AGRESTI, 2007).

P-valor: é um valor utilizado para definir a relação entre as variáveis. É calculado o valor e comparado com o nível de significância. No caso, se o p-valor for menor que o valor do nível de significância do teste estatístico a hipótese nula de que não existe relação entre as variáveis é rejeitada, assumindo assim que existe relação entre elas. Quanto mais distante do nível de significância o p-valor fica, maior (ou menor) é a associação entre as variáveis considerando o teste utilizado (AGRESTI, 2007).

Referente aos mapas de dispersão citados nessa dissertação, estes foram criados também no Microsoft Excel, utilizando gráficos de dispersão, através de bolhas proporcionais que indicam o quantitativo de calouros da cidade onde se encontra a respectiva bolha.

As bolhas proporcionais aos quantitativos dos ingressantes por localidade foram elaboradas seguindo um modelo em arquivo de excel de Rieper (2017) disponibilizado em site em versão que permite a criação de mapas desse tipo. No entanto, o site citado possui apenas como modelo o mapa do Brasil, com as respectivas coordenadas geográficas já estabelecidas para cada bolha que determinam o deslocamento desta. Esta sobrepõe a cada estado brasileiro. Assim, foi possível criar os mapas de dispersão geográfica dos estados brasileiros, propostos nesse estudo.

Já para a criação dos mapas do DF, entorno e áreas de abrangência propostos nessa dissertação, foram necessárias algumas adaptações no modelo citado. Foram importadas para o modelo (arquivo do excel) as imagens dos mapas dessas citadas localidades, além de ser necessário modificar os valores das coordenadas de cada bolha de modo a sobrepor sua respectiva localidade nesses mapas. Os mapas foram criados com as seguintes periodicidades citadas a seguir:

Quadro 2 Características de composição dos mapas

Nº	Localidade dos mapas	Período	Justificativa de Período
Mapa 1	Distrito Federal	(I) 2002 a 2005	cenário antes da criação do 1º campus (FUP)
Mapa 2		(II) 2006 a 2009	período referente aos primeiros anos de criação dos 3 campi de expansão
Mapa 3		(III) 2010 a 2012	período referente aos primeiros anos após a efetivação do último campus
Mapa 4		(IV) 2013 a 2015	período dos 3 últimos anos dos dados fornecidos (adesão ao SISU a partir de 2014)
Mapa 5	Entorno DF	(I) 2002 a 2005	cenário antes da criação do 1º campus (FUP)
Mapa 6		(II) 2006 a 2009	período referente aos primeiros anos de criação dos 3 campi de expansão
Mapa 7		(III) 2010 a 2012	período referente aos primeiros após a efetivação do último campus
Mapa 8		(IV) 2013 a 2015	período dos 3 últimos anos dos dados fornecidos (adesão ao SISU a partir de 2014)
Mapa 9	Brasil	(I) 2010 a 2011	período de dois anos antes da adesão ao SISU
Mapa 10		(II) 2012 a 2013	período de dois anos antes da adesão ao SISU
Mapa 11		(III) 2014 a 2015	Adesão ao SISU
Mapa 12	Região de Abrangência da FUP	(I) 2006 a 2008	primeiro período de criação do campus
Mapa 13		(II) 2009 a 2012	segundo período de criação do campus
Mapa 14		(III) 2013 a 2015	terceiro período de criação do campus
Mapa 15	Região de Abrangência da FCE	(I) 2008 a 2011	primeiros 4 anos após a criação do campus
Mapa 16		(II) 2012 a 2015	últimos 4 anos dos dados disponibilizados
Mapa 17	Região de Abrangência da FGA	(I) 2008 a 2011	primeiros 4 anos após a criação do campus
Mapa 18		(II) 2012 a 2015	últimos 4 anos dos dados disponibilizados

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CORRELAÇÃO NÚMERO DE VAGAS OFERTADAS VERSUS NÚMERO DE CALOUROS

Dando início aos resultados obtidos, começamos pelo primeiro objetivo específico, referente a verificar a correlação entre o número de vagas ofertadas por cada *campus* e o número de calouros da UnB residentes nas regiões de abrangência dos *campi*.

Com as análises descritivas, podemos observar que a criação dos *campi* de Planaltina, Gama e Ceilândia fez com que houvesse um aumento de pessoas das regiões de abrangência desses novos *campi* ingressando na Universidade de Brasília, conforme podemos observar na Tabela 3.

Tabela 3 Proporção de calouros da UnB residentes nas regiões de abrangência dos novos *campi*

Campus	Antes do <i>campus</i>	Depois do <i>campus</i>
Planaltina	6%	11%
Ceilândia	17%	26%
Gama	6%	11%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Para confirmar a veracidade de tal afirmação, foi feito um estudo de correlações entre o número de vagas ofertadas pelo *campus* e o número de calouros da região de abrangência do mesmo.

Existem vários testes estatísticos para realizar este estudo, cada um com seus pressupostos. Um fator importante para definição do teste é a distribuição dos dados. Desta forma, foi utilizado o teste de Shapiro-Wilk para verificar a normalidade dos dados. Apesar dos resultados mostrarem que o número de vagas assume uma distribuição normal, a hipótese de normalidade é rejeitada para o quantitativo de calouros da região de abrangência nos *campi* Ceilândia e Gama.

Com isso, para o *campus* Planaltina, foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Pearson, mais recomendado para casos de dados com distribuição normal. Já para os *campi* Ceilândia e Gama foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Spearman, que é um teste de correlação não-paramétrico, e que apresenta

resultados mais robustos que o Coeficiente de Correlação de Pearson para casos como esse, onde não há normalidade dos dados em questão.

Tabela 4 Resultados dos testes de correlação de Pearson/Spearman

Campus	Estatística (ρ)	p-valor
Planaltina	0,77	0,000076
Ceilândia	0,64	0,007903
Gama	0,58	0,01871

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Os resultados apresentados na tabela 4 mostraram que, para todos os *campi*, existe uma alta correlação positiva entre o número de vagas ofertadas no *campus* e o número de ingressantes, na Universidade de Brasília, daquela região de abrangência. Isso significa que o aumento do número de vagas oferecidas pelo *campus* aumenta a quantidade de calouros daquela determinada região na Universidade. Para todos os testes foi levado em consideração um nível de significância de 95%. Porém, mesmo se utilizarmos um nível de significância de 99% não teremos alterações nos resultados de Planaltina e Ceilândia.

4.2 RELAÇÃO INGRESSO DE CALOURO NO CAMPUS LOCAL

Referente ao segundo objetivo específico, foi verificado se existe relação de um calouro, residente de uma determinada região que abrange de um dos *campi*, ingressar no Campus de sua região em relação aos outros 3 *campi* da UnB.

Descritivamente temos os seguintes resultados:

Tabela 5 Proporção de vagas preenchidas por calouros da Região de abrangência

Campus	Total de vagas da inauguração até 2015	Número de calouros da Região de Abrangência	Proporção
Planaltina	2710	2099	77%
Ceilândia	3735	2488	67%
Gama	3821	1093	29%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Dentre inúmeras situações que determinam as chances de ingresso no *campus* da região, levando em consideração apenas os dados desta dissertação, foi utilizada a *Odds Ratio*, conhecida como “Razão de chances”. Para isso, os dados foram agrupados a partir do período de criação de vagas nos novos *campi* (1/2006 para

Planaltina e 2/2008 para Ceilândia e Gama) conforme serão apresentados nas tabelas 6, 7 e 8:

Tabela 6 Campus de Ingresso x Região de Abrangência - Planaltina

Campus de Ingresso	Região de Abrangência		Total
	FUP	Outra	
FUP	2099	816	2710
Outro	6633	65095	71728
Total	8730	65911	74641

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Tabela 7 Campus de Ingresso x Região de Abrangência - Ceilândia

Campus de Ingresso	Região de Abrangência		Total
	FCE	Outra	
FCE	2514	1256	3770
Outro	13882	44470	58352
Total	16396	45726	62122

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Tabela 8 Campus de Ingresso x Região de Abrangência - Gama

Campus de Ingresso	Região de Abrangência		Total
	FGA	Outra	
FGA	1074	2892	3966
Outro	5605	52661	58266
Total	6679	55553	62232

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Fazendo explicação aos valores das tabelas 6, 7 e 8, todas possuem na primeira coluna o *campus* analisado e outros *campi*. Já na segunda coluna, são abordados os quantitativos de calouros por região de abrangência.

Tomando como exemplo, na Tabela 6 é identificado um total de 2710 ingressantes na FUP durante seus 10 anos, 2099 residem na região de influência do *campus*. Já os que ingressam na Universidade de Brasília em outros *campi*, de um total de 71728 ingressantes ao longo de 2006 a 2015, 6633 residem na região de abrangência da FUP. Resumindo os dados exemplificados na Tabela anterior, dos 74438 estudantes que ingressaram na Universidade de Brasília, de 2006 a 2015, 8732 eram residentes da região de influência da FUP, sendo que destes 2099

ingressaram na FUP e 6633 ingressaram em outros *campi*. Esta regra serve para as demais tabelas citadas.

Assim, após os quantitativos identificados nas tabelas anteriores, damos início ao cálculo da Odds Ratio:

$$\text{(R) Odds Ratio (Região de Influência)} = \frac{\text{Razão de ingressos na região}}{1 - \text{Razão de ingressos na região}}$$

$$\text{(F) Odds Ratio (demais regiões)} = \frac{\text{Razão de ingressos na região}}{1 - \text{Razão de ingressos na região}}$$

A partir dos resultados de R e F, damos início ao cálculo da Odds Ratio. Esta é calculada da seguinte forma:

$$\text{Odds Ratio} = R / F$$

Seguem então as Odds Ratio calculadas para cada *Campus* :

:

$$\text{(R) Ingressos da Região de influência na FUP} = \frac{\frac{2099}{2710}}{1 - \frac{2099}{2710}} = 3,44$$

$$\text{(F) Ingressos da Região de influência outros Campus} = \frac{\frac{6663}{71728}}{1 - \frac{6663}{71728}} = 0,102$$

$$\text{Odds Ratio (Planaltina)} = \frac{3,44}{0,102} = 33,73$$

$$\text{(R) Ingressos da Região de influência na FCE} = \frac{\frac{2488}{3735}}{1 - \frac{2488}{3735}} = 2,00$$

$$\text{(F) Ingressos da Região de influência outros Campus} = \frac{\frac{13882}{58352}}{1 - \frac{13882}{58352}} = 0,31$$

$$\text{Odds Ratio (Ceilândia)} = \frac{2,00}{0,31} = 6,45$$

$$\text{(R) Ingressos da Região de influência na FGA} = \frac{\frac{1093}{3821}}{1 - \frac{1093}{3821}} = 0,40$$

$$\text{(F) Ingressos da Região de influência outros Campus} = \frac{\frac{5605}{58266}}{1 - \frac{5605}{58266}} = 0,11$$

$$\text{Odds Ratio (Gama)} = \frac{0,40}{0,11} = 3,64$$

Os resultados observados nos mostram que:

- A chance de um estudante que mora na região de abrangência da FUP ingressar no *Campus* de Planaltina é aproximadamente 34 vezes maior do que a chance do mesmo estudante ingressar em outro *campus*.
- A chance de um estudante que mora na região de abrangência da FCE ingressar no *campus* de Ceilândia é aproximadamente 6,5 vezes maior do que a chance do mesmo estudante ingressar em outro *campus*.
- A chance de um estudante que mora na região de abrangência da FGA ingressar no *campus* do Gama é aproximadamente 4 vezes maior do que a chance do mesmo estudante ingressar em outro *campus*.

Destaca-se então que o morador de uma cidade abrangida pela FUP, ao ingressar na UnB, tem uma tendência em escolher um curso ofertado pela própria FUP, tendo assim menores chances em escolher um curso ofertado pelos outros *campi*. Essa tendência também vale para indivíduos residentes nas regiões de influência do Gama e Ceilândia.

Voltamos a ressaltar aqui que esta é uma dedução levando em consideração apenas aos dados fornecidos pelo CPD quanto aos ingressos dos universitários, sabendo assim que existem motivações dos moradores das regiões de influência no momento de decisão da escolha do *campus* que se buscam ingressar.

4.3 RELAÇÃO INGRESSANTES DE OUTROS ESTADOS E SISU

Para atingirmos o terceiro objetivo específico, em verificar se houve um aumento significativo dos ingressantes fora da região de abrangência na UnB, a partir do momento em que a Universidade aderiu ao SISU como forma de seleção, foi utilizado o método de estatística descritiva de proporção.

Para verificar a proporção dos calouros da UnB de outros estados, foi necessário separar os ingressantes antes de 2014, ano de adesão ao SISU, com os que ingressaram a partir de 2014, conforme tabela a seguir:

Tabela 9 Proporção Ingressantes de outros estados

Antes do SISU		Depois do SISU	
2002 a 2013	2002 a 2013	2014 a 2015	2014 a 2015
Total de Ingressantes	Média por semestre	Total de Ingressantes	Média por semestre
2493	103,88	734	183,5

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Descrevendo a Tabela 9, temos que 2493 calouros ingressaram na UnB de outros estados antes da Universidade aderir ao programa SISU. A partir de 2014, esse número foi de 734. No entanto, analisando a proporcionalidade por semestre, antes do SISU ingressavam em média 103 estudantes de fora. Já após a adesão ao SISU, a média subiu para 183 calouros, equivalente a um crescimento de 76,65%, ou seja, um crescimento bem significativo levando em consideração o período de 2002 a 2015. Evidencia-se, portanto, que esse crescimento possa ter ocorrido devido a UnB ter passado a utilizar o SISU como alternativa de seleção.

Adiante, quando serão realizadas observações por mapas de dispersão, tentaremos visualizar tanto esse crescimento identificado quanto a uma possível dispersão geográfica desses ingressantes externos.

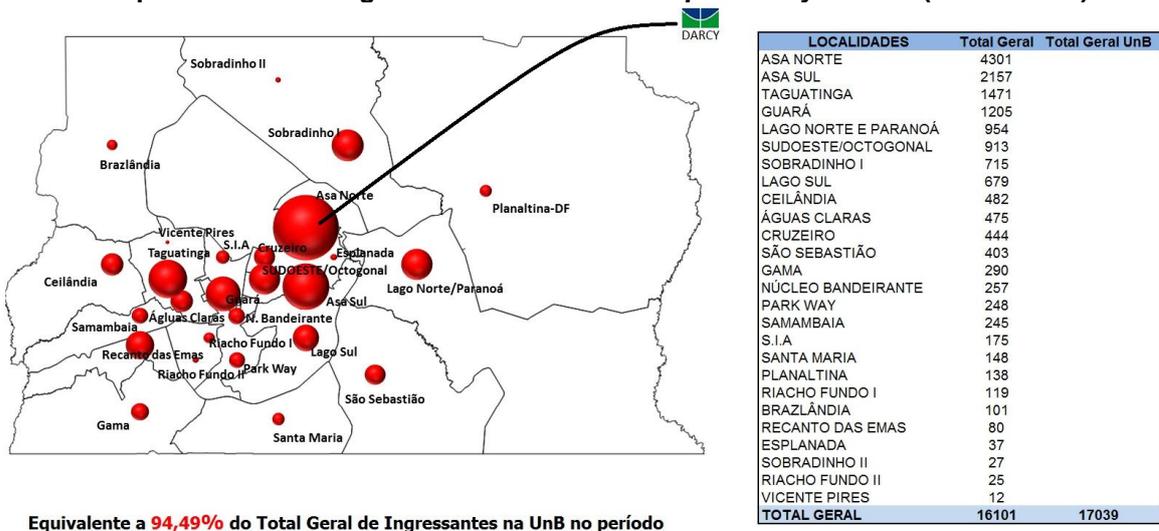
Como forma também de analisar a existência de dispersão geográfica dos ingressantes na UnB, testando assim as hipóteses dessa dissertação, daremos início agora à verificação, por meio de mapas, do quantitativo desses ingressantes por cidade onde residiam no momento que ingressaram na Universidade, de acordo com as informações de CEP informadas no ato da matrícula. Os mapas foram feitos de acordo com períodos estabelecidos nesse estudo e citados na metodologia como forma de facilitar a identificação da possível dispersão existente.

4.4 INGRESSANTES DO DISTRITO FEDERAL

Iniciamos com a observação interna, ou seja, identificando os quantitativos de ingressantes na UnB pelas Regiões Administrativas do Distrito Federal. O Mapa 4 é formado pela soma dos ingressantes nos cursos de graduação da Universidade de Brasília no período compreendido entre 2002 e 2005 moradores do DF. Este período foi selecionado pois coincide com os últimos 4 anos em que a UnB possuía apenas o campus Darcy Ribeiro, sendo então um período suficiente para visualizarmos de onde que são os calouros da UnB quando existia apenas o campus da Asa Norte.

Com vistas em tentar manter a proporcionalidade nas comparações deste período com os demais, foram feitos mapas agrupando as quantidades de ingressantes do Distrito Federal nos períodos de 2006 a 2009, 2010 a 2012 e por último 2013 a 2015, conforme os mapas 5, 6 e 7 respectivamente.

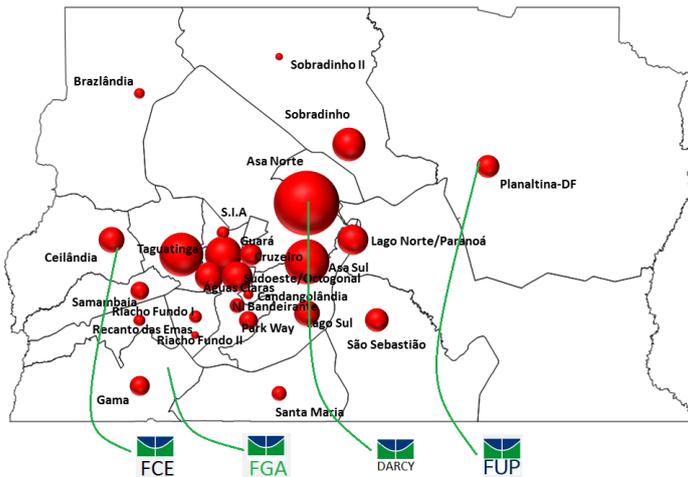
Mapa 1 Período I - Ingressantes do DF no *campus* Darcy Ribeiro (2002 a 2005)



Fonte: *Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília*

Percebe-se que o Mapa 1 aparece apenas o *Campus* Darcy Ribeiro pois neste período analisado, de 2002 a 2005, ainda não existiam outros *campi*.

Mapa 2 Período II - Ingressantes do DF nos 4 campi (2006 a 2009)

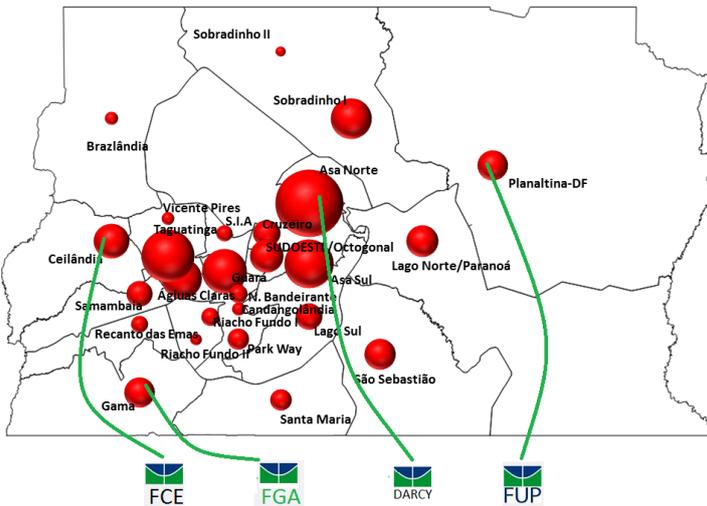


Localidades do DF	Total	Total Geral UnB
ASA NORTE	4816	
ASA SUL	2256	
TAGUATINGA	2139	
GUARÁ	1522	
SOBRADINHO I	1230	
LAGO NORTE E PARANOÁ	1020	
SUDOESTE/OCTOGONAL	1016	
ÁGUAS CLARAS	916	
CEILÂNDIA	726	
LAGO SUL	718	
SÃO SEBASTIÃO	601	
PLANALTINA-DF	572	
CRUZEIRO	537	
GAMA	439	
PARK WAY	380	
SAMAMBAIA	371	
SANTA MARIA	245	
NÚCLEO BANDEIRANTE	233	
RIACHO FUNDO I	170	
SIA	165	
RECANTO DAS EMAS	146	
BRAZLÂNDIA	128	
CANDANGOLÂNDIA	109	
RIACHO FUNDO II	64	
VICENTE PIRES	63	
SOBRADINHO II	56	
ESPLANADA	38	
Total geral	20676	22223

Equivalente a **93,04%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Mapa 3 Período III - Ingressantes do DF nos 4 campi (2010 a 2012)

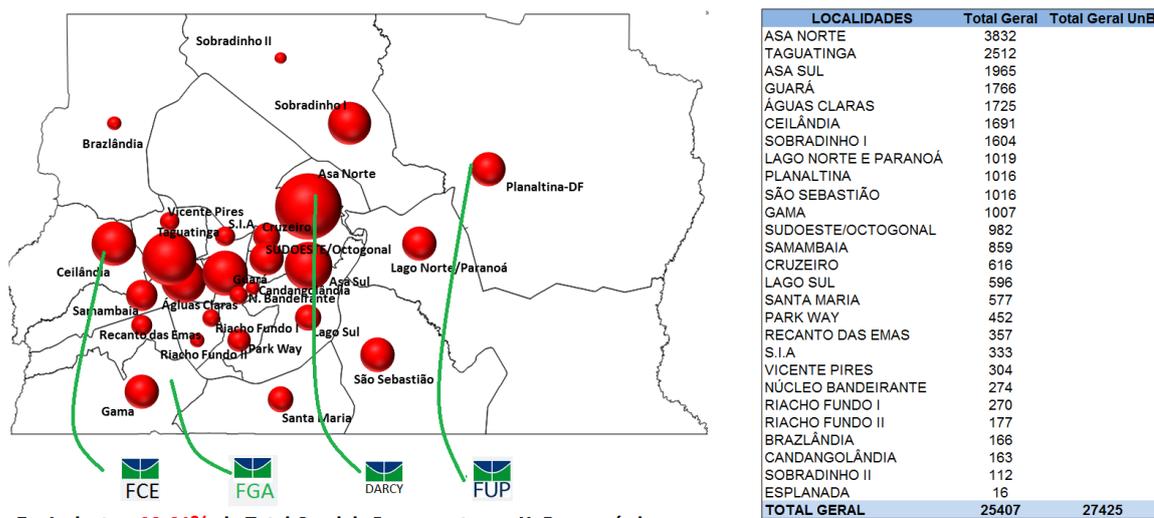


LOCALIDADES	Total Geral	Total Geral UnB
ASA NORTE	4239	
TAGUATINGA	2515	
ASA SUL	2189	
GUARÁ	1809	
SOBRADINHO I	1518	
ÁGUAS CLARAS	1466	
Ceilândia	1126	
SUDOESTE/OCTOGONAL	1004	
LAGO NORTE E PARANOÁ	931	
SÃO SEBASTIÃO	888	
Gama	842	
Planaltina	834	
CRUZEIRO	688	
LAGO SUL	639	
SAMAMBAIA	620	
SANTA MARIA	435	
PARK WAY	404	
NÚCLEO BANDEIRANTE	301	
RIACHO FUNDO I	295	
RECANTO DAS EMAS	262	
S.I.A	232	
BRAZLÂNDIA	159	
CANDANGOLÂNDIA	154	
VICENTE PIRES	146	
RIACHO FUNDO II	118	
SOBRADINHO II	88	
ESPLANADA	30	
TOTAL GERAL	23902	25403

Equivalente a **94,09%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Mapa 4 Período IV - Ingressantes do DF nos 4 campi (2013 a 2015)



Equivalente a **92,64%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: *Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília*

Asa Norte e Asa Sul (mesmo tendo uma diminuição de ingressantes), somadas a Taguatinga e Guarará, praticamente encabeçam nessa ordem a classificação dos 4 períodos analisados. Esse fator pode ter como influência, provavelmente, pela junção de fatores determinantes que essas localidades possuem, como tamanho elevado da população, alto poder aquisitivo regional assim como proximidade com os *campi*.

Baseado no último censo distrital realizado pela Codeplan, em 2004, Asa Norte e Asa Sul aparecem como a quarta maior renda per capita entre as Regiões Administrativas. Já Guarará e Taguatinga aparecem em sexto e nono, respectivamente.

Determinadas localidades que não configuravam entre as que mais cediam estudantes à UnB, no período de 2002 a 2005 (época em que possuía apenas o *Campus Darcy Ribeiro*) passaram a compor entre as 10 localidades que mais possuem calouros da UnB, principalmente Ceilândia, Planaltina e Gama, concluindo-se assim que a população local dos *campi* da expansão obteve um crescimento de ingressantes na UnB conforme esperado.

Relevante observar é o aumento significativo dos calouros das RAs que fazem divisa com as cidades que localizam os 3 *campi* da expansão. Em relação à FUP, Sobradinho, cidade mais próxima de Planaltina, fornecia à UnB 715 estudantes antes da construção da FUP. Já no Período II (2006 a 2009), época da construção dos 3 *campi*, ingressava na UnB 1230 moradores dessa região. No Período III (2010

a 2012) subiu para 1518, atingindo então, no Período IV (2013 a 2015) a casa dos 1604 calouros. Ao final, crescimento de 124,34%. Obtiveram também crescimento significativo, ao decorrer dos 4 períodos analisados, de ingressantes à UnB moradores das cidades de Recanto das Emas, Riacho Fundo e Santa Maria (divisas com o Gama) e Samambaia (próxima a FCE).

Apesar de não fazerem divisa com Ceilândia, mas serem próximas à cidade, Vicente Pires e Águas Claras obtiveram um crescimento de 2433,33% e 263,16%, respectivamente. Águas Claras passou assim, após esse crescimento, a configurar entre as localidades do DF que mais possuem aprovados na UnB, saindo da décima colocação no período de 2002 a 2005 e assumindo a quinta colocação entre 2013 e 2015.

No entanto, esse crescimento no mínimo curioso de ingressantes de Vicente Pires não a coloca entre as que mais fornecem estudantes à Universidade pois a quantidade no Período I era de apenas 12 calouros, passando para 304 no Período IV. Importante ressaltar, para fins de justificativa desse crescimento, que esta cidade até em 2008 era incorporada à cidade de Taguatinga, tornando-se assim RA somente a partir de 2009.

Chegamos assim a concluir que, devido a esse crescimento significativo das RAs do DF, principalmente das cidades próximas aos *campi* da expansão, diminuindo conseqüentemente o ingresso dos que habitam nas regiões que mais cedem estudantes à UnB, no Distrito Federal houve dispersão geográfica dos ingressantes na Universidade de Brasília ao longo dos 4 períodos analisados.

Tabela 10 Variação de Ingressantes à UnB por Período – Distrito Federal

Localidade	Período I	Período II	Período III	Período IV	Variação % (Período I e Período IV)
	2002 a 2005	2006 a 2009	2010 a 2012	2013 a 2015	
ASA NORTE	4301	4816	4239	3832	-10,90%
TAGUATINGA	1471	2139	2515	2512	70,77%
ASA SUL	2157	2256	2189	1965	-8,90%
GUARÁ	1205	1522	1809	1766	46,56%
ÁGUAS CLARAS	475	916	1466	1725	263,16%
CEILÂNDIA	482	726	1126	1691	250,83%

Continua

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Período III	Período IV	Variação % (Período I e Período IV)
	2002 a 2005	2006 a 2009	2010 a 2012	2013 a 2015	
SOBRADINHO I	715	1230	1518	1604	124,34%
LAGO NORTE E PARANOÁ	954	1020	931	1019	6,81%
PLANALTINA	138	572	834	1016	636,23%
SÃO SEBASTIÃO	403	601	888	1016	152,11%
GAMA	290	439	842	1007	247,24%
SUDOESTE/OCTOGONAL	913	1016	1004	982	7,56%
SAMAMBAIA	245	371	620	859	250,61%
CRUZEIRO	444	537	668	616	38,74%
LAGO SUL	679	718	639	596	-12,22%
SANTA MARIA	148	245	435	577	289,86%
PARK WAY	248	380	404	452	82,26%
RECANTO DAS EMAS	80	146	252	357	346,25%
SIA	175	165	232	333	90,29%
VICENTE PIRES	12	63	146	304	2433,33%
NÚCLEO BANDEIRANTE	257	233	301	274	6,61%
RIACHO FUNDO I	119	170	295	270	126,89%
RIACHO FUNDO II	25	64	118	177	608,00%
BRAZLÂNDIA	101	128	159	166	64,36%
CANDANGOLÂNDIA	0	109	154	163	154,00%
SOBRADINHO II	27	56	88	112	314,81%
ESPLANADA	0	38	30	16	16,00%
MÉDIA	594,96	765,78	885,26	941,00	244,28%

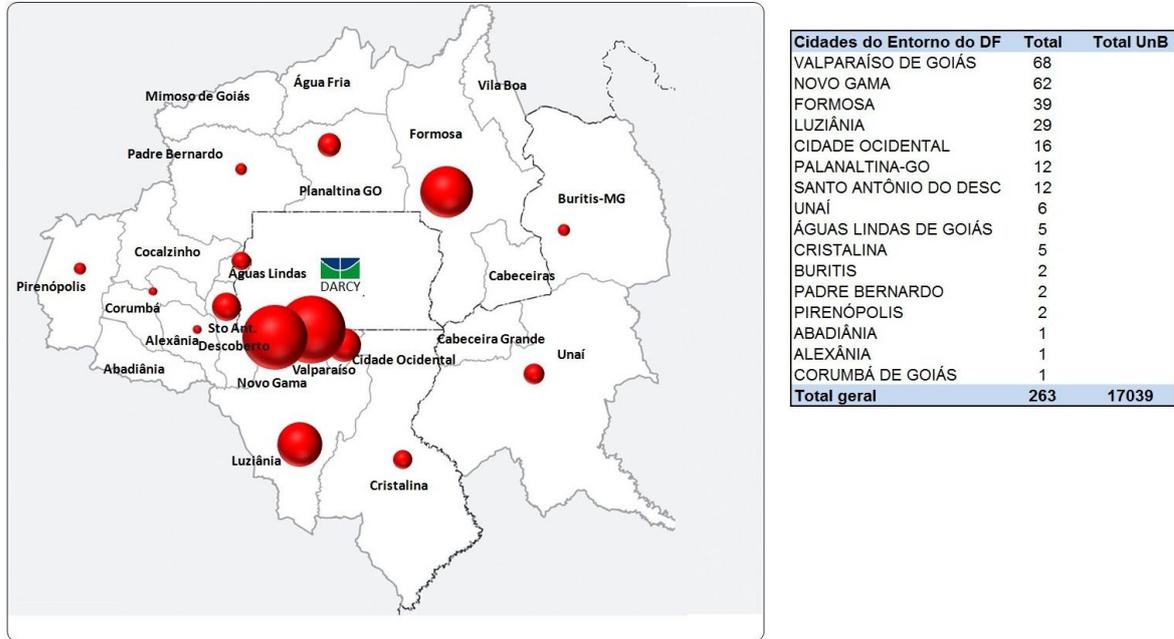
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

4.5 INGRESSANTES DO ENTORNO DO DF

Ainda verificando internamente a possível dispersão dos ingressantes, foram elaborados mapas de dispersão geográfica dos calouros da região do Entorno do DF. Foram separados então por 4 períodos, conforme informado em capítulo anterior.

Esta região analisada equivale, no período do Mapa a seguir, a 1,54% dos que ingressam na Universidade.

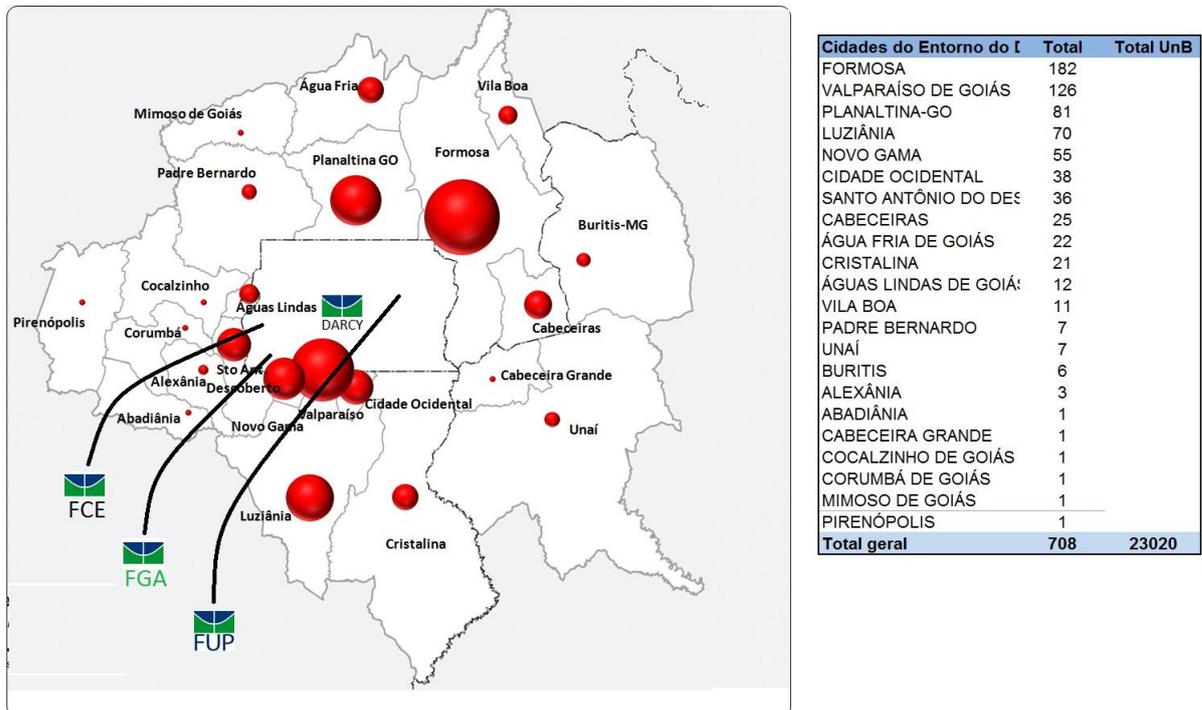
Mapa 5 Período I - Ingressantes do Entorno do DF no *campus* Darcy Ribeiro (2002 a 2005)



Equivalente a **1,54%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

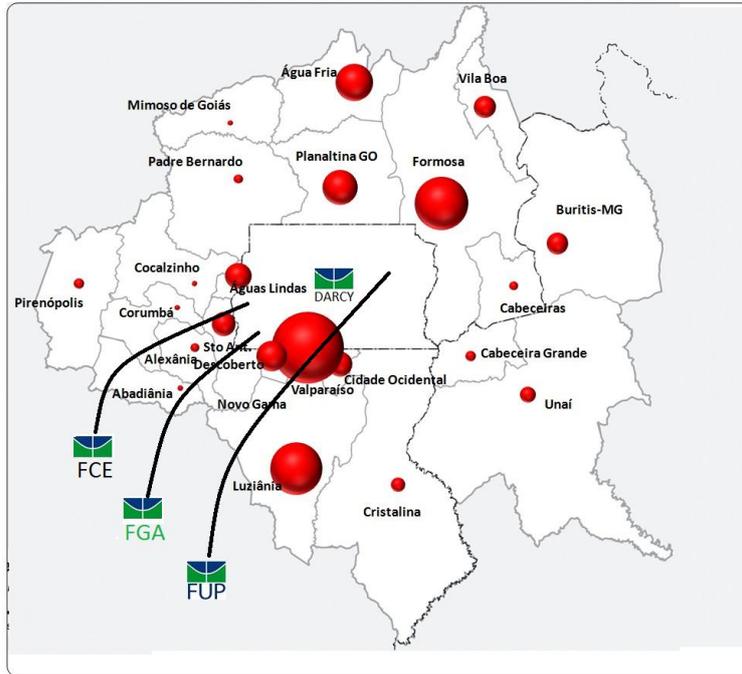
Mapa 6 Período II - Ingressantes do Entorno do DF nos 4 *campi* (2006 a 2009)



Equivalente a **3,07%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Mapa 7 Período III - Ingressantes do Entorno do DF nos 4 campi (2010 a 2012)

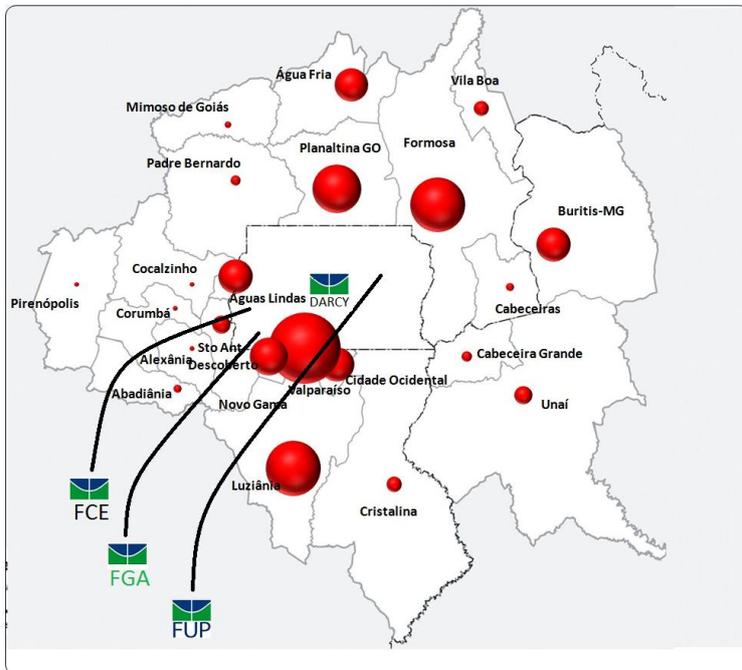


Cidades do Entorno do DF	Total	Total Geral UnB
VALPARAÍSO DE GOIÁS	214	
FORMOSA	118	
LUZIÂNIA	112	
ÁGUA FRIA DE GOIÁS	56	
PLANALTINA-GO	50	
NOVO GAMA	39	
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	27	
CIDADE OCIDENTAL	24	
SANTO ANTÔNIO DO DESC	23	
VILA BOA	20	
BURITIS	19	
UNAI	10	
CRISTALINA	8	
CABECEIRA GRANDE	4	
PIRENÓPOLIS	4	
ALEXÂNIA	3	
CABECEIRAS	3	
PADRE BERNARDO	3	
ABADIÂNIA	1	
COCALZINHO DE GOIÁS	1	
CORUMBÁ DE GOIÁS	1	
Total geral	740	25997

Equivalente a **2,85%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Mapa 8 Período IV - Ingressantes do Entorno do DF nos 4 campi (2013 a 2015)



Cidades do Entorno do DF	Total	Total Geral UnB
VALPARAÍSO DE GOIÁS	261	
FORMOSA	153	
LUZIÂNIA	153	
PLANALTINA-GO	120	
NOVO GAMA	71	
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	59	
BURITIS	59	
CIDADE OCIDENTAL	59	
ÁGUA FRIA DE GOIÁS	56	
SANTO ANTÔNIO DO DESC	16	
UNAI	16	
CRISTALINA	11	
VILA BOA	11	
CABECEIRA GRANDE	5	
PADRE BERNARDO	5	
ABADIÂNIA	3	
CABECEIRAS	3	
MIMOSO DE GOIÁS	2	
ALEXÂNIA	1	
CORUMBÁ DE GOIÁS	1	
PIRENÓPOLIS	1	
Total geral	1066	27955

Equivalente a **3,81%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Podemos assim identificar nesses quatro últimos mapas, relacionados aos ingressos na UnB provindos de calouros moradores da região do entorno, que em todos os 4 períodos analisados (2002 a 2005, 2006 a 2008, 2009 a 2012 e 2013 a 2015) houve em média um alto crescimento desses ingressantes (656,23%). Este já é um indício de que a expansão da UnB tem atingido um de seus objetivos, de atrair a população das regiões de abrangência ao ingresso à Universidade.

Verificamos também que ocorre uma concentração significativa de ingressantes residentes da região Sul do DF, principalmente relacionadas às cidades Valparaíso, Novo Gama, Cidade Ocidental e Luziânia.

Isso justifica-se devido a esta região localizada no limite sul do quadrilátero do DF possuir maiores taxas de crescimento populacional, mais altos níveis de centralidade, maiores volumes de migração e as mais elevadas densidades habitacionais, sendo Valparaíso como a mais densa, com 1.555,63 habitantes por km² (CAIADO, 2013).

Ainda como método de justificativa, mediante Censo Demográfico realizado em 2010, relacionado aos arranjos populacionais do Entorno com o DF, é identificada a intensidade dos deslocamentos para trabalho e estudo na concentração urbana de Brasília/DF. Os deslocamentos indicados neste Censo coincidem com os quantitativos dos mapas dos ingressantes ilustrados anteriormente, confirmando assim a considerável concentração populacional existente nesta região, por meio do fluxo de estudantes que se deslocam dessa região sul do Entorno do DF para a Universidade de Brasília, independente do *campus* (IBGE, 2010).

Ressaltamos também aqui o considerável quantitativo de estudantes da Universidade moradores das cidades de Planaltina-GO e Formosa, localizados na região Nordeste do Entorno do DF. Estas cidades configuram-se, ao longo dos 4 períodos analisados, entre as 5 cidades do entorno que mais fornecem calouros universitários à UnB. Planaltina-GO, que no Período I fornecia apenas 12 estudantes, cede no período mais recente (Período IV) 120 calouros. Já Formosa, de 39 para 153 estudantes, chegando a fornecer 182 calouros no período II. Ambas fazem divisa com Planaltina-DF, Região do *campus* Planaltina, coincidindo o início destes crescimentos em análise com o período de construção da FUP. O IBGE, no Censo Demográfico 2010, também identifica o considerável deslocamento para trabalho e estudo da população de Planaltina-GO para Brasília-DF.

Tabela 11 Variação de Ingressantes à UnB por Período – Região do Entorno do DF (em número de ingressantes)

Localidade	Período I	Período II	Período III	Período IV	Variação % (Período I e Período IV)
	2002 a 2005	2006 a 2009	2010 a 2012	2013 a 2015	
VALPARAÍSO DE GOIÁS	68	126	214	261	283,82%
FORMOSA	39	182	118	153	292,31%
LUZIÂNIA	29	70	112	153	427,59%
PLANALTINA-GO	12	81	50	120	900,00%
NOVO GAMA	62	55	39	71	14,52%
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	5	12	27	59	1080,00%
BURITIS	2	6	19	59	2850,00%
CIDADE OCIDENTAL	16	38	24	59	268,75%
ÁGUA FRIA DE GOIÁS	0	22	56	56	5600,00%
S. ANT. DO DESCOBERTO	12	36	23	16	33,33%
UNAÍ	6	7	10	16	166,67%
CRISTALINA	5	21	8	11	120,00%
VILA BOA	0	11	20	11	1100,00%
CABECEIRA GRANDE	0	1	4	5	500,00%
PADRE BERNARDO	2	7	3	5	150,00%
ABADIÂNIA	1	1	1	3	200,00%
CABECEIRAS	0	25	3	3	300,00%
MIMOSO DE GOIÁS	0	1	0	2	200,00%
ALEXÂNIA	1	3	3	1	0,00%
CORUMBÁ DE GOIÁS	1	1	1	1	0,00%
COCALZINHO DE GOIÁS	0	1	1	0	0,00%
PIRENÓPOLIS	2	1	4	1	-50,00%
MÉDIA	11,95	32,18	33,64	48,45	656,23%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

As cidades de Água Fria de Goiás e Buritis de Minas são as regiões que obtiveram a maior variação de crescimento de ingressantes da Região do Entorno do DF ao longo dos 4 períodos analisados, de 5600% e 2850%, respectivamente. Água Fria, que no Período I não cedeu nenhum aluno por meio dos vestibulares à época, forneceu 56 estudantes no Período 4. Ambas não fazem divisa com o DF. Já Buritis, que cedia 2 no primeiro Período, passou a ceder 59 ingressantes no último período. Necessário ressaltar neste momento a longa distância dessas cidades até o *campus* mais próximo (FUP), de 106 km e 176,8 km, respectivamente.

Importante sublinhar que dos 56 ingressantes de Água Fria à UnB no período de 2013 a 2015, 54 ingressaram na FUP, sendo todos do curso de Licenciatura e

Educação do Campo. Já os calouros da UnB vindos de Buritis, dos 59 que ingressaram neste mesmo período, apenas 1 ingressou na FUP.

Mesmo diante de um crescimento considerável de ingressantes na Universidade de Brasília dentre os habitantes no Entorno do DF, como observado até aqui, foram identificadas que algumas cidades do Entorno que não foram ainda atingidas por este crescimento. São elas as cidades de Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Alexânia, Abadiânia, Mimoso de Goiás, Cabeceiras e Cabeceira Grande. Estas cidades praticamente já não configuravam entre as que cedem calouros à UnB, conforme verificado na Tabela 3 e nos mapas 8, 9, 10 e 11. Esse fator provavelmente justifica-se pela distância entre essas cidades e o campus mais próximo, além de serem cidades que possuem uma população reduzida, tendo então poucos estudantes de nível médio, assim como poucas escolas de Ensino Médio, conforme a tabela a seguir:

Quadro 3 Cidades do Entorno do DF com baixo nº de ingressantes na UnB (2015)

Cidade	Distância do campus mais próximo	População	Escolas ensino médio Públicas	Escolas ensino médio Privadas	Matrículas Ensino médio Públicas	Matrículas Ensino médio Privadas
Corumbá	107,2 km (FCE)	11.024	1	0	301	0
Abadiânia	92,4 km (FGA)	18.427	2	1	852	346
Alexânia	64,7 km (FGA)	26.457	5	2	1.040	112
Cocalzinho	87,2 km (FCE)	19.352	2	0	777	0
Pirenópolis	127,6 km (FCE)	24.604	3	0	879	0
Mimoso	113,8 km (FCE)	2.708	1	0	79	0
Cabeceiras	99,2 km (FUP)	7.882	1	0	347	0
Cabeceira Grande	109,5 km (FUP)	6.901	2	0	296	0

Fonte: Elaboração própria baseada no IBGE

Podemos assim concluir que ao decorrer do ano de 2002 a 2015 houve um crescimento do número de ingressantes na UnB residentes nas cidades do Entorno do DF localizadas nas regiões de influência dos novos *campi* da Universidade,

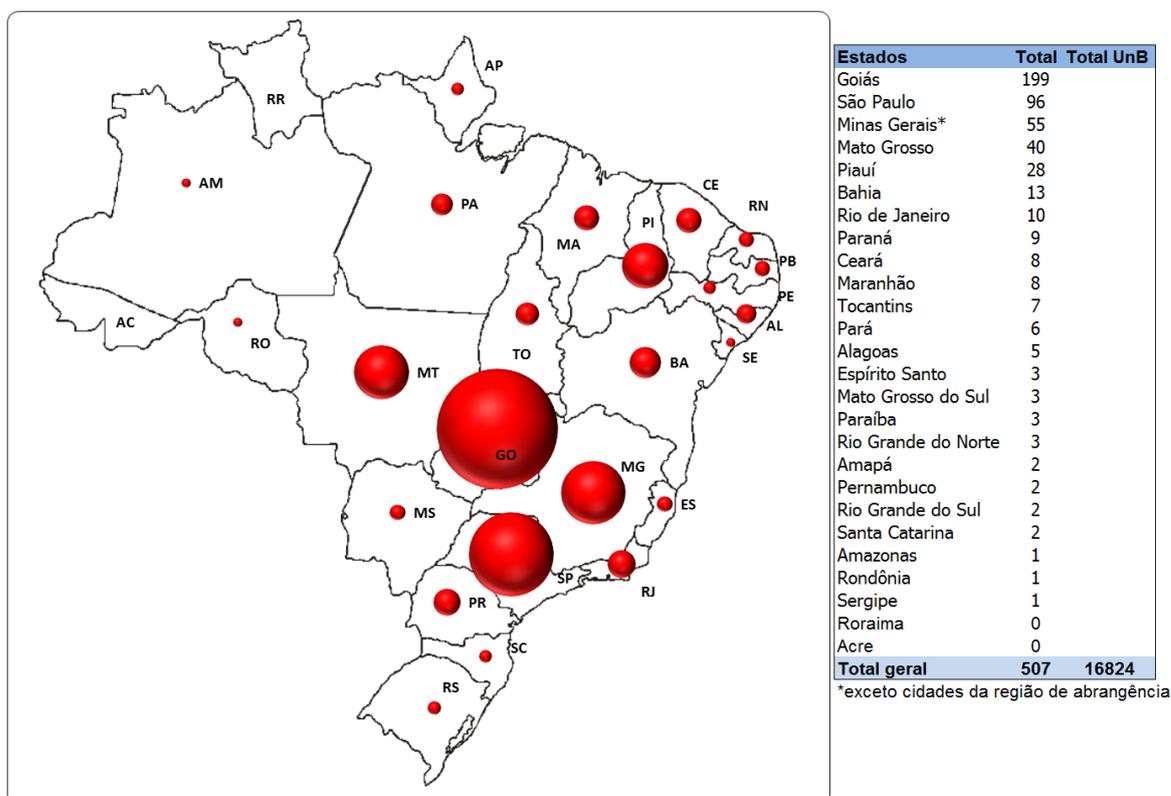
caracterizando assim, uma dispersão geográfica dos ingressantes à UnB nesta região. No entanto, por questões geográficas, como distância e tamanho populacional, estudantes de determinadas cidades do Entorno do DF ainda não foram atraídos para o ingresso na Universidade de Brasília.

4.6 INGRESSANTES DOS ESTADOS DO BRASIL

Iniciaremos agora a observação por meio de gráfico de dispersão sobre mapas dos ingressantes à UnB provindos de outros estados e das cidades do Goiás e de Minas Gerais que não pertencem à região de abrangência dos *campi*. Assim, visando alcançar o terceiro objetivo específico deste trabalho, este é mais um passo em busca da verificação da possível dispersão geográfica externa (fora do DF e Entorno) dos calouros da UnB, testando-se assim a segunda hipótese proposta.

Como o SISU (forma de democratizar o acesso à UnB de estudantes de qualquer local do Brasil) foi aderido pela Universidade em 2014 e os dados disponibilizados pelo CPD foram até o ano de 2015, a periodicidade analisada dos ingressantes por estados ficou definida de 2 em 2 anos a partir de 2010, acreditando assim ser suficiente para uma análise coerente de verificação de dispersão. Ficaram assim agrupados em Período I (2010 e 2011), Período II (2012 e 2013) e Período III (2014 e 2015).

Mapa 9 Período I - Ingressantes dos Estados brasileiros nos 4 campi (2010 e 2011)

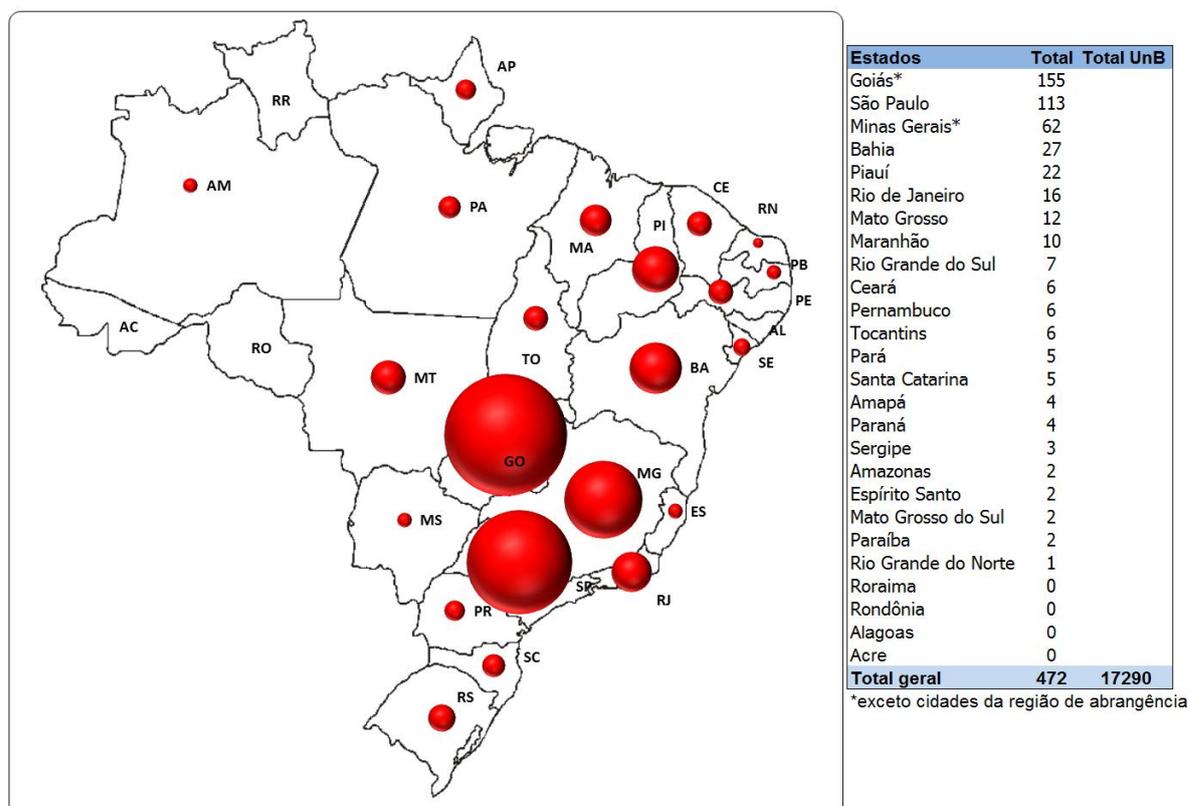


Equivalente a 3,01% do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Percebe-se então no Período I, que os calouros da UnB à época atingem a praticamente todos os estados brasileiros, com exceção a Acre e Roraima. Ao todo, 507 estudantes, correspondente a 3,01% do total geral ingressado na UnB no período, se deslocaram de seus estados para realizarem a graduação em solo brasiliense.

Mapa 10 Período II - Ingressantes dos Estados brasileiros nos 4 campi (2012 e 2013)



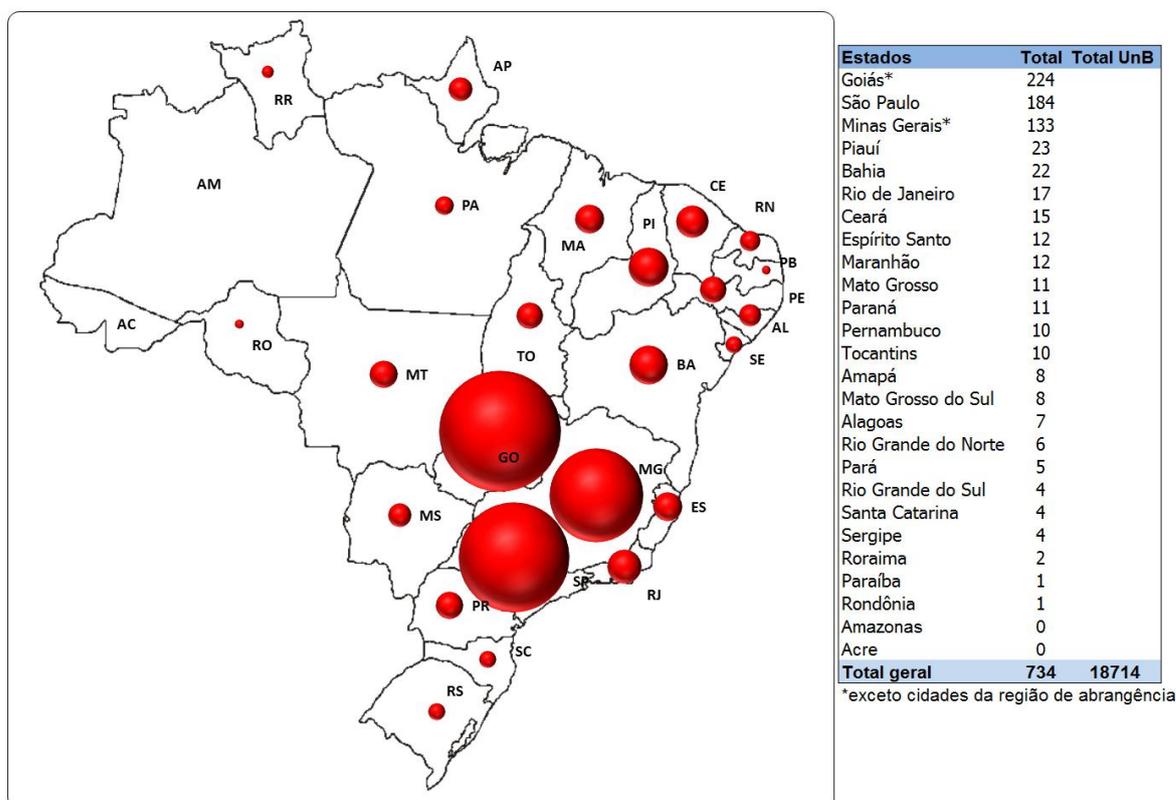
Equivalente a **2,73%** do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: *Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília*

Identificamos aqui nesse segundo período analisado (2012 e 2013) a ausência dos Estados de Roraima, Rondônia, Alagoas e Acre. Ao todo nesse período, houve um decréscimo de 507 para 472 calouros, equivalente a 2,73% do total de ingressantes à época. Os estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais lideram a lista de ingressantes à época.

Quanto a ausência de ingressantes à UnB vindos dos estados do Norte do país, segundo o IBGE, verifica-se no ano de 2015 a ausência de migração dos estados do Norte em direção ao Distrito Federal. Não podemos deixar de considerar também a distância significativa entre esses estados e o DF.

Mapa 11 Período III - Ingressantes dos Estados brasileiros nos 4 campi (2014 e 2015)



Equivalente a 3,92% do Total Geral de Ingressantes na UnB no período

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Já no terceiro período exibido, os anos de 2014 e 2015 foram marcados pelo início de adesão ao SISU por parte da UnB. Ocorreu então nesse período em média o crescimento de calouros da UnB vindos de outros estados, correspondente a 89,6%, conforme Tabela 13 a seguir, equivalendo portanto a 3,92% do total geral de ingressantes na Universidade no Período.

Fazendo uma rápida passagem pelos períodos analisados, identificamos então que os calouros de outros estados correspondiam a 3,01% do total de calouros da UnB entre 2010 e 2011, equivalente a 507 universitários. Já no Período seguinte, representou 2,73% (ou 472 alunos), percebendo assim um decréscimo de um período para o outro. E no Período III (2014 e 2015) houve um crescimento desses calouros, atingindo a casa dos 3,92% do total de ingressantes, representados por 734 estudantes. De 472 estudantes do período II para 734 do período III, equivale a um acréscimo de 55,5% após a adoção do SISU. Ou seja, apesar de no último período analisado ser identificado que os estudantes de fora representam ainda a

casa dos 3% do total de ingressantes, tem havido um crescimento significativo e este coincide assim com o período de adesão ao SISU.

Talvez esse quantitativo ainda possa obter num futuro recente números mais expressivos, haja vista que o SISU foi aderido recentemente.

Observando os ingressantes dos Estados por meio dos mapas 9, 10 e 11, vê-se que Goiás é o Estado que mais exporta universitários para a UnB. Provavelmente seja por ser o Estado mais próximo do DF. Em seguida, vem os Estados da região Sudeste do País, mais precisamente São Paulo e Minas Gerais. Provavelmente por possuírem, de acordo com o IBGE¹ (2017) um dos maiores PIB do Brasil, estando em 1º e 3º lugares, respectivamente.

Tabela 12 Variação de Ingressantes à UnB por Período – Estados do Brasil

Localidade	Período I	Período II	Período III	Variação %
	2010 a 2011	2012 a 2013	2014 a 2015	(Período I e Período III)
Goiás*	199	155	224	12,56%
São Paulo	96	113	184	91,67%
Minas Gerais*	55	62	133	141,82%
Piauí	28	22	23	-17,86%
Bahia	13	27	22	69,23%
Rio de Janeiro	10	16	17	70,00%
Ceará	8	6	15	87,50%
Espírito Santo	3	2	12	300,00%
Maranhão	8	10	12	50,00%
Mato Grosso	40	12	11	-72,50%
Paraná	9	4	11	22,22%
Pernambuco	2	6	10	400,00%
Tocantins	7	6	10	42,86%
Amapá	2	4	8	300,00%
Mato Grosso do Sul	3	2	8	166,67%
Alagoas	5	0	7	40,00%
Rio Grande do Norte	3	1	6	100,00%
Pará	6	5	5	-16,67%
Rio Grande do Sul	2	7	4	100,00%
Santa Catarina	2	5	4	100,00%
Sergipe	1	3	4	300,00%
Roraima	0	0	2	200,00%

Continua

¹ <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/pib-dos-estados-brasileiros.htm>

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Período III	Variação % (Período I e Período III)
	2010 a 2011	2012 a 2013	2014 a 2015	
Paraíba	3	2	1	-66,67%
Rondônia	1	0	1	0,00%
Amazonas	1	2	0	-100,00%
Acre	0	0	0	0,00%
MÉDIA	19,50	18,15	28,23	89,26%

* Exceto os municípios da região de influência

Fonte: *Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília*

No entanto, ganham destaque também os estados nordestinos do Piauí, Bahia, Maranhão e Ceará, os quais estão configurados entre os 10 que mais cedem calouros à UnB. Este fato pode ser justificado por serem os Estados de maior migração nordestina no DF e no Entorno.

Identifica-se que esses estados que mais exportam calouros à Universidade, como os quatro do Nordeste citados e os do Sudeste, coincidem com os principais fluxos de migração para o DF de acordo com o IBGE (2016).

Percebemos então, por meio de todo exposto relacionado aos ingressantes dos estados brasileiros, que existe uma dispersão geográfica dos calouros da UnB pelo Brasil, ao observarmos que a Universidade atinge quase totalidade dos estados brasileiros. Identificou-se também um crescimento significativo após o período de adesão ao SISU.

Finalizando a verificação da localidade dos ingressantes dos Estados por meio de mapas, iniciaremos em seguida, também dessa forma, a identificação das localidades de residência dos ingressantes da região de influência dos *campi* do Plano de Expansão, como FUP, FCE e FGA.

4.7 CALOUROS DA FUP DE 2006 A 2015

É necessário ressaltar aqui que até o ano de 2015, era previsto nos editais dos vestibulares tanto para FUP, como para o FCE e para o FGA, o benefício, aos que concluíram ao menos duas séries do ensino médio em uma das cidades abrangentes pelo *Campus*, de terem a nota final nas provas objetivas multiplicada por 1,2 antes de proceder à classificação. Este critério adotado à época é mais um indicativo de que objetivo da criação dos campi era atrair a população local ao

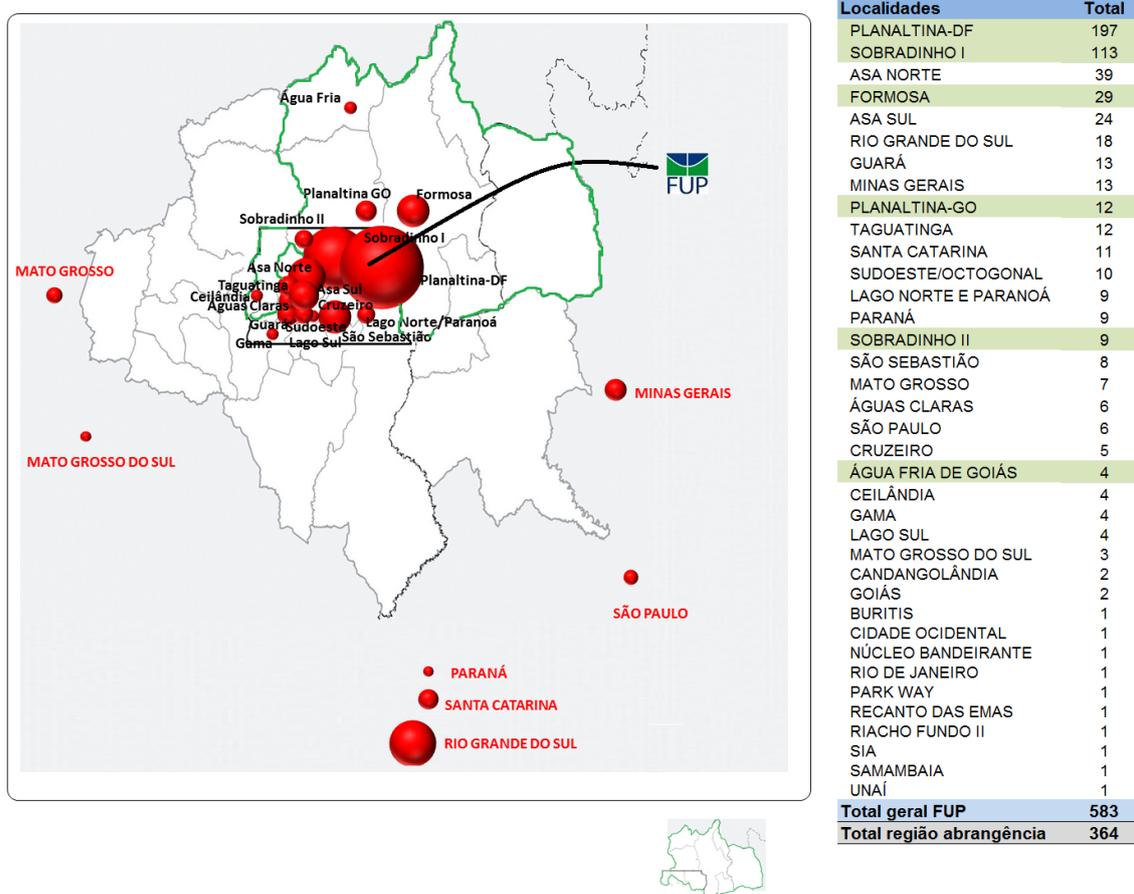
ingresso na Universidade, adotando assim meios de inclusão para proporcionar acesso a estes residentes distantes do centro.

Começaremos pela FUP, por ter sido o primeiro *campus* a ser erguido. As cidades de influência desse campus estão destacadas em quadros anexos aos mapas 12, 13 e 14 a seguir.

Os cursos presenciais de graduação ofertados são os de Licenciatura em Ciências Naturais, Bacharelado em Gestão Ambiental, Bacharelado em Gestão do Agronegócio e Licenciatura em Educação do Campo, todos possuindo viés ambiental e abordagem interdisciplinar.

Foram criados 3 mapas da FUP relacionados a 3 períodos distintos. O Período I é compreendido pela soma dos ingressantes na FUP de 2006 a 2008, conforme visto no Mapa a seguir:

Mapa 12 Período I - Ingressantes na FUP (2006 a 2008)



62,44% dos Ingressantes da FUP pertencem a sua **Região de Abrangência**

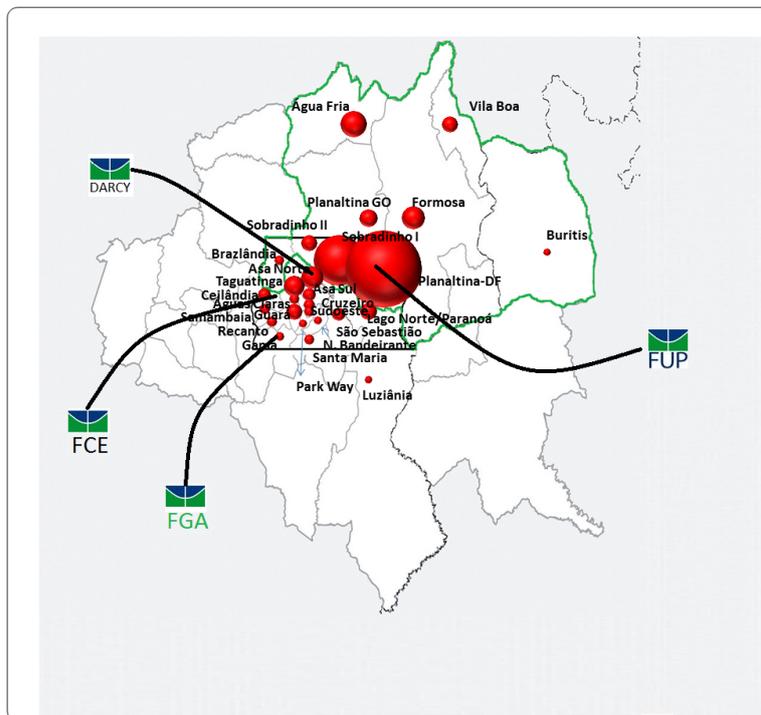
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Já no Período II estão os ingressantes na FUP de 2009 a 2012, conforme Mapa 13. E em seguida, o Período III composto pelos calouros da FUP de 2013 a 2015, conforme Mapa 14. Pode-se ser percebido de início a significativa presença de estudantes de outros estados nos primeiros anos da FUP, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e todos do Sul, com destaque ao Rio Grande do Sul, que contou com 18 ingressantes desta região.

Tratam-se de estudantes do curso Licenciatura e Educação no Campo, que na época era oferecido a regiões de outros estados. O curso tinha como objetivo em sua implantação em 2007 ampliar e interiorizar a oferta de ensino superior público e gratuito, incentivando a formação de educadores que atuarão na educação básica em escolas do campo nas regiões do Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Essa concentração de estudantes do Sul do país, como se percebe no mapa anterior, deveu-se a uma parceria indicada pelo MEC da Universidade de Brasília com o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA, instituição do Rio Grande do Sul que possuía vasta experiência na formação de educadores do campo, vindo então alunos desta localidade a realizarem na FUP o curso citado. As provas do vestibular foram realizadas no DF e em Veranópolis/RS.

No entanto, um dos requisitos para o ingresso neste curso é ser morador do campo e necessariamente de uma das cidades da Região de Abrangência do Campus. O Cebraspe promove vestibular a parte anualmente para o ingresso nesse curso.

Mapa 13 Período II Ingressantes na FUP (2009 a 2012)



73,89% do Total de ingressantes na FUP concentra-se na sua **Região de Abrangência**

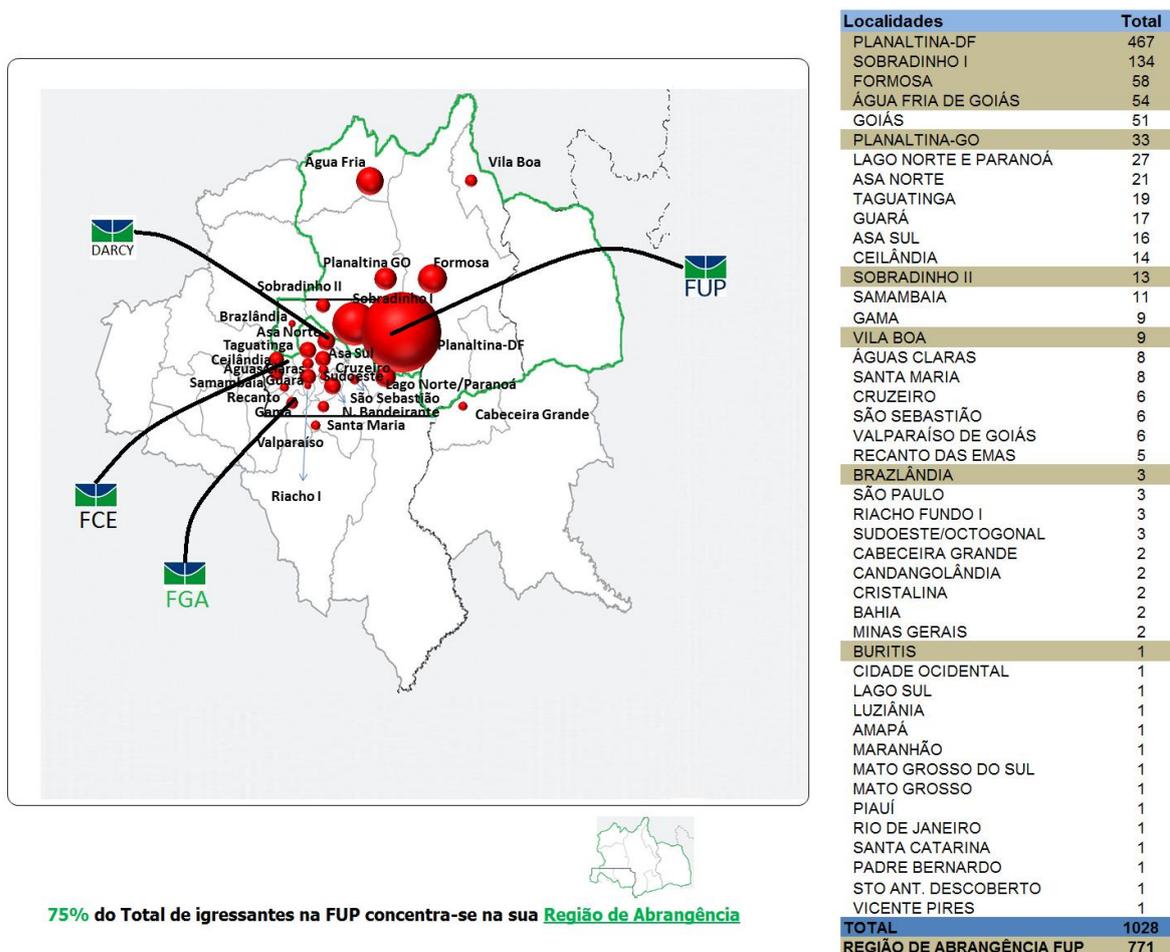
Localidades	Total
PLANALTINA-DF	543
SOBRADINHO I	233
ÁGUA FRIA DE GOIÁS	61
FORMOSA	46
MATO GROSSO	46
ASA NORTE	43
TAGUATINGA	37
PLANALTINA-GO	26
LAGO NORTE E PARANOÁ	24
GUARÁ	21
SOBRADINHO II	21
VILA BOA	21
GOIÁS	15
ASA SUL	14
SÃO SEBASTIÃO	14
CEILÂNDIA	13
CRUZEIRO	10
SAMAMBAIA	9
ÁGUAS CLARAS	8
RECANTO DAS EMAS	8
SANTA MARIA	8
BRAZLÂNDIA	7
MINAS GERAIS	7
GAMA	6
NÚCLEO BANDEIRANTE	5
SÃO PAULO	5
PARK WAY	5
BURITIS	4
LUZIÂNIA	4
RIACHO FUNDO I	4
MATO GROSSO DO SUL	3
SIA	3
VALPARAÍSO DE GOIÁS	3
CANDANGOLÂNDIA	2
CRISTALINA	2
LAGO SUL	2
PARÁ	2
PIAUI	2
PADRE BERNARDO	2
RIACHO FUNDO II	2
VICENTE PIRES	2
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	1
COCALZINHO DE GOIÁS	1
ESPLANADA	1
NOVO GAMA	1
ALAGOAS	1
BAHIA	1
RIO DE JANEIRO	1
RONDÔNIA	1
PIRENÓPOLIS	1
TOTAL	1302
REGIÃO DE ABRANGÊNCIA FUP	962

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Já neste segundo período analisado, com o curso da LEDOC passando a ser voltado apenas à região de abrangência do *Campus*, verifica-se uma maior concentração de ingressantes dessa região citada, com 73,89%.

As cidades de abrangência de Brazlândia e Vila Boa, que não configuravam no Período I, aparecem no Mapa 13 com 7 e 21 ingressantes, respectivamente. O município de Água Fria, que possuía apenas 4 ingressantes no Período I, passou a pertencer a terceira localidade com mais ingressante na FUP, com 61 calouros.

Mapa 14 Período III Ingressantes na FUP (2013 a 2015)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Podemos perceber aqui nesses três mapas relacionados à FUP, assim como no quadro a seguir, que esta Faculdade, nos seus primeiros 10 anos de existência, atingiu 43 cidades do DF e Entorno, além de 15 diferentes Estados do Brasil.

Nos mapas analisados da FUP, como se esperava, a maioria dos ingressantes da FUP são da cidade de Planaltina-DF, por ser a cidade do *Campus*, sempre seguida de Sobradinho I, cidade do DF mais próxima. Durante o percorrer dos 3 períodos analisados, percebe-se também o aumento gradativo do número de ingressantes na FUP da região de influência, atingindo a casa dos 75% no Período III.

Com exceção aos municípios de Cabeceiras e Buritis, todas as demais localidades obtiveram crescimento de ingressantes na FUP ao longo dos três períodos em questão.

Mesmo a FUP sendo o *Campus* mais distante do centro da Capital e do Campus Darcy Ribeiro, predomina-se uma quantidade significativa de estudantes das principais Regiões Administrativas do DF, como Lagos Norte e Sul, Guará, Taguatinga, Asa Norte, Asa Sul e demais cidades localizadas na região sudoeste do DF.

A cidade de Água Fria, junto à Formosa, são as cidades do Entorno que mais possuem ingressantes da FUP. Curioso é Planaltina-GO não configurar entre essas, já que é a cidade do Entorno mais próxima do *Campus*. Todavia, vem obtendo um crescimento de ingressantes considerável durante os períodos analisados, de 12 calouros no Período I para 33 no Período III, conforme Tabela a seguir:

Tabela 13 Variação de Ingressantes FUP por período

localidade	Período I 2006 a 2008	Período II 2009 a 2012	Período III 2013 a 2015	Variação % (Período I e Período III)
PLANALTINA-DF	197	543	467	137,06%
SOBRADINHO I	113	233	134	18,58%
ASA NORTE	39	43	21	-46,15%
FORMOSA	29	46	58	100,00%
ASA SUL	24	14	16	-33,33%
RIO GRANDE DO SUL	18	0	0	-100,00%
GUARÁ	13	21	17	30,77%
MINAS GERAIS	13	7	2	-84,62%
PLANALTINA-GO	12	26	33	175,00%
TAGUATINGA	12	37	19	58,33%
SANA CATARINA	11	0	1	-90,91%
SUDOESTE/OCTOGONAL	10	0	3	-70,00%
LAGO NORTE / PARANOÁ	9	24	27	200,00%
PARANÁ	0	0	0	0,00%
SOBRADINHO II	9	21	13	44,44%
SÃO SEBASTIÃO	8	14	6	-25,00%
MATO GROSSO	7	46	1	-85,71%
ÁGUAS CLARAS	6	8	8	33,33%
SÃO PAULO	6	5	3	-50,00%
CRUZEIRO	5	10	6	20,00%
ÁGUA FRIA DE GOIÁS	4	61	54	1250,00%

Continua

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Período III	Variação % (Período I e Período IV)
	2010 a 2011	2012 a 2013	2014 a 2015	
CEILÂNDIA	4	13	14	250,00%
GAMA	4	6	9	125,00%
LAGO SUL	4	2	1	-75,00%
MATO GROSSO DO SUL	3	3	1	-66,67%
CANDANGOLÂNDIA	2	2	2	0,00%
GOIAS	2	15	51	2450,00%
BURITIS	1	4	1	0,00%
CIDADE OCIDENTAL	1	0	1	0,00%
NÚCLEO BANDEIRANTE	1	5	0	-100,00%
RIO DE JANEIRO	1	1	1	0,00%
PARK WAY	1	5	0	-100,00%
RECANTO DAS EMAS	1	8	5	400,00%
RIACHO FUNDO II	1	2	0	-100,00%
S.I.A	1	3	0	-100,00%
SAMAMBAIA	1	9	11	1000,00%
UNAÍ	1	0	0	-100,00%
VILA BOA	0	21	9	900,00%
SANTA MARIA	0	8	8	800,00%
BRAZLÂNDIA	0	7	3	300,00%
LUZIÂNIA	0	4	1	100,00%
RIACHO FUNDO I	0	4	3	3000,00%
VALPARAÍSO DE GOIÁS	0	3	6	600,00%
CRISTALINA	0	2	2	200,00%
PARANÁ	0	2	0	0,00%
PIAUI	0	2	1	100,00%
PADRE BERNARDO	0	2	1	100,00%
VICENTE PIRES	0	2	1	100,00%
ÁGUAS LINDAS	0	1	1	100,00%
COCALZINHO DE GOIÁS	0	1	0	0,00%
ESPLANADA	0	1	0	0,00%
NOVO GAMA	0	1	0	0,00%
ALAGOAS	0	1	0	0,00%
BAHIA	0	1	2	200,00%
RORAIMA	0	1	0	0,00%

Continua

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Período III	Variação % (Período I e Período III)
	2010 a 2011	2012 a 2013	2014 a 2015	
PIRENÓPOLIS	0	1	0	0,00%
STO. ANT. DESCOBERTO	0	0	1	100,00%
MARANHÃO	0	0	1	100,00%
CABECEIRA GRANDE	0	0	2	200,00%
MÉDIA	9,73	22,07	17,42	202,80%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Percebe-se também a ausência nos 3 mapas ora analisados de ingressantes do município de Cabeceiras, localidade que pertence a região de influência da FUP. Provavelmente este fator negativo possa ser reflexo das características apresentadas no Quadro 3 deste trabalho, por ser uma cidade distante da FUP (99,2km) e pelo tamanho da cidade (7.882 habitantes, em 2015) possuindo apenas uma única escola de nível médio, composta por 347 alunos.

De acordo com a Tabela 13, em geral houve um crescimento do público por localidades de 202,80%. Se levarmos em conta apenas as cidades de influência da FUP, estas representavam 62,44% dos ingressantes no Período I, 73,89% dos calouros do Período II e 75% do Período III, conforme previstos nos mapas 17, 18 e 19.

É permitido então nesse momento, por meio das análises dos mapas e tabelas citados referentes à FUP, inferir que há dispersão geográfica dos ingressantes à Faculdade UnB Planaltina ao longo dos 10 anos da FUP, tendo em vista tanto a quantidade significativa de localidades que a FUP alcançou, considerando o local de moradia dos seus calouros, como ao crescimento em geral dos ingressantes destas localidades atingidas.

Dando sequência a análise da localização geográfica de moradia dos que ingressam na Universidade, partimos assim para observação da Faculdade de Ceilândia - FCE.

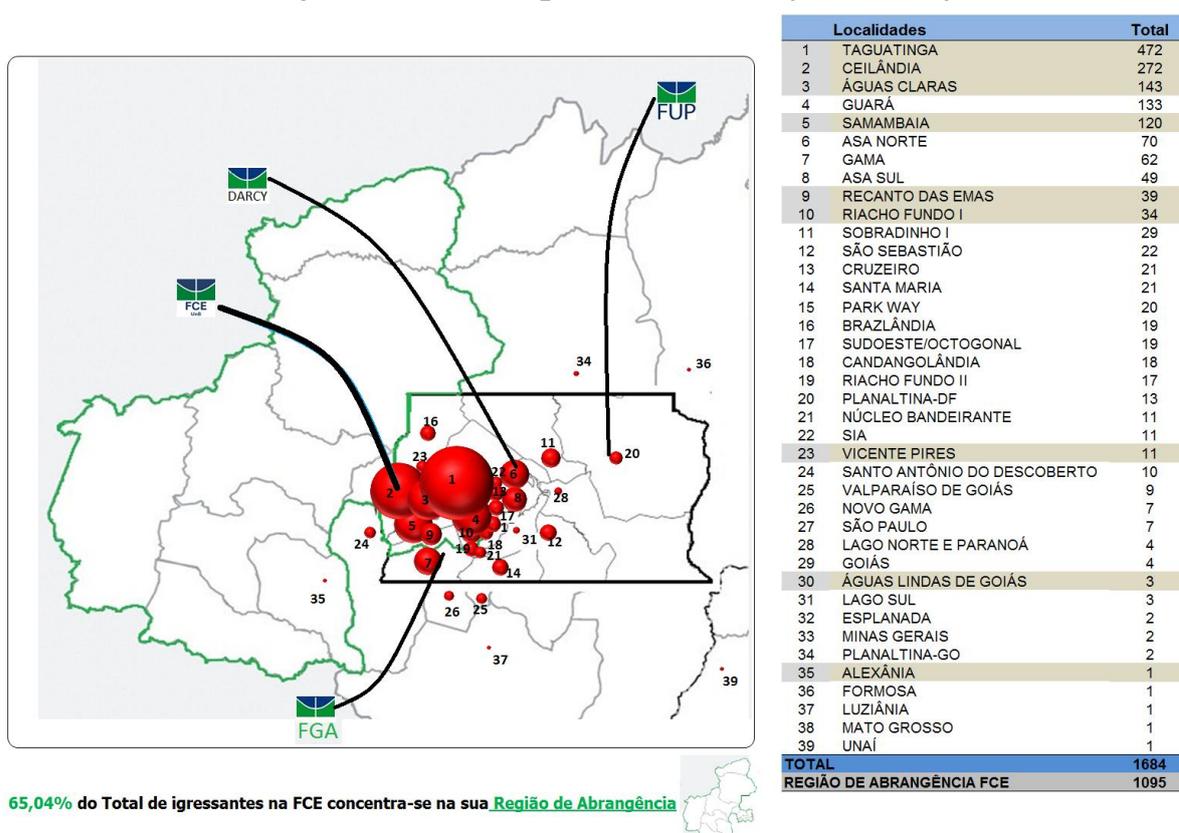
4.8 CALOUROS DA FACULDADE DE CEILÂNDIA DE 2008 A 2015

Este *campus* oferece os cursos presenciais de graduação em Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Saúde Coletiva, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia.

Para melhor análise do quantitativo dos ingressantes, estes foram separados em dois períodos de 4 anos cada, conforme os mapas 20 (total de ingressantes de 2008 a 2011) e 21 (total de ingressantes de 2012 a 2015).

Apesar de estar situado na Região Administrativa de Ceilândia-DF, este *Campus* teve, conforme observado no Mapa 20 referente ao Período I (2008 a 2011), em primeiro lugar ingressantes da região de Taguatinga e não da sua própria região, conforme era previsto. No entanto, Esse campus, apesar de ser localizado em Ceilândia, está a apenas 5km da área habitacional de Taguatinga, região administrativa vizinha a Ceilândia.

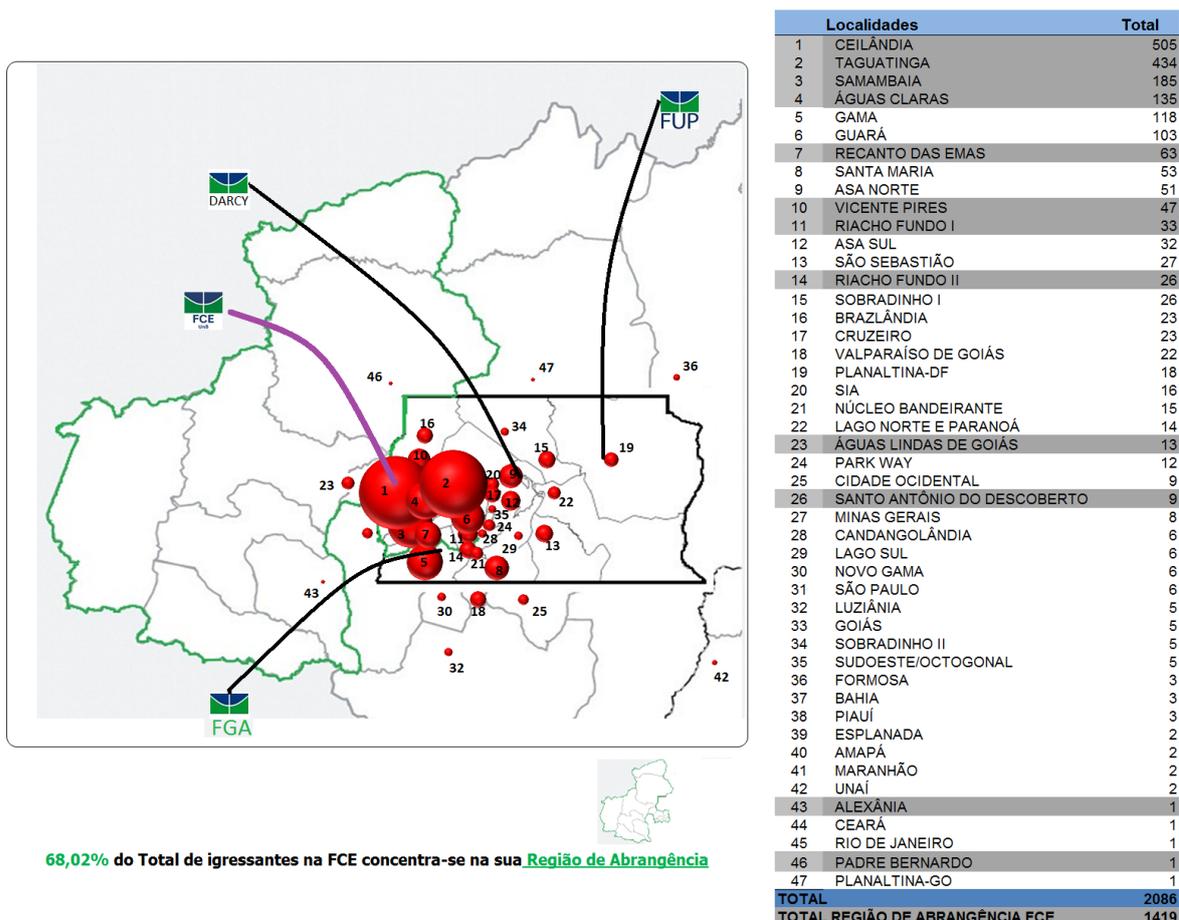
Mapa 15 Período I - Ingressantes na FCE (2008 a 2011)



Todavia, analisando o Mapa 15, percebe-se o significativo crescimento de 85,66% dos ingressantes de Ceilândia do Período I para o Período II, assumindo então a primeira posição das localidades dos ingressantes à FCE, tendo em vista a

diminuição do público ingressante de Taguatinga (-8,05%) conforme Tabela 14 em sequência. Houve, por conseguinte, na transição dos períodos narrados, um aumento na participação relativa dos calouros provenientes de toda a região de influência da FCE, aumentando de 65,04% para 68,02%.

Mapa 16 Ingressantes na FCE (2012 a 2015)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Samambaia e Águas Claras, até mesmo pela proximidade com o *campus*, possuem alta representatividade dentre os calouros, ocupando a terceira e quarta colocações, respectivamente. A Região do Gama também marca presença, com 118 calouros na FCE de 2012 a 2015.

Os municípios de Alexânia e Padre Bernardo, que compõem a região de influência do *Campus*, pouco fornecem ingressantes à FCE, com apenas 1 estudante a cada 4 anos. Conforme apresentado anteriormente no Quadro 3 em análise do Entorno do DF, estes municípios pertencem aos que possuem

características que dificultam o acesso à Universidade, como distância do *Campus*, população pequena, que justifica poucas escolas de ensino médio, tanto públicas quanto privadas.

Tabela 14 Variação de Ingressantes à FCE por período

Localidade	Período I	Período II	Variação %
	2008 a 2011	2012 a 2015	(Período I e Período II)
CEILÂNDIA	272	505	85,66%
TAGUATINGA	472	434	-8,05%
SAMAMBAIA	120	185	54,17%
ÁGUAS CLARAS	143	135	-5,59%
GAMA	62	118	90,32%
GUARÁ	133	103	-22,56%
RECANTO DAS EMAS	39	63	61,54%
SANTA MARIA	21	53	152,38%
ASA NORTE	70	51	-27,14%
VICENTE PIRES	11	47	327,27%
RIACHO FUNDO I	34	33	-2,94%
ASA SUL	49	32	-34,69%
SÃO SEBASTIÃO	22	27	22,73%
RIACHO FUNDO II	17	26	52,94%
SOBRADINHO I	29	26	-10,34%
BRAZLÂNDIA	19	23	21,05%
CRUZEIRO	21	23	9,52%
VALPARAÍSO DE GOIÁS	9	22	144,44%
PLANALTINA-DF	13	18	38,46%
SIA	11	16	45,45%
NÚCLEO BANDEIRANTE	11	15	36,36%
LAGO NORTE/PARANOÁ	4	14	250,00%
ÁGUAS LINDAS	3	13	333,33%
PARK WAY	20	12	-40,00%
CIDADE OCIDENTAL	0	9	900,00%
STO ANT. DESCOBERTO	10	9	-10,00%
MINAS GERAIS	2	8	300,00%
CANDANGOLÂNDIA	18	6	-66,67%
LAGO SUL	3	6	100,00%
NOVO GAMA	7	6	-14,29%

Continua

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Variação % (Período I e Período II)
	2008 a 2011	2012 a 2015	
SÃO PAULO	7	6	-14,29%
LUZIÂNIA	1	5	400,00%
GOIÁS	4	5	25,00%
SOBRADINHO II	0	5	500,00%
SUDOESTE/OCTOGONAL	19	5	-73,68%
FORMOSA	1	3	200,00%
BAHIA	0	3	300,00%
PIAUI	0	3	300,00%
ESPLANADA	2	2	0,00%
AMAPÁ	0	2	200,00%
MARANHÃO	0	2	200,00%
UNAÍ	1	2	100,00%
ALEXÂNIA	1	1	0,00%
CEARÁ	0	1	100,00%
RIO DE JANEIRO	0	1	100,00%
PADRE BERNARDO	0	1	100,00%
PLANALTINA-GO	2	1	-50,00%
MATO GROSSO	1	0	-100,00%
MÉDIA	35,81	43,46	110,01%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

No geral, conforme Tabela 14, o crescimento nas regiões totalizou a média de 110,01% do Período I para o Período II, destacando assim as Regiões Administrativas de Ceilândia, Samambaia, Gama, Recanto das Emas, Vicente Pires e Lago Norte/Paranoá assim como os municípios goianos de Valparaíso, Águas Lindas e Cidade Ocidental. Curiosamente, regiões que pertencem a grupos de elevada renda per capita, como Asa Norte, Asa Sul, Sudoeste/Octogonal, Park Way, Guará e Candangolândia, obtiveram uma redução considerável de seus moradores no ingresso à FCE.

Destacamos aqui ainda a presença dos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Piauí como local de origem desses ingressantes que, apesar de ser pequena esta participação, estão ainda a frente de outras regiões mais próximas.

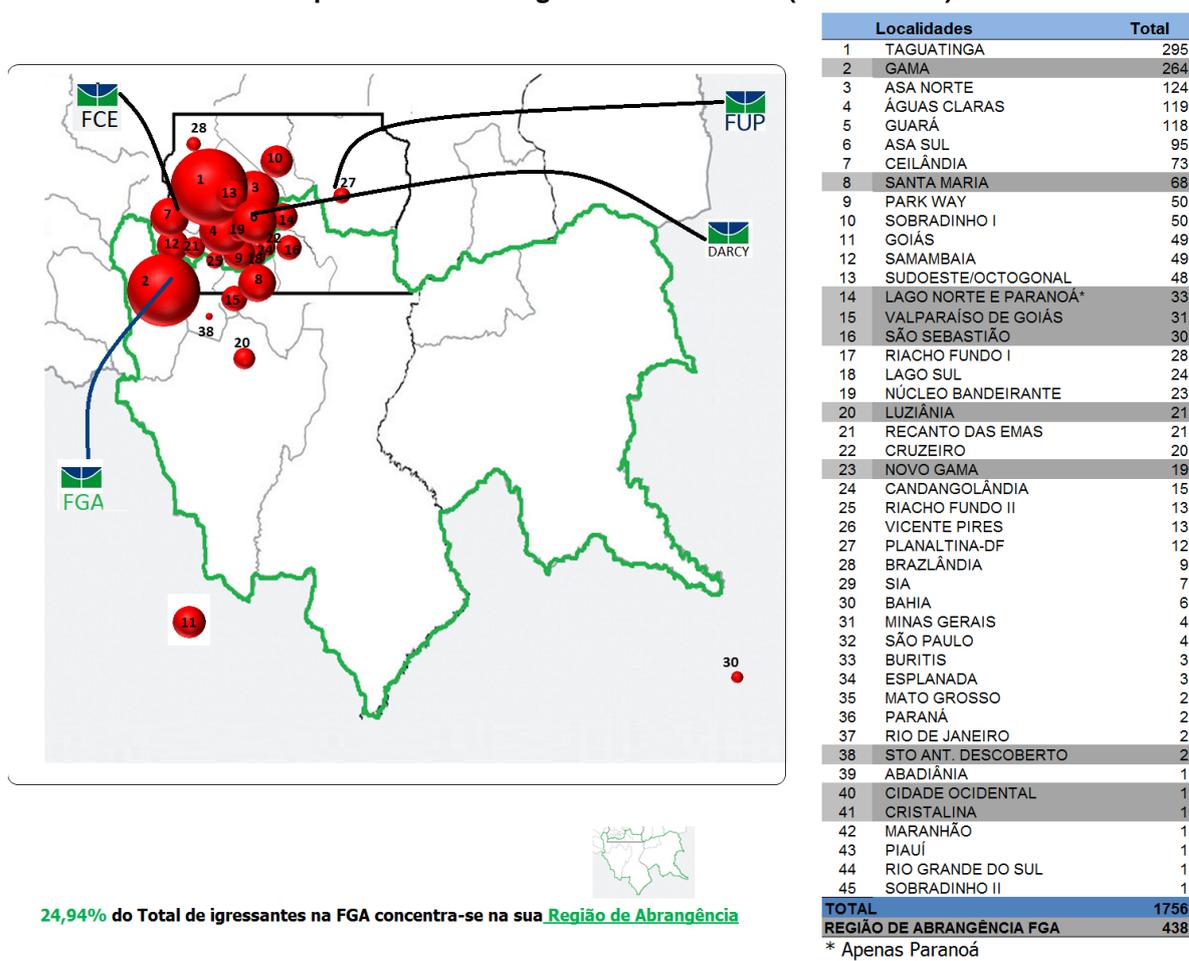
Ao fim dessa observação via mapas da região de abrangência da Faculdade de Ceilândia, identificando os quantitativos de ingressantes por localidade, podemos aqui, dado o dobro de ingressos por cidade ao longo dos 8 anos analisados, as 42 cidades atingidas por esse crescimento além de mais 9 diferentes estados, afirmar que houve dispersão geográfica, ao longo dos 8 primeiros anos de existência da FCE, nas cidades abrangidas pela Faculdade em questão.

4.9 CALOUROS DA FACULDADE DO GAMA DE 2008 A 2015

Para melhor análise do quantitativo dos ingressantes, estes foram separados, assim como a FCE, em dois períodos de 4 anos cada, conforme o Mapa 18 (total de ingressantes de 2008 a 2011) e Mapa 19 (total de ingressantes de 2012 a 2015). As faixas de CEP fornecidas pelos Correios, conforme citadas nos métodos deste trabalho, vieram com as Regiões do Lago Norte e Paranoá utilizando a mesma faixa. Como apenas Paranoá integra a região de influência da FCE e como não foi possível quantificar as duas regiões em separado, foi então incorporado o quantitativo total dessas duas regiões juntas em todas as análises desse Campus nessa dissertação.

Conforme podemos identificar nos mapas 17 e 18 dos Ingressantes à FGA, essa região de influência atinge todas as Regiões Administrativas ao Sul do Distrito Federal, dentre elas Paranoá e São Sebastião. No entanto, os *Campi* de Planaltina e Darcy Ribeiro estão mais próximos dessas regiões do que a própria FGA. Essa incorporação dessas na região de abrangência da FGA é justificada assim não por questões de proximidade geográfica, mas por questões de grau de homogeneidade das características populacionais e socioeconômicas, onde Gama, Paranoá e São Sebastião fazem parte do mesmo grupo de faixa de Renda Per Capita Mensal.

Mapa 17 Período I Ingressantes na FGA (2008 a 2011)



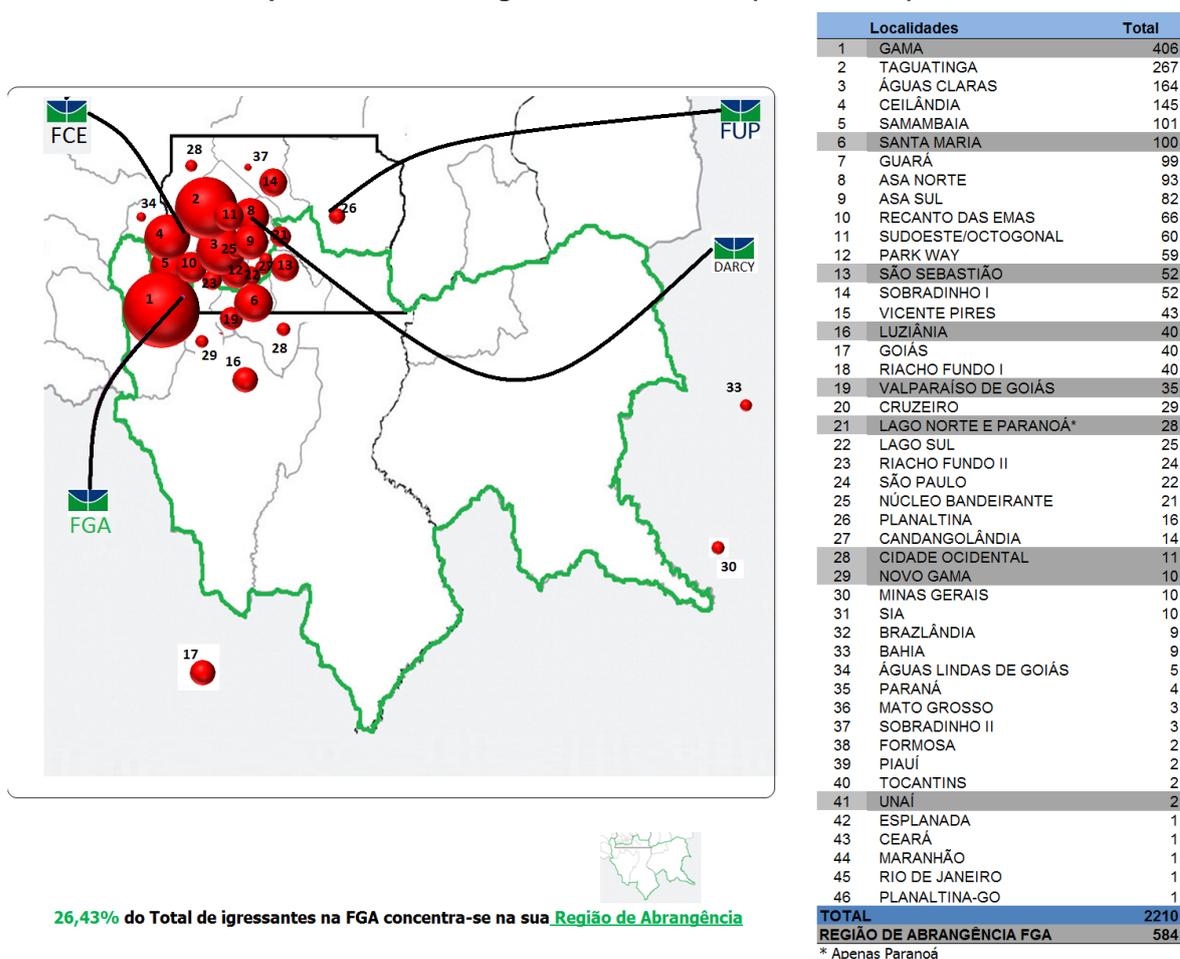
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Assim como ocorrido nos primeiros anos da FCE, a Faculdade do Gama teve em seus primeiros 4 anos, conforme apresentado no Mapa 17, dominada por maioria de Taguatinga, com 295 ingressantes, seguida pela Região do Gama, com 264. Já no segundo período analisado, conforme o mapa a seguir, Gama assume a maioria com 406 calouros, atingindo assim um crescimento de 53,79%, conforme Tabela 14.

Quanto ao crescimento nas outras cidades que fornecem calouros ao *Campus* do Gama, tiveram após análise dos 2 períodos, conforme Tabela 14, um crescimento no geral de 76,23%. Número significativo, no entanto o menor em relação aos outros *campi* analisados aqui.

Este *campus* atinge na prática 50 diferentes regiões, chegando a 12 estados e 38 regiões do DF e Entorno.

Mapa 18 Período II Ingressantes na FGA (2012 a 2015)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Tabela 15 Variação de Ingressantes à FGA por período

Localidade	Período I 2008 a 2011	Período II 2013 a 2015	Variação % (Período I e Período II)
GAMA	264	406	53,79%
TAGUATINGA	295	267	-9,49%
ÁGUAS CLARAS	119	164	37,82%
CEILÂNDIA	73	145	98,63%
SAMAMBAIA	49	101	106,12%
SANTA MARIA	68	100	47,06%
GUARÁ	118	99	-16,10%
ASA NORTE	124	93	-25,00%
ASA SUL	95	82	-13,68%
RECANTO DAS EMAS	21	66	214,29%

Continua

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Variação % (Período I e Período II)
	2008 a 2011	2012 a 2015	
SUDOESTE/OCTOGONAL	48	60	25,00%
PARK WAY	50	59	18,00%
SÃO SEBASTIÃO	30	52	73,33%
SOBRADINHO I	50	52	4,00%
VICENTE PIRES	13	43	230,77%
LUZIÂNIA	21	40	90,48%
GOIÁS	49	40	-18,37%
RIACHO FUNDO I	28	40	42,86%
VALPARAÍSO DE GOIÁS	31	35	12,90%
CRUZEIRO	20	29	45,00%
LAGO NORTE E PARANOÁ*	33	28	-15,15%
LAGO SUL	24	25	4,17%
RIACHO FUNDO II	13	24	84,62%
SÃO PAULO	4	22	450,00%
NÚCLEO BANDEIRANTE	23	21	-8,70%
PLANALTINA	12	16	33,33%
CANDANGOLÂNDIA	15	14	-6,67%
CIDADE OCIDENTAL	1	11	1000,00%
NOVO GAMA	19	10	-47,37%
MINAS GERAIS	4	10	150,00%
SIA	7	10	42,86%
BRAZLÂNDIA	9	9	0,00%
BAHIA	6	9	50,00%
ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS	0	5	500,00%
PARANÁ	2	4	100,00%
MATO GROSSO	2	3	50,00%
SOBRADINHO II	1	3	200,00%
FORMOSA	0	2	200,00%
PIAUI	1	2	100,00%
TOCANTINS	0	2	200,00%
UNAI	0	2	200,00%
ESPLANADA	3	1	-66,67%

Continua

Continuação

Localidade	Período I	Período II	Variação % (Período I e Período II)
	2008 a 2011	2012 a 2015	
CEARÁ	0	1	100,00%
MARANHÃO	1	1	0,00%
RIO DE JANEIRO	2	1	-50,00%
PLANALTINA-GO	0	1	100,00%
BURITIS	3	0	-100,00%
STO ANT DESCOBERTO	2	0	-100,00%
ABADIÂNIA	1	0	-100,00%
CRISTALINA	1	0	-100,00%
RIO GRANDE DO SUL	1	0	-100,00%
MÉDIA	34,43	43,33	76,23%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Universidade de Brasília

Podemos perceber nos mapas referentes à FGA que o público predominante nos ingressos é principalmente da região de influência da FCE, como as Regiões Administrativas de Taguatinga, Águas Claras, Ceilândia e Samambaia, em ordem decrescente. Aparecem ainda com certo destaque dos ingressantes as Regiões do Guará, Asa Norte, Asa Sul, Recanto das Emas, Sudoeste/Octogonal e Park Way. Entre as 13 regiões que mais fornecem estudantes à FCE, apenas 3 são localidades abrangidas por este *Campus*.

Aliás, um fator que chama atenção e merece destaque na descrição dos resultados dessa dissertação é que o Campus do Gama, diferente dos Campi de Ceilândia e Planaltina, possui apenas 24,94% de seus ingressantes concentrados em sua região de influência no Período I e 28,78% no Período II. Determinadas questões podem tentar explicar essa ausência.

Podemos perceber a princípio, até mesmo visualizando os mapas referentes a este Campus em questão, que fatores geográficos não favorecem, já que a FGA está distante da maior parte das cidades abrangidas por ela, tanto as do DF, mencionadas anteriormente, como os municípios do Entorno. Ao contrário, as regiões citadas aqui que mais possuem ingressantes na FGA estão a poucos quilômetros de distância.

Analisando pela demanda por vaga nos vestibulares, os cursos de engenharia oferecidos pela FGA são mais concorridos em relação aos dos demais *Campi*. Segundo o Cespe (2014), os cursos oferecidos pela FGA obtiveram uma demanda de 3,24 por vaga no segundo vestibular de 2014. Já a média de demanda dos cursos da FUP são de 0,77 por vaga nos cursos e a FCE possui uma demanda de 2,86.

Lembramos também a diferença econômica significativa do público das regiões do DF que ingressam na FGA em relação aos moradores da sua região de abrangência. Só observarmos também a diferença da Renda Per Capita do Distrito Federal² (1ª colocada do Brasil), dos municípios do Entorno.

Após as análises deste *campus*, identificamos assim uma dispersão geográfica dos seus ingressantes, apesar desta ocorrer principalmente na região noroeste da sua região de influência, assim como por maioria nas regiões do Distrito Federal.

2

ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Renda_domiciliar_per_capita/Renda_domiciliar_per_capita_2015_20160420.pdf

5 CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo geral investigar a dispersão geográfica dos ingressantes na Universidade de Brasília. Para isso, foram obtidas informações sobre a localidade de moradia de cada indivíduo que ingressou na Universidade de Brasília nos cursos de graduação presenciais no período compreendido entre 2002 e 2015.

Assim, com esses dados obtidos, por meio de métodos estatísticos e por mapas de dispersão geográficos das localidades de residência dos calouros, foi possível testar as hipóteses propostas e responder o problema de pesquisa.

Verificou-se dessa forma que existe dispersão geográfica interna, no Distrito Federal e em seu entorno, quando se identifica, pela visão dos novos *campi* da UnB, que existe uma correlação positiva em relação ao número de vagas ofertadas por estes e o número de calouros das suas regiões de influência.

Ainda com um olhar para o DF e Entorno, podemos perceber neste trabalho, ao analisarmos os mapas referentes a essas regiões, que com o avanço dos períodos analisados, houve uma dispersão geográfica dos ingressantes de sua origem, tanto em aspectos quantitativos, referentes ao crescimento do número desses universitários nessas localidades, como qualitativos, considerando que aumentou a diversificação já que estudantes de novas e diferentes cidades tiveram oportunidades de acesso, pela criação de novas vagas (tanto no Darcy quanto pela criação dos *campi*), dando ao negro e aos desprovidos economicamente novas esperanças de se formarem em uma universidade pública.

Quando partirmos para o cenário externo, analisando estudantes de outros estados brasileiros, pudemos perceber que também há dispersão geográfica, dados os calouros da UnB de todas regiões do país nos períodos analisados também por mapas de dispersão.

Percebemos também, apesar do curto espaço de tempo entre a adesão do SISU e 2015, um aumento significativo do número de ingressantes vindos de outros estados, mas tudo indica que com o programa SISU, que permite estudantes de todo país concorrer a uma vaga na UnB sem se descolar de seu estado, esses

quantitativos possam crescer dentro do esperado, diversificando ainda mais os estudantes dessa Universidade.

Podemos então concluir, tanto internamente quanto no âmbito externo, que há dispersão geográfica dos universitários calouros da Universidade de Brasília, confirmando assim as duas hipóteses levantadas nesse estudo.

Buscou-se também verificar se a Universidade tem obtido êxito nas suas decisões, quanto à expansão, à criação de cotas e à adesão ao SISU, todas voltadas à proporcionar desenvolvimento econômico local por meio de formação de capital humano. Já que foi concluído haver dispersão geográfica, percebendo assim que a Universidade tem conseguido atrair um público cada vez mais disperso geograficamente, produzindo assim, por consequência, pessoal qualificado que contribuirá economicamente com a sua cidade de moradia, temos então como resposta que a UnB tem obtido sucesso nessas decisões, fazendo valer todo esforço dedicado.

Apesar de que neste estudo não tínhamos dados suficientes para verificarmos a influência quantitativa que as cotas universitárias, tanto para negros quanto para estudantes de escolas públicas, causaram no cenário de dispersão geográfica dos universitários da UnB, podemos deduzir que as vagas reservadas nos processos seletivos para esses indivíduos possivelmente têm contribuído de forma significativa nas dispersões geográficas identificadas, assim como na diversificação do perfil desses calouros.

Assim, como previsto no referencial teórico dessa dissertação, quanto a relação positiva existente das universidades públicas no desenvolvimento local na qualificação de recursos humanos, podemos então ratificar com os resultados obtidos nesse estudo que a Universidade de Brasília tem contribuído para o desenvolvimento das cidades do Distrito Federal e entorno, uma vez que a UnB tem formado capital humano destas localidades e que essa formação tem alcançado a cada dia, a partir dos programas adotados por ela (principalmente o sistema de Cotas, Reuni e SISU) mais indivíduos de outras localidades brasilienses e do entorno que até 2005 não se atingiam.

Necessário ressaltar também que em 2017, o *Campus* UnB Planaltina conta com 1.550 estudantes, 5 cursos de graduação, 4 programas de Mestrado e um

doutorado, com 114 professores, sendo 96% com Doutorado e 45 servidores, com diversos programas de pesquisa e extensão. Já a FCE, no mesmo período, dispõe de 153 docentes, 66 servidores, 2316 estudantes dos 6 cursos de graduação e 270 de pós graduação (especialização, mestrado e doutorado). E a FGA, também em 2017, possui um quantitativo de 2560 estudantes, 49 servidores técnico administrativos e 134 professores.

Estes dados indicam uma tendência de consolidação e fortalecimento de um *campus* da UnB, com forte inclusão social, porém voltado para as diversas áreas do conhecimento, construindo parcerias nacionais e internacionais relevantes para o desenvolvimento não apenas de suas regiões de influência mas do País.

Esse trabalho, porém, possuem certas limitações. O levantamento dos dados analisados nessa dissertação foi referentes aos dados que os calouros informam no ato da matrícula ao ingressarem na Universidade, principalmente quanto aos CEP de onde residem. Confiamos assim em ser verídicas essas informações, no entanto sabemos que por vezes, os dados não correspondem ao real local de origem ou mesmo de moradia permanente dos estudantes, sendo, por exemplo, do local de trabalho ou do local mais próximo à Universidade que irão morar por terem sido aprovados.

Ainda como limitação, não podemos durante todo este estudo afirmar sobre causalidade relacionada a dispersão geográfica, já que não foi feita análise que levasse em consideração inferência estatística, ou seja, nesse trabalho chegou-se à conclusão de existência de dispersão geográfica apenas baseado em análise descritiva dos mapas analisados.

Sugere-se então que novos estudos mais profundos possam ser realizados nessa mesma linha de pesquisa, porém voltados a análises de inferências estatísticas, para que assim possam ser obtidos resultados mais expressivos.

REFERÊNCIAS

- AGRESTI, A. **An Introduction to Categorical Data Analysis** Second edition, Wiley, 2007.
- ANDRIOLA, W. B. Doze motivos favoráveis à adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). **Ensaio: aval. pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 107- 25, 2011.
- BIZERRIL, M. X. A.; GUERROUÉ, J.L.L. FUP: a construção coletiva de um campus interdisciplinar, in DINIZ, J. D. A. S.; SARAIVA, R. C. F. Universidade de Brasília: Trajetória da expansão nos 50 anos. Brasília: **Decanato de Extensão/ UnB**, p. 25-29, 2012.
- BLACKWELL, M. COBB, S.; WEINBERG, D. The Economic Impact of Educational Institutions: Issues and Methodology. **Economic Development Quarte**, v. 16, n 1, p. 88-95, 2002.
- BORGES, C. H. L. A. Universidade pública na economia local: os impactos financeiros da UESC nos municípios de Ilhéus e Itabuna. In: **Conj. & Planej.**, Salvador SEI n. 119, p. 27-31, abr. 2004
- BOTELHO JÚNIOR, C. O. **Uma Análise Econômica da Expansão da Educação Superior em Juiz de Fora**. 2004. Faculdade Machado Sobrinho, Juiz de Fora.
- BOVO, J. M. Universidade e comunidade: avaliação dos impactos econômicos e a prestação de serviços. **Fundação Editora da UNESP**, São Paulo, 1999.
- BRITO, M. I. L. **Implementação do Reuni na UnB (2008-2011): limites na ampliação de vagas e redução da evasão**. 2013. 254 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.
- BRUNO, L.. Educação e desenvolvimento econômico no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, 2011.
- BUSSAB, W. O.; MORRETTIN, P. A. Estatística Básica. **Editora Saraiva**, 5ª ed, 2004.
- CAIADO, M. C. S. Estruturação intra-urbana na região do Distrito Federal e entorno: a mobilidade e a segregação socioespacial da população. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 22, n. 1, p. 55-88, 2013.
- CONOVER, W. J. **Practical Nonparametric Statistics**. Third Edition, John Wiley & Sons, 2014
- COSTA, D. M.; COSTA, A. M.; BARBOSA, F. V. Financiamento público e expansão da educação superior federal no Brasil: o REUNI e as perspectivas para o REUNI

2. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 1, p. 106-127, 2013.

COSTA, D. M.; PAIVA, R. V. C.; FERREIRA, J. C. P. A educação Superior tecnológica como um caminho para a expansão da educação superior no Brasil. In: X Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur. **Anais...** Mar del Plata, 2010.

DECANATO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO. **Análise do sistema de cotas para negros da Universidade de Brasília**. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DE OLIVEIRA JR, A. A universidade como polo de desenvolvimento local-regional/The university as a center for local-regional developing-DOI 10.5752/P.2318-2962.2014 v24nespp1. **Caderno de Geografia**, v. 24, n. 1, p. 1-12, 2014.

DOURADO, L. F. **Expansão e interiorização da Universidade Federal de Goiás nos anos 80**: A parceria com o poder público municipal. Anais do IV Seminário Nacional–HISTEDBR-GT–“História, Sociedade e Estado no Brasil”. Campinas, 2004.

DUARTE, E. C. P.; BERTÚRIO, D. L. L. SILVA, P. V. B. Cotas raciais no ensino superior. **Juruá**, Curitiba, 2008.

ELS, R. H. V.; OLIVEIRA, A. B. S. **Implantação do campus da Universidade de Brasília inserção no Gama**: inserção regional e novos desafios. Brasília: UnB, 2012.

FAGUNDES, M. V. C; GIROLETTI, D. A. **Universidade pública e desenvolvimento regional**: um estudo da contribuição da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. UESB, 2014.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de expansão da Universidade de Brasília**. Brasília, 2007.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de expansão da Universidade de Brasília**. Brasília, 2008.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Anuário Estatístico 2013**. Brasília, 2013

GOEBEL, M. A.; MIURA, M. N. A universidade como fator de desenvolvimento: o caso do município de Toledo-PR. **Revista Expectativa**, v. 3, n. 3, 2004.

GÓMEZ, M. R. F.; TORRES, J. C. Discutindo o acesso e a permanência no ensino superior no contexto do SISU (Sistema de Seleção Unificada). **Revista ORG & DEMO**, v. 16, n. 1, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudos sociodemográficos e análises espaciais referentes aos municípios com a existência de comunidades remanescentes de quilombos. **Relatório Técnico Preliminar**. Rio de Janeiro, 2007.

LIMA, R. Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 1, n. 1, p. 217-72, 1980.

LOPES, R. P. M. **Universidade pública e desenvolvimento local**: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2001. 150 f. Diss. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MARTINI, A. F. **As cotas nas universidades públicas brasileiras**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MATHIS, A. Instrumentos para o desenvolvimento sustentável regional. **ADCONTAR**, Belém, v.2, n.2, p.19-30, 2001.

MELO, L. V. S. **Democratização do acesso à educação superior pública no Distrito Federal**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

MELO, L. V. S. **A concepção e a implantação de novos campi da UnB no DF e seus efeitos sobre a democratização do acesso**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

MIDDLEJ, M. M. B. C.; FIALHO, N. H. Universidade e Região. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista. n. 1, p. 171-189, 2005.

MONTAGNER, M. A.; SANTOS, C. E.; FLEISCHER, S. R. A graduação em saúde coletiva no Brasil: um estudo de caso da UnB - Ceilândia. Saúde Coletiva, **Editorial Bolina**, v. 7, nº 42, pp. 167-172, 2010.

MORENO, A. C.; REIS, T. **13% dos calouros no Sisu migram de estado em 2013**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/05/13-dos-calouros-no-sisu-migram-de-estado-em-2013.html>>. Acesso em 03 de mai. de 2017.

MORHY, L. **Plano de expansão da Universidade de Brasília**: Campus UnB-Planaltina, Campus UnB-Ceilândia/Taguatinga, Campus UnB-Gama. Brasília, 2005.

NEWMAN, M. E. J. The structure and function of complex networks. **SIAM Review**, vol. 45, n. 2, pp. 167-256, 2003.

OLIVEIRA, J. F.; DOURADO, L. F.; MENDONÇA, E. F. Universidade de Brasília (UnB): da universidade idealizada à “universidade modernizada”. A Universidade no Brasil: concepções e modelos, **INEP**, Brasília, p. 113, 2006.

PAIVA, V. Sobre o conceito de “capital humano”. **Cadernos de pesquisa**, n. 113, p. 185-191, 2013.

PINHO, D. L. M. et al. **Novos campi**: Ceilândia. 2012. Universidade de Brasília, Brasília.

PRITCHETT, L. Where has all the education gone?. **TheWorld Bank Economic Review**, v. 15, n. 3, p. 367-91, 2001.

REGO, T. C. F. O deslocamento da pedagogia da qualificação profissional para a pedagogia das competências no mundo do trabalho. **Revista Labor**, v. 01, n° 06, 2011.

RIEPER, M. **Como criar um gráfico com mapa do Brasil no Excel**. Disponível em <<https://guiadoexcel.com.br/grafico-mapa-do-brasil/>>. Acesso em 15 de abril de 2017.

ROLIM, C.; SERRA, M. **Ensino superior e desenvolvimento regional: avaliação do impacto econômico de Longo-prazo**. 2009.

SANTOS, J. R. R. **Universidade Pública e desenvolvimento local: a presença da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no bairro do Salobrinho em Ilhéus - Bahia no período de 1991 a 2008**. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

SCHNEIDER, L. **Educação e desenvolvimento: um estudo do impacto econômico da universidade federal no município de Santa Maria (RS)**. UNIFRA: Santa Maria, 2002.

SEVERINO, A. J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 65-71, 2000.

VASCONCELOS, S. D.; SILVA, E. G. Acesso à universidade pública através de cotas: uma reflexão a partir da percepção dos alunos de um pré-vestibular inclusivo. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.[online]**, v. 13, n. 49, p. 453-467, 2005.

VELOSO, T. C. M. A.; LUZ, J. N. N. Os mecanismos de seleção e o discurso da democratização do acesso na perspectiva das políticas educacionais. **Revista Temas em Educação**, v. 22, n. 2, p. 44-59, 2013.

VIANA, G.; LIMA, J. F. Capital humano e crescimento econômico. **Interações**, v. 11, n. 2, p. 137-148, 2010.

WELLER, W. Diferenças e desigualdades na Universidade de Brasília: experiências de jovens negras e suas visões sobre o sistema de cotas. **Política & Sociedade**, v. 6, n. 11, p. 133-158, 2008.

WERTHEIN, J.; CUNHA, C. Fundamentos da nova educação. UNESCO. **Série Educação**, v.5, 2005.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia da pesquisa**. Apostila elaborada para o curso de administração na modalidade à distância. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Justificativa ao projeto de lei**. Disponível em: <<http://www.stu.org.br/wp-content/uploads/2013/05/JUSTIFICATIVA.pdf>>. Acesso em 02 de mar. de 2017.

_____. MEC. Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 18, de 11 de outubro de 2012**. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/cotas/docs/portaria_18.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

_____. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2008**. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/divulgado-o-censo-da-educacao-superior-2008/21206>. Acesso em 15 de março de 2017.

_____. FCE. Faculdade UnB Ceilândia. **Projetos de extensão da FCE**. Disponível em <<http://www.fce.unb.br/extensao/extensao-todos-projetos>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

_____. CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Análise dos dados da PNAD 2012: comparativo DF e Brasil**. Disponível em <<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/2013/ESTUDO%20PNAD%202012%20-%20DF%20X%20BRASIL.pdf>> Acesso em 18 de abril de 2017.

_____. GDF. Governo do Distrito Federal. **Pesquisa Distrital por amostra de domicílios, 2004**. Disponível em <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2004/PDAD_2004.pdf>. Acesso em 12 de março de 2017.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Intensidade dos deslocamentos para trabalho e estudo na Concentração Urbana de Brasília**. Disponível em <ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/tipologias_do_territorio/arranjos_p_opulacionais/mapas_2ed/mapa209.pdf>. Acesso em 8 de abril de 2017.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Renda Domiciliar per capita 2015**. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Renda_domiciliar_per_capita/Renda_domiciliar_per_capita_2015_20160420.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2017.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Arranjos populacionais 2015**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/apps/arranjos_populacionais/2015/pdf/publicacao.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2017.

_____. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PIB dos estados brasileiros**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/pib-dos-estados-brasileiros.htm>>. Acesso em 6 de abril de 2017.